

CURAR O CORPO, SALVAR A ALMA:
AS REPRESENTAÇÕES DO YOGA NO BRASIL

RAPHAEL LUGO SANCHES



2017

Gestão 2015/2019
Universidade Federal da Grande Dourados
Reitora: Liane Maria Calarge
Vice-Reitor: Marcio Eduardo de Barros

Equipe EdUFGD
Coordenação editorial: Rodrigo Garófalho Garcia
Divisão de administração e finanças: Givaldo Ramos da Silva Filho
Divisão de editoração: Cynara Almeida Amaral, Marise Massen Frainer,
Raquel Correia de Oliveira e Wanessa Gonçalves Silva
e-mail: editora@ufgd.edu.br

A presente obra foi aprovada de acordo com o Edital 01/2015/EdUFGD

Conselho editorial:
Rodrigo Garófalho Garcia
Marcio Eduardo de Barros
Thaise da Silva
Marco Antonio Previdelli Orrico Junior
Gicelma da Fonseca Chacarosqui Torchi
Rogério Silva Pereira
Luiza Mello Vasconcelos

Editora filiada à



Revisão: Cynara Almeida Amaral e
Raquel Correia de Oliveira
Projeto gráfico/capa: Marise Massen Frainer
Diagramação, impressão e acabamento: Triunfal Gráfica e Editora – Assis – SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S211c	Sanches, Raphael Lugo. Curar o corpo, salvar a alma : as representações do yoga no Brasil. / Raphael Lugo Sanches. -- Dourados, MS: Ed. UFGD, 2017. 117p. ISBN: 978-85-8147-142-6 Possui referências. 1. Yoga. 2. Brasil. 3. Representações. I. Título.
-------	---

CDD – 613.7

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

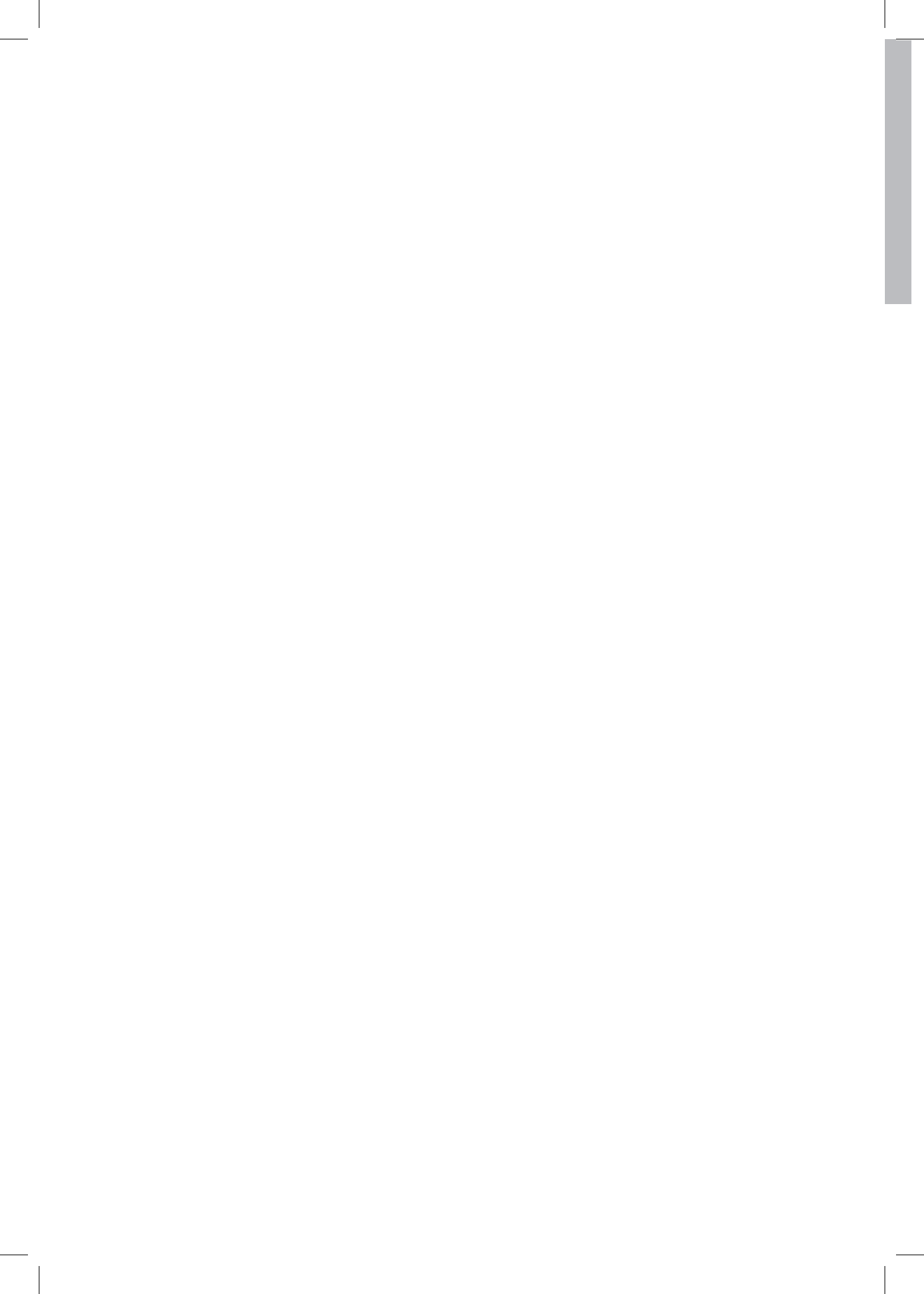
© Todos os direitos reservados. Permitida a publicação desde que citada a fonte.

Agradeço aos meus pais pela possibilidade dessa existência terrena e a todos os familiares e amigos pelo convívio e aprendizado. À companheira Isadora Mayrink, agradeço pelo encontro, pela felicidade dos dias compartilhados e pela disposição em ajudar sempre. Aos meus filhos, Francisco e Benjamim, obrigado pela oportunidade de aprender e de evoluir através da paternidade. À professora Dra. Maria Lúcia Auberre Gnerre, sou grato pelas contribuições na pesquisa e pelo incentivo para desenvolvê-la. Ao professor Dr. Jérri Roberto Marin, enorme gratidão pela orientação e contribuição imprescindíveis na elaboração desse texto.



SUMÁRIO

PREFÁCIO	07
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
Capítulo I: DO YOGA À IOGA: PRÁTICA, ENSINO E DISPUTAS DE PODER NO CAMPO DO YOGA BRASILEIRO	15
Capítulo II: REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS ACERCA DOS PROFESSORES HERMÓGENES E DEROSE	47
Capítulo III: O YOGA DAS REVISTAS	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
BIBLIOGRAFIA	111



PREFÁCIO

O trabalho que o leitor tem em mãos é resultado da pesquisa de mestrado de Raphael Lugo Sanches, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da UFGD, e apresenta um caráter absolutamente pioneiro no âmbito da historiografia brasileira. Afinal, até o presente momento, a própria história do yoga no Brasil parecia não pertencer ao campo da historiografia. Pouquíssimos historiadores haviam feito incursões neste campo¹ e praticamente não havia textos de caráter histórico-analítico sobre esta importante questão.

O que tínhamos disponível sobre este assunto, até o presente momento, eram basicamente relatos de caráter biográfico dos próprios mestres de yoga, cada qual estabelecendo as suas narrativas e os seus regimes de verdades sobre a chegada e o desenvolvimento desta prática em território nacional. Além disso, algumas revistas especializadas em yoga também haviam publicado suas versões a respeito da história do yoga no Brasil. Mas, o que os historiadores podem notar nesses textos é justamente uma série de procedimentos que aprendemos a questionar desde os primeiros anos do curso de graduação em História: narrativas de caráter factual/positivista, histórias feitas para enobrecer determinados personagens e “invisibilizar” outros, disputas por verdades absolutas, etc. Por outro lado, estes textos também constituem um material vasto e riquíssimo, sendo de fundamental importância para empreendermos um olhar historiográfico sobre o tema. Afinal, justamente este montante de “fontes documentais” — composto pelos relatos biográficos somados ao universo das revistas — serviu de combustível para a pesquisa de Raphael Lugo Sanches.

Assim, a obra *Curar o corpo, salvar a alma: as representações do yoga no Brasil* traz finalmente uma reflexão historiográfica sobre o yoga no Brasil, um olhar crítico e descomprometido com determinados regimes de verdades. Isso se torna mais claro ao fim do terceiro capítulo, quando o autor lança uma tese inovadora sobre a questão, ao afirmar que tal história só poderia ser compreendida como uma matriz polissêmica por excelência. Ou seja, a partir das múltiplas vozes que representam diversas abordagens sociais do fenômeno do yoga no Brasil.

1 A este respeito, cf. GNERRE, 2010, 2011.

Consideramos que esta seja uma perspectiva correta e inédita para a compreensão da história do yoga no Brasil, bem como para a compreensão desta história em contextos nacionais específicos pelos quais ela se alastra a partir de sua matriz indiana. A polissemia discursiva do yoga será mais bem compreendida pelo leitor ao longo dos capítulos da presente obra, nos quais o autor nos apresenta desde narrativas biográficas de mestres consagrados até matérias de revistas semanais que tratam dos benefícios do yoga para a saúde, bem como as revistas contemporâneas que mostram as celebridades praticando yoga. Além disso, também são objeto de análise do autor revistas que analisam mantras em sânscrito e priorizam um enfoque voltado para elementos tradicionais da prática, mas sempre com uma característica brasileira. Todas essas vozes compõem um quadro polissêmico a partir do qual podemos ter um vislumbre desta história.

Assim, baseado nessa diversidade de vozes para compor o processo de escrita da história do yoga, o autor nos apresenta no primeiro capítulo as vozes que remetem às origens desta história, através de uma análise da biografia riquíssima de Swami Sevananda — o primeiro professor de yoga radicado no Brasil e que, a partir da década de 1940, percorreu o sul do país num trailer para divulgar elementos filosóficos e práticos do yoga, e acabou por fundar um *ashram*² no município de Resende (RJ).

Após explorar a rica biografia de Sevananda, o autor analisa no capítulo seguinte textos de reconhecidos mestres de yoga que surgiram nos anos posteriores, como Caio Miranda, o famoso mestre Hermógenes (falecido em 2015), e finalmente DeRose.

Justamente no momento histórico da década de 60, quando o yoga começou a se consolidar e a ganhar lugar no campo da espiritualidade brasileira, surgiu em cena a controversa figura do mestre DeRose, o qual estabeleceu uma nova abordagem sobre yoga no Brasil, distanciada em diversos aspectos do que vinha sendo proposto por Hermógenes, por exemplo. Ao apresentar-se como portador de uma “yoga dos antigos”, uma “yoga verdadeira” baseada em textos sânscritos originais, DeRose marca sua ruptura com a perspectiva de José Hermógenes, quem notadamente fazia um esforço de integrar o yoga à cultura brasileira (o que representaria um processo de “deturpação” da prática). Ocorreram incontáveis disputas entre essas duas “escolas” em jornais, em associações e até mesmo em instâncias governamentais. Nos últimos anos, nesse campo de disputa, a mídia especializada vem notadamente tomando partido da posição do mestre Hermógenes.

2 O termo *ashram* deriva do sânscrito *aashraya*, cujo significado é “proteção”. Designa uma comunidade de praticantes (espécie de mosteiro) ou local onde a prática é “protegida” através de uma disciplina espiritual.

Nesse ponto polêmico, a obra também é muito eficaz ao apontar o processo de silenciamento da contribuição de DeRose para a história do yoga no Brasil, sobretudo pelas revistas contemporâneas. Ora, justamente este mestre é o que acrescenta mais polêmicas e controvérsias nessa história, sendo uma figura central para sua escritura. Assim, o presente trabalho traz outra grande contribuição ao apresentar para o leitor uma “geografia da controvérsia” (utilizando o termo de Bruno Latour) que é constitutiva da própria história do yoga no Brasil, sobretudo nos anos 70 e 80.

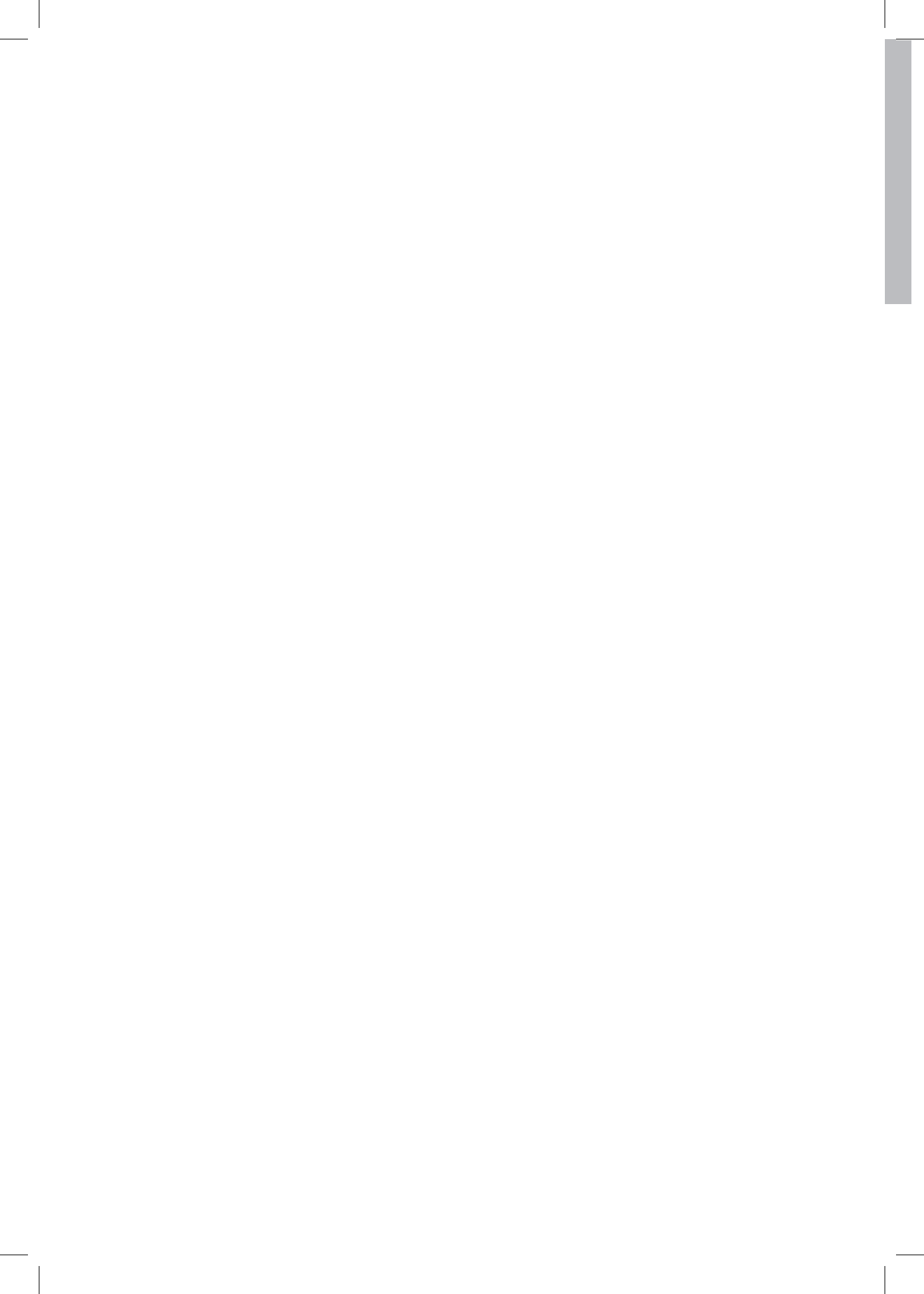
Este é um grande feito historiográfico, já que até a contemporaneidade essa controvérsia vinha sendo silenciada, dando a entender que na história do yoga não poderia haver tais divergências, e tudo devesse ser “puro” e energeticamente equilibrado de acordo com os próprios interesses midiáticos de venda do yoga. Mas nem só de equilíbrio e bom senso se constitui a história do yoga no Brasil. Pelo contrário, o que se observa ao analisá-la, é que justamente esta prática que surgiu na Índia como uma forma de subjugar o ego e os pensamentos — objetivando um estado de transcendência do *si mesmo* individual e de experiência do próprio Brahman inefável — também serviu no Brasil para alimentar disputas por verdades egoicas, que obviamente a distanciaram de seus propósitos originais.

E isso não pode ser silenciado. Afinal, trata-se de uma prática humana, que envolve também todas as qualidades e os defeitos que constituem a nossa humanidade, seja no Brasil ou em outros países. Podemos ainda incluir nessa “humanidade do yoga” as próprias representações presentes nas revistas contemporâneas, analisadas no terceiro capítulo desta obra. Nelas vemos tanto o anseio pelo corpo bonito e saudável quanto o anseio pela erudição ou pelo domínio de termos complicados da tradição — que também representam um anseio egoico. Tudo isso faz parte do universo do yoga, e por que não?

Boa parte dessa diversidade de abordagens e de interesses, que se fazem presentes ao longo da história do yoga no Brasil, também se encontra muito bem articulada no interior da presente obra.

Desejamos a todos uma ótima leitura!

Prof.^a Dr.^a Maria Lucia Abaurre Gnerre
João Pessoa, 06 de maio de 2015.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O yoga sempre esteve sujeito às transformações, mesmo antes de ser apresentado ao Ocidente, no século XIX. Contudo, foi a partir do século XX que passou por modificações e adaptações mais profundas, mesmo na Índia. Feuerstein (2013, p. 16) cita que “na sua viagem da antiguidade à modernidade, o Hatha Yoga passou por diversas transformações”, mas “as adaptações mais significativas ocorreram nas últimas décadas devido às necessidades dos praticantes ocidentais”. Nesse mesmo artigo, Feuerstein (2013) apresenta uma relação com os mais conhecidos estilos de Hatha Yoga. Boa parte das instituições representantes desses estilos possui sede tanto na Índia como na América do Norte, fato que representa muito bem essa migração simbólica do yoga³. No Brasil, sua introdução se deu na década de 1950, e, desde então, foi caracterizada por disputas simbólicas que permearam as entrelinhas da história através de discursos, representações, silêncios e omissões, fato que colaborou para a formação de um campo bastante amplo e polissêmico.

Assim como a palavra *yoga* recebeu diferentes significados e conotações ao longo dos anos, suas representações também passaram por nuances e alterações de sentidos. A palavra *yoga* é um substantivo masculino de origem sânscrita que comporta em si uma gama de significados e práticas que foram sendo desenvolvidas e incorporadas a ela ao longo dos anos. Deriva da raiz *yuj*, “ligar”, “manter unido”, “atrelar”, “jungir” (GULMINI, 2002, p. 13). Designa também “toda técnica de ascese e todo método de meditação” (ELIADE, 2009, p. 20). Por isso, o surgimento de tantas escolas e linhagens distintas que passaram a se autodenominar *yoga*. Etimologicamente, portanto, a palavra refere-se à ação de “ligar”, “unir” ou “juntar” algo que está separado.

Para Nunes (2011b, p. 1), “definir o *yoga* é definir a busca humana”, já que o seu propósito está diretamente relacionado à busca pela transcendência dos

3 Feuerstein (2013, p. 116) aponta doze principais estilos de Hatha Yoga contemporâneos. São eles: Iyengar Yoga; Ashtanha Vinyasa Yoga; Bikram Yoga; Viniyoga; Kripalu Yoga; Yoga Integral; Sivananda Yoga; Ananda Yoga; Anusara Yoga; Hidden Language Yoga; Somatic Yoga.

elementos que condicionam o ser humano. Na Índia, o yoga é considerado um dos seis darshanas⁴, ou seja, uma das seis escolas filosóficas aceitas pelo hinduísmo ortodoxo, podendo ser entendido, portanto, como um ponto de vista do caminho para si mesmo.

Na literatura indiana são utilizadas inúmeras metáforas para se referir a esse estado condicionado do ser humano citado por Nunes, tais como amarração, acorrentamento, cativo, sono, esquecimento e ignorância. Em alguns textos, essa libertação é representada pela conquista da imortalidade através do rompimento do ciclo de nascimentos e de mortes. A Shiva Samhita, texto clássico do Hatha Yoga, escrito provavelmente no século XVII, afirma que, após uma prática constante, o yogin alcança nishpatti-avastha, que é a finalização do eterno fluxo do karma. Dessa maneira, ele bebe o néctar da imortalidade (KUPFER, 2005).

O yoga é considerado uma possibilidade para a superação desses condicionamentos a que quase todos os seres humanos estariam sujeitos, exceto aquele que se libertou em vida do ciclo de nascimentos e mortes (samsara), um Jivanmukta⁵. Logo, o propósito do yoga seria a transcendência da condição humana, de ignorância de *si-mesmo*, por meio da operação de moksha, a imortalidade, a libertação do ciclo de nascimentos e mortes.

No século XIX, a partir do momento em que o yoga foi introduzido no Ocidente com mais notoriedade, começaram a surgir as primeiras representações discursivas e literárias a seu respeito, coexistindo com as representações fotográficas e, anos mais tarde, com as representações audiovisuais que se popularizaram ao longo do século seguinte.

Atualmente é possível perceber pelo menos duas tendências representativas do yoga no Brasil. De um lado, o yoga enquanto um caminho de autoconhecimento vinculado à espiritualidade. Do outro, representações do yoga como meio de obtenção de bem-estar físico e emocional.

Levando em consideração que na Índia o yoga é uma prática tradicional e majoritariamente masculina, tendo se popularizado entre as mulheres apenas a partir do século XX⁶, é intrigante entrar em uma aula/prática de yoga no Brasil e ver que ela é composta em sua maioria pelo público feminino. O mesmo pode ser dito acerca das representações veiculadas em capas de revistas, onde é corriqueira a associação entre o corpo feminino e os benefícios da prática do yoga.

4 No sentido literal, “ponto de vista”; sistema de pensamento indiano, escolas ou visões da Índia antiga.

5 Sri Swami Sivananda é considerado um libertado em vida na tradição do yoga, por exemplo.

6 Indra Devi (1899-2002) foi uma das precursoras, tendo sido aceita como estudante em 1938 por Krishnamacharya, um destacável mestre indiano do século passado. Ao sair da Índia, ela ensinou na China, nos Estados Unidos, no México e na Argentina.

Analisar o campo do yoga no Brasil é um rico exercício histórico. Para tal, dois conceitos foram de grande importância: campo (BOURDIEU, 2004a) e representação (CHARTIER, 2002). Segundo Bourdieu (2004a, p. 29), cada microcosmo social dentro do macrocosmo de uma sociedade, e desta em relação às outras, é constituído por constantes medições de forças e marcado por lutas permanentes para estruturar e manter o controle e o poder sobre determinado ambiente. Esse microcosmo social é denominado de campo e constituído de relações entre agentes e instituições que visam a aquisição do monopólio do capital específico legítimo e/ou da redefinição daquele capital a fim de manterem o controle, o poder ou o monopólio sobre o respectivo campo em que se encontram.

Nesse sentido, o campo do yoga também é objeto de inúmeras relações de forças, de lutas pelo poder, de tensões entre instituições, entre os diferentes agentes e entre esses e os consumidores de produtos desse mercado. Esses agentes, que detêm um capital simbólico específico e vendem um produto, disputam com a concorrência o mercado de bens simbólicos. Assim, combatem os concorrentes, as novas ideias e os pensamentos divergentes a fim de legitimarem as suas posições e se manterem no poder e no mercado. O objetivo é excluir e deslegitimar a concorrência a fim de conquistarem o domínio completo do trabalho do outro. Como veremos, o campo do yoga é marcado por conflitos, tensões e lutas pelo poder.

Chartier (2002, p. 66) afirma que “não há prática ou cultura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo”. As representações estão diretamente relacionadas às práticas, pois elas influenciam a forma como os indivíduos interpretam e se apropriam de uma realidade, de como os indivíduos e grupos compõem suas práticas.

A presente obra está organizada em três capítulos. No primeiro, foram analisadas algumas representações atuais em torno do pioneirismo do yoga no Brasil, onde foi constatado que havia uma disputa simbólica e discursiva acerca da eleição de uma figura precursora. Alguns professores de yoga construíram narrativas que apontavam como precursor o trabalho de Sevananda no ashram construído em Resende, no Rio de Janeiro, na década de 1950. Já a narrativa veiculada pela revista *Prana Yoga Journal* (2007) nem mensurava o trabalho de Sevananda e, por sua vez, elegia outros representantes do pioneirismo do yoga no Brasil, com destaque para os professores Caio Miranda e José Hermógenes. A narrativa produzida por Luiz DeRose, apesar de reconhecer o pioneirismo de Sevananda, Caio Miranda e Hermógenes, tendia para uma autopromoção como sendo ele o realizador da obra mais expressiva no campo do yoga brasileiro. Partindo desses indicativos, foi dada especial atenção às representações sobre Sevananda, como, por exemplo, a biografia

oficial da Igreja Expectante, da qual é considerado cofundador e segundo patriarca, sendo, portanto, uma representação construída fora do campo do yoga.

Tal contexto passou a indicar um processo de disputas em vários níveis dentro do campo do yoga, indo desde representações discursivas até ações políticas, como a eleição de uma data representativa do yoga ou a regulamentação da profissão relacionada à prática. Tais fatos constituíam pontos de disputas pelo poder, tensões e conflitos no concorrido mercado do yoga.

No segundo capítulo foram analisadas as representações em torno da figura dos professores José Hermógenes e Luiz DeRose. A escolha se deu em função do trabalho que eles desenvolveram desde a década de 1960, cada qual a seu modo, que se estende até os dias de hoje. Através das representações biográficas e bibliográficas de José Hermógenes, buscou-se compreender a atual tendência em promovê-lo como pioneiro do yoga e da Medicina Holística no Brasil. Em contraponto, foram analisadas as críticas em torno do método codificado por Luiz DeRose, o *Swásthya Yôga*, e em torno do trabalho desenvolvido por ele.

O terceiro capítulo foi dedicado à análise das capas de revistas, com destaque para a *Prana Yoga Journal* (2006-2012) e o periódico *Cadernos de Yoga* (2004-2014), duas revistas especializadas em yoga com ampla circulação nacional. As representações presentes nas imagens da mídia são possibilidades de compreensão do mundo contemporâneo, já que, ao longo do século XX, as imagens passaram a ocupar lugar de destaque como estimulantes dos olhares e como aparências investidas de potencial comunicativo (SILVA, 2011). Portanto, além de contribuírem para a formação do olhar e da opinião das pessoas que entram em contato com elas, as imagens cumprem essa função de servirem como instrumentos publicitários numa época em que a informação é considerada mercadoria pelos grupos de comunicação. Nesse sentido, as capas de revistas são signos do funcionamento da imprensa (veículo formador de opinião privilegiado) e do olhar que vem se estruturando ao longo dos últimos anos: olhar que busca informações mastigadas, fragmentadas, sintéticas, fugazes, concisas e imediatas. As capas de revistas apresentam uma espécie de síntese composta por imagens em diálogo com enunciados verbais, buscando seduzir o público leitor, que é entendido como consumidor. Elas são o chamariz daquilo que se pode encontrar dentro das revistas (matérias, entrevistas, etc.), bem como uma referência para a (re) formulação do imaginário individual e coletivo dos leitores (POLLAK, 1992). Apesar de contemporâneas, as associações e as representações das revistas analisadas mostraram-se bastante distintas. Daí a necessidade de perscrutar as associações e representações criadas por essas revistas em suas capas, pois tais representações mostraram-se influências significativas na elaboração do imaginário coletivo dos praticantes de yoga.

Capítulo I

DO YOGA À IOGA: PRÁTICA, ENSINO E DISPUTAS DE PODER NO CAMPO DO YOGA BRASILEIRO

Se a história do yoga é um passado envolto em brumas (GULMINI, 2002), a história do yoga no Brasil ainda não teve tempo para ser envolvida por elas. Sua presença no país é recente e a produção bibliográfica acadêmica sobre o assunto foi, e continua sendo, exígua⁷. Simões (2015, p. 91) afirma que “talvez por essa deficiência acadêmica, é bastante comum, mesmo entre antropólogos e sociólogos, envolver o ioga dentro de novas denominações espirituais e sem os limites que o singularizam”. Já na literatura especializada, quando muito, encontramos pequenos panoramas históricos dentro de um ou outro trabalho, com duas ou três páginas dentro dos volumosos tratados de yoga que circulam pelas livrarias brasileiras. Não obstante, esses textos são superficiais e seletivos quanto aos dados explanados e às análises. Daí a observação feita por Caruso (2010, p. 48) de que “a falta de um trabalho de característica séria e científica propiciou que o tema fosse utilizado como ferramenta de marketing de professores que buscavam se estabelecer profissionalmente”.

A construção da história do yoga no Brasil e a busca pelo pioneirismo

Para Mariana Cordeiro (2013), a semente do yoga brasileiro foi plantada pelo francês Swami Asuri Kapila, que chegou ao Uruguai em 1936 e, nesse mesmo

⁷ Em especial, no campo da historiografia, pois já existem inúmeras pesquisas disponíveis na área da saúde, psicologia, antropologia, comunicação, sociologia e, sobretudo, nas ciências da religião, com as quais buscamos dialogar.

ano, teria viajado para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Antes disso, em 1932, Kapila fundou na França o Ramana Ashram — Escola Internacional de Yoga —, cujos ideais estavam pautados no entendimento do Yoga Integral postulado por Sri Aurobindo⁸. Estabelecido no Uruguai, passou a ensinar e a disseminar seus conhecimentos através de conferências e de cursos de formação. Segundo a referida autora, um de seus discípulos esteve no Brasil em 1947, quando participou de um congresso no Rio de Janeiro, onde teria discursado para aproximadamente 5.000 pessoas. Trata-se do francês Leo Alvarez Costet de Mascheville, (Sevananda Swami), que cinco anos depois acabou se mudando para o Brasil. Em função disso, Mariana Cordeiro (2013) e Caruso (2010, p. 50) consideram Sevananda como precursor no ensino de yoga no Brasil:

Indiscutivelmente a prática do yoga no Brasil se inicia com os trabalhos do francês Leo Alvarez Costet de Mascheville (1901-1970), denominado Swami Sevananda, que segundo a própria biografia divulgada pela Ordem que fundou, Ordem dos Sarvas Swamis, instalou-se no Uruguai em 1932, e de lá, parte em junho de 1952, de jipe e trailer por uma jornada pelo Brasil. Ele e sua segunda esposa, Sadhana, chegam a Resende, no Rio de Janeiro em 1953. Existem informações prévias sobre um grupo de estudo de Lages (SC), que não se encontra registro em documentos oficiais. Tenho em mãos cópias oficiais dos documentos de fundação do Monastério Amos-Pax, (AMO significa Associação Mística Ocidental) que possui fundação legal em 29/10/1953 e fundação mística (ou celebração de inauguração, como queira) em 20/11/1953. Nos documentos de fundação, relata-se até a presença do cão Nero que insistiu em assistir.

Segundo Caruso (2010, p. 50) “não há nenhum registro anterior de atividades de aulas de yoga até esta data no Brasil”. André De Rose⁹ (2011) fornece mais informações sobre Sevananda, remontando sua estadia em outros países da América do Sul antes de se radicar no Brasil:

8 Aurobindo Akroyd Ghosh (1872-1950) foi escritor, filósofo, poeta e yogui indiano. Viveu dos cinco aos vinte anos de idade na Inglaterra, onde recebeu instrução educacional. Lutou pela independência da Índia do controle colonial britânico, motivo que o manteve encarcerado entre os anos de 1908 e 1909. Sua companheira espiritual, Mira Alfassa (a Mãe), deu continuidade ao seu trabalho, criando uma comunidade espiritual denominada Auroville, que existe até hoje no estado de Tamil Nadu, no sul da Índia.

9 Manteve-se o primeiro nome do escritor para não ser confundido com seu pai, DeRose, que será referenciado mais adiante.

Após alguns anos na Europa onde além de prestar serviço militar servindo no Estado maior do Exército Francês, participou de uma série de ordens secretas, inclusive a rosa cruz na Europa, Léo viaja para a Argentina em 1923 e atravessa os pampas a pé com um yogi alemão durante seis meses e volta ao Brasil, em 1924, com a esposa Lotússia, que conheceu na frente de batalha como enfermeira de campanha, da qual ganhou uma filhinha. No final da década de 20 a família muda-se para Curitiba onde Leo, conhecido como Sri Sevánanda Swami, funda uma série de ordens místicas coordenadas pelo seu pai, que acaba por morrer em 1943, nesta cidade.

André De Rose compactua com a versão de Caruso, considerando Sevananda como precursor da prática e do ensino de yoga no Brasil. Contudo, remonta à passagem de Sevananda pelo país para uma data mais remota, 1924, onde ficou até 1943, ano da morte de seu pai em Curitiba. Após esse incidente, foi morar em Montevideú, no Uruguai, onde fundou o Grupo Independente de Estudos Esotéricos (GIDEE), que, segundo André De Rose, era uma miscelânea de tradições esotéricas e espiritualistas, tal como yoga, sufismo, kabbala, ayurveda, ciências herméticas, gnose, cristianismo esotérico, entre outras.

Sevananda conseguiu sustentar e dirigir o GIDEE durante alguns anos, mas logo teve que suspender as atividades do grupo, por motivos desconhecidos. É sabido que teria arrumado uma nova companheira após o falecimento de sua esposa Lotússia, e que ao lado dela teria passado períodos financeiros difíceis, tendo vendido apólices de seguros de porta em porta nas ruas de Montevideú. Ao lado de sua nova companheira, Sadhana, resolveram vender suas posses e adquiriram um trailer e um Jipe. Assim,

Em junho de 1952 partem, Sevánanda e Sádhana, dirigindo o jipe, rumo norte a atravessar o Uruguai e Brasil, parando em todas as cidades visitadas e dando palestras públicas a divulgar sob o lema “O sacrifício de Jesus e de Gandhi nos unem a todos” (DE ROSE, 2011).

André De Rose fornece mais detalhes sobre a trajetória de Sevananda antes de retornar ao Brasil, o que constitui uma disputa pela história do yoga no Brasil, já que tal conhecimento dá aos professores autoridade no campo do yoga. Segundo ele, Sevananda teria passado por dois países, Argentina e Uruguai, proferindo palestras sobre conhecimentos esotéricos em geral, entre os quais se incluía o yoga. Sevananda e sua companheira Sadhana denominaram suas peregrinações de Cruzada Continental de Vida Espiritual, na qual falavam sobre o pensamento

de Cristo, Gandhi e do Yoga Espiritual. Em artigo dedicado ao Martinismo¹⁰ no Brasil, é possível encontrar panfletos de divulgação da época, frisando que tal cruzada não tinha qualquer intenção sectária, com palestras abertas a pessoas de qualquer credo. Um desses panfletos nos informa que estiveram em Niterói, Rio de Janeiro, entre os dias 10 e 23 de novembro de 1953, promovendo conferências no Teatro Municipal e em outros locais públicos, com demonstrações práticas do yoga em seus vários aspectos.

Sevananda fazia questão de ressaltar que o yoga que ensinava era de conotação espiritual, diferindo do yoga como prática meramente física. Nesses panfletos, Sevananda se autodenominava escritor, filósofo yogui e espiritualista militante. Ao lado da propaganda de suas conferências, há uma foto sua e de sua companheira trajando vestes monásticas (túnica, cinto, botina e bastão) e uma explicação sobre seu significado: “A nossa vida missionária como Monges Espirituais justifica a Túnica posta sobre as nossas roupas de treinamento da Yoga; constituindo, assim, um real símbolo da união: cristã-yoguística”. (O MARTINISMO..., 2000). Sevananda se posicionava como um missionário cujo papel era propagar ideais espiritualistas. Como monge, buscou unir os ensinamentos práticos e filosóficos do yoga e do hinduísmo aos ensinamentos cristãos, demonstrando que havia muito mais semelhanças do que diferenças entre o que foi propagado por Jesus Cristo e Mahatma Gandhi, por exemplo. Como apontado por André De Rose e constatado no panfleto referenciado, as conferências de Sevananda levavam o título *O pensamento de Jesus e o de Gandhi e os seus sacrifícios nos unem a todos*.

Durante suas conferências no Rio de Janeiro, fundou em Resende, no dia 20 de novembro de 1953, a sede da Associação Mística Ocidental (AMO-PAX), que confluía em um Ashram de Sarva Yoga¹¹ e um Mosteiro Essênio, em uma área de 12 hectares, recebida de doação. Os primeiros meses foram de intensa dificuldade para a manutenção do mosteiro, com pouco recurso e apoio financeiro. Mas logo chegaram novos discípulos vindos até do exterior para formar uma comunidade esotérica que comungava distintas tradições espiritualistas. No ashram, Sevananda reuniu ensinamentos do Ocidente e do Oriente e aplicou sua doutrina

10 Ordem Martinista é uma ordem iniciática com base essencialmente na mística cristã, embora existam algumas linhagens do martinismo que conciliem os ensinamentos da tradição esotérica cristã com os ensinamentos de algumas tradições esotéricas do oriente.

11 Sarva é uma palavra sânscrita que pode ser traduzida por: tudo, completo, integral. Sarva Yoga foi o nome utilizado por Sevananda para designar seu método de Yoga. Um de seus discípulos, Sarvananda, foi responsável por dar continuidade à sua obra, promovendo cursos de formação de instrutores de Sarva Yoga em Belo Horizonte, onde formou e iniciou inúmeros discípulos.

de síntese pessoal. Ali, foram realizadas até mesmo cerimônias matrimoniais de acordo com o sistema da Egrégora Expectante, igreja onde até hoje Sevananda é considerado patriarca, juntamente com mestre Cedaioir, seu pai e fundador da igreja, mestre Thoth e mestra Mariland Diniz Bezerra Nunes (IGREJA EXPECTANTE, 1978).

No mesmo panfleto, de 1953, constava o símbolo da AMO-PAX com uma explicação sobre sua simbologia:

Ostentamos o símbolo da “A.M.O.”, que além da Cruz do Senhor, tem um Coração Humano, indispensável à obra da Paz e do Amor. A Rosa simboliza Jesus e tudo que de belo e puro tem sua doutrina, seu exemplo e seu sacrifício. O Lírio lembra a pureza visível de Gandhi, que triunfou sobre a malignidade. O Loto, à esquerda, lembra a pureza interior sob forma devocional e elevação espiritual, tal como o Oriente o concebe. O Cardo, em baixo, lembra alguma coisa do trabalho pelos caminhos do Mundo, assim como a Sementeira que o tempo e o vento ampliam! (O MARTINISMO... 2000).

Os significados descritos por Sevananda presentes no símbolo da AMO-PAX revelam suas influências e o propósito dessa instituição: unir o pensamento espiritualista do Ocidente e do Oriente. Tal aproximação já havia sido feita anos antes por Vivekananda, mestre indiano que trouxe ensinamentos de Yoga e Vedanta para o Parlamento das Religiões do Mundo realizado em Chicago, em 1893, bem como por Paramahansa Yogananda, que propagou o Yoga na América do Norte no início do século XX, tendo escrito uma obra emblemática em dois volumes, *The second coming of Christ: the resurrection of the Christ within you*, cuja compilação foi publicada no Brasil com o título *A Yoga de Jesus*¹².

A partir dessa perspectiva, a sede da AMO-PAX teria sido o primeiro espaço de prática e estudo de yoga instalado no Brasil. Caruso (2010, p. 51) teve acesso a alguns documentos desse estabelecimento e, após analisá-los, afirmou que “em material da própria AMO-PAX, havia muitos horários de práticas meditativas entre os trabalhos do monastério, mas o material apresenta com especial

12 Nessa obra, revela o yoga oculto no Evangelho, afirmando que Jesus, assim como os mestres antigos do Oriente, conheceu e ensinou esse caminho universal de realização divina aos seus discípulos mais próximos. Yogananda afirmou que Jesus esteve na Índia durante os anos desconhecidos de sua vida e que os princípios e métodos do yoga são equivalentes aos ensinamentos dos santos e místicos cristãos.

destaque as práticas de yoga ministradas por Vayuananda (Juan Carlos Ovídio Trotta)”.

Vayuananda era capitão de corveta e foi discípulo de Swami Asuri Kapila, dirigindo uma de suas escolas em Buenos Aires, na Argentina. Fazia viagens constantes com seu mestre a Montevideú, no Uruguai, e foi considerado seu sucessor no Brasil e na Argentina após 1955. Residiu durante algum tempo no ashram em Resende e na década de 1960 passou a dar aulas de yoga no Rio de Janeiro, onde fundou a Academia de Yoga Vayuananda. A partir de 1963 passou a oferecer cursos de formação de professores. Ele também foi presidente da Associação Uruguiaia de Yoga e presidente honorário da Escola Internacional de Yoga.

Outro pioneiro do yoga no Brasil foi o francês Jean Pierre Bastiou (Hridayadasa), que chegou ao país em 1952, também foi ordenado monge pela AMO-PAX e, em 1958, passou a ensinar em sua própria academia, no Rio de Janeiro. Bastiou era discípulo de Swami Sivananda, com quem manteve contato ao longo de suas viagens para a Índia. Em 1965, publicou, pela editora Freitas Bastos, sua obra *Encontro com Yoga: um Yoga brasileiro na Índia*, em que narrou suas experiências e encontros com mestres indianos. Em 2002, publicou a obra *Globe-Trotter da Consciência: do Yoga à Conscienciologia*, na qual retratou sua biografia e traçou um paralelo entre o yoga e a conscienciologia¹³.

O ashram fundado por Sevananda em Resende encerrou suas atividades em junho de 1961. Seus discípulos se dispersaram e apenas um pequeno grupo seguiu o mestre para Lajes, em Santa Catarina, onde foi fundado o retiro Alba Lucis. Um panfleto da década de 1950 informa que Alba Lucis (Alvorada da Luz), foi um movimento destinado a despertar a vida espiritual no continente americano, tendo como campo de ação a América Latina e o Brasil como primeiro país de germinação, com sede legal na cidade São Sebastião, no Rio de Janeiro. Sevananda e sua companheira eram responsáveis pela propagação desse movimento durante a Cruzada Continental de Vida Espiritual. Estavam também envolvidos no movimento Swami Satichidananda (Puri), responsável por trazer o conhecimento dos Vedas, do Yoga Tradicional e da Medicina Ayurvédica. Trouxe também V. M. Ayrandasá, que na ocasião era mentora de Agla-Avis e responsável por preparar metodicamente pessoas e instituições interessadas em disciplina espiritual. Por fim, era citado o nome de Vayuananda como representante da As-

13 É considerada uma ciência não convencional, cujos princípios foram propostos pelo médico e médium Waldo Vieira (1932-). Entre outras coisas, ocupa-se do estudo dos fenômenos parapsíquicos, como por exemplo, as experiências extracorporais.

sociação Mística Ocidental. O movimento Alba Lucis era uma missão espiritual assumida por representantes de diversas tradições e instituições, cujo objetivo era divulgar ensinamentos relacionados à solução de problemas sociais, morais, políticos, ecológicos e econômicos:

A razão de sua origem é apenas a necessidade, urgente, de aumentar o número de pessoas, cuja vida tenha suficiente moralidade, dignidade, utilidade coletiva e real sentido espiritual, para ajudar a equilibrar o egoísmo, a imoralidade e a indiferença humanas, que estão causando todas as calamidades sociais, internacionais, advertências sísmicas e outras da Natureza e que ainda nos trarão maiores e inevitáveis castigos. (O MARTINISMO... 2000).

Para tal, suas lideranças anunciavam que um intenso e pertinente trabalho seria realizado “com toda a disciplina de um profundo respeito às leis civis do país” e que através de sucessivos manifestos públicos dariam a conhecer “as várias etapas de realização do movimento Alba Lucis”. O movimento ainda contava com a colaboração de seus membros para a “formação de núcleos coloniais, destinados a implantar a produção agrícola honestamente orientada” e “também devolver à vida natural aquelas pessoas que aspirem a uma vida harmonizada”. Ao que parece, a sede da AMO-PAX fundada em Resende, em 1953, era um desses núcleos coloniais. Além dessa área, é dito que Sevananda recebeu de doação 1.250 hectares de excelentes terras em Mato Grosso (O MARTINISMO... 2000). Contudo, não encontramos outras referências sobre a fundação de núcleos coloniais, tampouco a passagem de Sevananda pela região.

O Sevananda da Igreja Expectante: uma biografia

É possível obter mais informações a respeito de Sevananda na biografia publicada pela Igreja Expectante¹⁴ (1991), da qual é considerado um dos nove fundadores, ao lado de seu pai, o aristocrata francês Visconde Albert Raymond Costet de Mascheville, conhecido pelo nome místico de Cedaioir. Tal biografia

14 A Igreja Expectante foi fundada em 17 de agosto de 1919, em Buenos Aires, na Argentina. Foi registrada no Brasil em 13 de janeiro de 1954 e possui sede legal em Guarapari, no Espírito Santo, desde 16 de agosto de 1991.

foi elaborada com base nos relatos de sua companheira e discípula, Sadhana, nas anotações de seus discípulos e nos dados autobiográficos contidos na sua obra *O homem, esse conhecido*¹⁵, publicada em 1953.

No final do século XIX, Cedaior, que era violonista, e sua esposa, notável pianista, foram enviados para Khedive, no Egito, sob pretexto de dirigir concertos musicais. Contudo, a real intenção dessa viagem foi uma missão recebida da Ordem Martinista, para realizar averiguações a respeito das ordens místicas na terra dos faraós. Sabe-se muito pouco sobre os resultados dessa viagem, além do que foi descrito no *Livro das Leis de Vayu*, publicado em 1989, pela Igreja Expectante.

A biografia não é precisa quanto às datas, mas informa que, em dado momento de sua infância, Leo Alvarez Costet de Macheville e seus pais emigraram para a América do Sul e se radicaram em Buenos Aires, Argentina. Leo é apresentado como uma criança inquieta e inquiridora, cujo contato com assuntos místicos se deu muito cedo, época em que um mestre se materializava com frequência em sua casa para trazer ensinamentos para seus pais, tal como ele mesmo relatou em seus escritos posteriormente. Seu biógrafo o apresenta como um pesquisador nato, pois desde a infância preferia as experiências solitárias às brincadeiras em conjunto com outras crianças. Em 1913, aos doze anos de idade, foi matriculado em um colégio Marista, onde presenciou um dos seus superiores praticando atos sexuais com outros alunos e denunciou o fato, sendo transferido do colégio pelos seus pais. Consta que esse episódio mudou drasticamente suas convicções religiosas e que a partir desse momento seu pai passou a lhe dar instruções espirituais, tornando-se seu primeiro mestre. Nessa época, Leo recebeu seu primeiro codinome místico, Etienne, em homenagem à Etienne Dolet (1509-1546), um eminente tradutor francês.

Leo é sempre representado como um jovem que gostava de ler e de estudar, por ter conseguido o título de Bacharel em Ciências como o primeiro lugar da turma e por ter ingressado na universidade com uma licença especial, antes de alcançar a idade regular. Além disso, engajou-se aos movimentos revolucionários, pichando paredes e rasgando cartazes do governo em atividades clandestinas. Na universidade, estudou química industrial e filosofia.

15 Sua primeira edição foi publicada em Córdoba, na Argentina, em 1951, sob o título *Yo que caminé por el mundo*, onde traça uma síntese da sua doutrina pessoal admoestando o discípulo rumo à Realização. O título em português foi escolhido por um discípulo a partir de uma carta escrita em 1958 por Polymnia a Sevananda, onde relatava suas experiências, sensações e compreensões advindas da leitura de sua obra. Trata-se um trocadilho em relação à obra de Alexis Carrel, *O Homem, esse desconhecido* (SEVANANDA, 1986).

[...] aos 16 anos, já dava, nos centros operários e socialistas, conferências sobre citologia (ciência que estuda as células), evolução biológica e geológica, entre outras. Demonstrando que tinha interesse em saber e divulgar, ao mesmo tempo, fazia tudo o que podia alcançar. Enquanto seus colegas iam aos bailes ou reuniões sociais, dava palestras nos centros operários e estimulava as vocações ao estudo. A própria iniciação sexual, recebida da clássica “mucama” ou empregada da mãe, com 15 anos — como usava-se na França naquela época, hábito que seu pai teve cuidado de trazer para evitar maiores contratemplos — não conseguiu deter sua atenção mais prolongadamente. Estava convencido de que casaria cedo e que teria uma só filha, o que sabia interiormente sem o saber explicar, razão pela qual não se interessava pelas aventuras corriqueiras de seus colegas. (IGREJA EXPECTANTE, 1991).

O texto não informa com precisão quais seriam os movimentos revolucionários em que ele esteve engajado, nem o governo que contestava. Seu biógrafo preserva tal representação ao longo de todo o texto, ou seja, de que Leo era contido quanto às festas e reuniões sociais, preferindo se entregar aos estudos e às atividades de auxílio aos outros. Em 1918, aos dezessete anos de idade, passou por uma experiência marcante que o levou a concluir que a química orgânica era incompleta e que os alquimistas possuíam certa razão em suas afirmações. Motivado por essas questões, foi até a Biblioteca Nacional de Buenos Aires e pediu certa obra de Paracelso. Então, “apenas a abriu e, ao tocá-la, ocorreu-lhe um fato notável: sem encontrar-se em nenhum ‘estado especial’, lembrou, de golpe, todo o conteúdo do livro, que não tinha tocado antes” (IGREJA EXPECTANTE, 1991). Esse fato teria lhe ocorrido mais de uma vez, com diversas obras.

Em função desses acontecimentos, diminuiu seu interesse pelas questões sociais e passou a se dedicar aos assuntos relacionados à espiritualidade. Dos dezessete aos vinte anos de idade, serviu a seu pai como “instrutor das coisas do espírito”, e já retransmitia tais assuntos a grupo de pessoas interessadas, que passaram a segui-lo e, apesar da sua pouca idade, respeitá-lo como mestre.

Nesse período, se entregou à procura transcendental e, ao lado de seu pai e de mais sete integrantes, fundou, em 1919, a Igreja Expectante¹⁶, onde

16 De acordo com o texto oficial da Igreja Expectante, trata-se de uma igreja que busca reunir aspectos espiritualistas universais, prezando pelo respeito e a unidade das religiões. O termo expectante designa um estado de espera e observação, com esperança por dias melhores, uma humanidade mais fraterna e a vinda do Cristo.

hoje é venerado como segundo patriarca. Em função dessa ocasião, foi-lhe dado o codinome místico Krimi. Quando ainda tinha vinte anos de idade, descobriu que sua mãe estava tramando um casamento arranjado com uma moça da nobreza francesa para lhe assegurar o título de visconde, fato que o fez sair de casa na data do seu aniversário, 22 de março, e juntar-se a um yogui¹⁷ que tinha conhecido anos antes. Tal evento é narrado por seu biógrafo como uma renúncia à sua posição social, aos seus bens materiais e, até mesmo, à sua família.

Essa versão biográfica informa que Leo passou algum tempo peregrinando pela Argentina ao lado desse yogui, conhecendo pessoas, lugares e, sobretudo, seu próprio companheiro de caminhada. Contudo, não é precisa quanto à duração desse período de sua vida, mas informa que um determinado acontecimento o fez desgostoso quanto ao seu companheiro, abandonando-o e seguindo viagem sozinho até certa cidade portuária, onde garantiu seu sustento carregando e descarregando embarcações de carvão durante o dia e dando conferências sobre assuntos místicos à noite. Naquela época apareceram seus primeiros discípulos, mas Leo não tardou muito nesse local e foi para a cidade de Mendoza, ao encontro de seu pai, onde viveu alguns anos como companheiro e ajudante em seus estudos e atividades místicas. Posteriormente, foi convocado para o serviço militar na França, por ocasião da Primeira Guerra Mundial (IGREJA EXPECTANTE, 1991). A unidade militar da qual Leo fazia parte foi enviada à Alemanha como tropa de ocupação. Sabendo disso, seu pai havia lhe dado a incumbência de entrar em contato com fraternidades e organizações místicas da Europa, averiguando as condições e as atividades, inclusive na Alemanha. Apesar de ter aceitado cumprir com suas obrigações militares, enquanto cidadão francês, a narrativa da Igreja Expectante apresentava um Leo Costet mais comprometido com o auxílio humanitário que com a atuação militar nesse contexto belicoso. Assim,

Dados os seus conhecimentos gerais, foi chamado a trabalhar no serviço de saúde e no Estado Maior do Exército, não precisando empunhar arma, cumprindo-se assim o que tinha percebido espiritualmente, que “jamais teria que tocar num fuzil”. Sua posição aqui também permitira-lhe entrar em contato com tropas e oficialidade de várias nacionalidades, inclusive com o inimigo vencido, que ajudou onde e como podia, utilizando-se do seu “passe livre”, conseguindo alimento para os alemães famintos, ao ponto de chegar a ser admoestado por seus superiores por causa de sua “família-

17 Termo usado para designar um praticante de yoga. Para a acepção feminina, usa-se yogini. No Brasil também é comum o uso do termo aportunegado, iogue.

ridade” com os inimigos [...] Fez experiências e curas magnéticas nos hospitais militares em que trabalhou, aprendendo que todas as oportunidades são boas para servir. (IGREJA EXPECTANTE, 1991).

Muitos dos fatos narrados na versão biográfica da Igreja Expectante são apresentados como previamente já conhecidos por Leo através de sua sensibilidade espiritual, como por exemplo, o fato de não precisar empunhar armas durante a guerra ou de casar-se com Jeanne, uma enfermeira francesa que trabalhava na linha de frente do combate à cólera e as demais pestes que assolavam a Europa no pós-guerra. Na ocasião, Leo tinha vinte e dois anos de idade, Jeanne estava com trinta e sete anos e sofria com sintomas da tuberculose. Jeanne se tornou uma buscadora espiritual junto com Leo e recebeu o codinome místico Lotúsia.

Assim, nas representações construídas pelo biógrafo, seus propósitos espirituais continuaram durante a guerra, onde auxiliou o inimigo e operou curas magnéticas. Com o término da guerra, o casal navegou o Oceano Atlântico e se radicou em Santa Catarina, no Brasil, onde Leo começou a prover o sustento como agrimensor e realizar trabalhos espirituais como martinista, quando assumiu o codinome místico Jehel. Em seguida, mudaram-se para o estado de Goiás e, depois de sete meses de convivência, teriam presenciado a anunciação da vinda de Núni, sua única filha que “nasceu no dia, hora e minutos em que Jehel o tinha calculado antecipadamente” (IGREJA EXPECTANTE, 1991). Esse fato também é narrado por ele na obra *O homem, esse conhecido*. Nesse período, exerceu inúmeros ofícios para assegurar o sustento da família, como por exemplo, agrimensor, administrador de circo, cônsul da Alemanha, vendedor de seguros e fabricante de óleos lubrificantes para automóveis. Em meio a tudo isso, ocupou-se como instrutor martinista e com a maçonaria, da qual era participante ativo. Em função dessas atividades místicas, ausentava-se com frequência de sua residência e foi em uma dessas viagens que Jeanne foi vitimada por um ataque de tuberculose, considerada incurável. Núnia, que na ocasião estava com quatorze anos de idade, decidiu pela eutanásia para não prolongar o sofrimento da mãe. Conta-se que Leo não conseguiu chegar a tempo para velar sua companheira.

À época do falecimento de Jeanne, Leo era assíduo nas atividades que ocorriam nos círculos maçons. Um de seus companheiros mais próximos, um arquiteto alemão cujo nome não é conhecido, estava sofrendo de uma cirrose hepática que veio a vitimá-lo pouco tempo depois. Mas antes, fez Leo prometer que cuidaria de sua viúva. Cumprindo sua promessa, casou-se com a viúva do companheiro alemão, Martha, que, além de companheira, tornou-se sua discípula sob o

codinome místico Luise. Esses fatos ocorreram em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde Leo e sua nova parceira conseguiram uma maior estabilidade material. Nessa cidade, conheceu Asuri Kapila, que é apresentado na narrativa da Igreja Expectante como seu “principal colaborador e discípulo”, diferentemente da narrativa de Mariana Cordeiro (2013) que apresenta Kapila como mestre de Sevananda. De qualquer forma, a partir desse contato, suas relações se estreitaram e Leo foi, algumas vezes, a Montevidéu e Buenos Aires para proferir palestras. Foi quando ele, Martha e Núnia se mudaram para Montevidéu e

[...] em maio de 1942, fundaram o Grupo Independente de Estudos Esotéricos (GIDEE), verdadeira Universidade Espiritual, onde se formou um excelente grupo de Instrutores a ensinar desde o Esoterismo Oriental e Ocidental, à Astrologia, Androgonia, Alquimia, Magia, a Kabala, Balzac, Papus e Philippe. (IGREJA EXPECTANTE, 1991).

Essa data de fundação do GIDEE difere da informada por André De Rose (2011), que afirma que Leo saiu de Curitiba em 1943, ano de falecimento de seu pai, onde estava desenvolvendo uma série de atividades místicas coordenadas por ele. Contudo, na versão oficial da Igreja Expectante, Leo saiu de Porto Alegre em 1942, quando fundou essa Universidade Espiritual onde professava os ensinamentos de Philippe de Lyon¹⁸ entre diversas correntes esotéricas. Como meio de divulgação desse trabalho, fundaram a revista *La Iniciación*, que perdurou até 1948.

Nesse ínterim, a filha de Leo se casou e foi morar em Buenos Aires. Esse período é representado no texto como uma fase de intenso trabalho espiritual, mas de muita penúria material para Leo e sua companheira. Para suprir as necessidades materiais, Leo tornou-se representante dos óleos Castrol no Uruguai, mas por algum motivo esse empreendimento não vingou. Então trabalhou como corretor e revisor no jornal *La Tribuna* e distribuiu artigos de roupas para as lojas. Consta que nessa época o casal chegou a passar fome e que muitos dos seus discípulos nem imaginavam que o mestre estava vivendo nessas condições materiais.

18 Nizier Anthelme Philippe (1849-1905) foi um influente ocultista francês ao qual são atribuídas inúmeras curas taumaturgas, cujos ensinamentos estavam ancorados no Evangelho e na vida de Jesus Cristo. Sevananda escreveu uma obra em quatro volumes sobre sua vida e seus ensinamentos, O Mestre Philippe, de Lyon, publicados entre 1958 e 1959.

Certo dia, esperando o ônibus em pleno sol, Martha, que estava usando o nome místico de “Luise”, caiu desmaiada — de fome. Nenhum discípulo soube disso nem sequer se lhes ocorreu perguntar ao Mestre se tinha almoçado enquanto lhes faziam perguntas de cunho espiritual, procurando usufruir da grande experiência e sabedoria que este homem possuía. (IGREJA EXPECTANTE, 1991).

Leo, que então atendia pelo codinome místico Jehel, angariou inúmeros discípulos, gozou da condição e do respeito de mestre, mas passou por condições de penúria material. Afastou-se dos círculos intelectuais, onde era conhecido por Doutor Jehel, e também da Ordem Martinista da América do Sul, da qual foi presidente. Foi nesse período de dificuldades que teria se encontrado com um senhor de idade já avançada, que se apresentou como emissário da Fraternidade Branca. O senhor trazia consigo um pequeno baú com livros e documentos, objetos de culto e, em especial, o contato direto com a hierarquia da organização que representava, o Suddha Dharma Mandalam (SDM)¹⁹. Tal organização possuía sede no Himalaia e naquele tempo era representada pelo seu Iniciador Externo na Índia, o guru Subramyananda, com quem Leo passou a se comunicar espiritualmente. Nesse ponto da narrativa, o biógrafo afirma que, após o falecimento do guru, Leo foi iniciado como representante, iniciador externo e sucessor de Subramyananda, quando recebeu o codinome místico de Sevananda Swami, como ficou conhecido no campo do yoga e na Igreja Expectante.

Acessando o site da SDM, obtêm-se mais informações a respeito dessa organização, seu propósito e de sua linhagem sucessiva. Nos artigos e textos do site, não há alusões ao encontro de Sevananda com o referido guru. Quando se falou da presença dessa organização na América do Sul, referiu-se a Sri Vajra Dasa (1916-1984), que foi considerado instrutor continental e responsável por disseminar e enraizar os princípios e as práticas dessa organização em Santiago do Chile. Estudou com ele o Dr. José Ruguê (Swami Narayananda), médico brasileiro que foi investido e considerado seu sucessor, representante do SDM.

19 Suddha Dharma Mandalam (SDM) é uma organização universal, também conhecida como The Great White, com sede no Himalaia. Seus preceitos foram revelados por Swami Subramyananda a partir de 1915. Tanto Sevananda como seu discípulo Sarvananda definem a SDM como uma hierarquia espiritual, uma fraternidade mística multimilenar. Em suas memórias, Sarvananda cita várias vezes que no ashram em Resende os princípios e juramentos do SDM faziam parte das práticas e disciplinas diárias dos residentes (SARVANANDA, 2000, p. 148).

Após esse encontro, Sevananda deu continuidade aos trabalhos no GIDEE. Desde 1945, uma senhora alemã frequentava as atividades do grupo com assiduidade e interesse, sendo iniciada no dia 7 de setembro de 1946, quando recebeu o codinome místico Sadhana. Além de discípula, ela acabou se tornando sua companheira, ocorrendo uma troca de posições “comandada pelo Invisível: enquanto a irmã Luise aceitou, compreensiva, a necessidade de uma nova etapa na vida do Mestre” (IGREJA EXPECTANTE, 1991). Sem muitos detalhes, o biógrafo informa que Leo trocou de companheira para começar uma nova fase em sua vida, em que Luise não poderia acompanhá-lo.

Sadhana abandonou sua profissão de cabeleireira, vendeu sua casa, seu carro e comprou um jipe americano que puxava um trailer. Saíram por longa viagem “por ordem Superior”, numa peregrinação que denominaram de Cruzada Continental de Paz Espiritual. A cruzada saiu do Parque del Plata, em 24 de junho de 1952, rumo ao Brasil, onde o casal ia parando em várias cidades para divulgar em forma de palestra os ensinamentos de Jesus Cristo e Mahatma Gandhi. Esse encontro com o representante da SDM, que transformou Leo em Sevananda, deu a ele a incumbência de propagar os conhecimentos do yoga entre as atividades místicas que já desenvolvia. Após percorrer várias cidades, chegaram a Resende, no Rio de Janeiro, onde fundaram, em 19 de novembro de 1953, o Mosteiro Essênio e o Ashram de Sarva Yoga em terreno doado. Nesse espaço, que foi mantido até 1961, eram realizadas inúmeras atividades dirigidas por Sevananda e por sua equipe formada por residentes vindos de vários cantos do Brasil e do exterior. Entre elas estava a Ordem dos Sarva Swamis, criada por Sevananda para dar continuidade aos ensinamentos mais relacionados ao yoga e à Associação Mística Ocidental, que sintetizava as correntes espirituais do Oriente e do Ocidente, com as quais já trabalhava no GIDEE, em Montevideu. Administrava ainda a Igreja Expectante, fundada por seu pai em 1919 e, mais tarde, o movimento Alba Lucis, do qual era representante.

Dez anos após o fim do monastério, Sevananda se retirou em uma pequena chácara em Betim, Minas Gerais, onde, sob os cuidados da discípula Sevaki, viveu seus últimos anos de vida, tendo falecido em seis de novembro de 1970, no Hospital Nossa Senhora do Carmo. A Igreja Expectante, além de considerá-lo como segundo patriarca, considera Sevananda um “verdadeiro guru” que

[...] desenvolveu este cadinho alquímico humano levando seus discípulos à plenitude das suas próprias aptidões interiores. Este Ashram-Monastério foi a coroação da Obra “sui generis” que permanecerá nos anais da Humanidade como exemplo e como estímulo. (IGREJA EXPECTANTE, 1991).

Em 1959, Sevananda realizou o que eles chamaram de “remodelação do labor”, onde apontou quais discípulos poderiam e deveriam assumir as correntes no Brasil, oferecendo ao círculo de ajudantes mais íntimos a oportunidade de dar continuidade aos seus trabalhos. De acordo com o texto oficial sobre a Sucessão Apostólica da Igreja Expectante, Sevananda fez a seguinte designação:

AMO – Associação Mística Ocidental (Chefe: PEREGRINA, com Sarvânanda (Sarva-Ioga) e Sarah (Suddha Dharma Mandalam);
Ordem dos Sarva Swamis e Instituto Juvenil de Yoga (Chefe: SARVÂNANDA, com Daya);
AÇÃO GERAL (Alba Lucis) (Sevânanda, Sádhana, Sarah, Thoth, com Vivekadasa na sua qualidade de presidente da Fundação Philippe);
LABOR ESSÊNIO (Sevânanda, com Sádhana, Sarah, Perseverante, Daya, Vivekadasa e outros);
AÇÃO SOCIAL E DIPLOMÁTICA – junto a governos e à República dos Cidadãos do Mundo, etc. (Sevânanda, com Turydasa (Prof. Mário Teles de Oliveira com Vivekadasa);
ECUMENISMO (Sevânanda, com Sarah e com Thoth, sendo este último ajudado por sua esposa Zanti). (IGREJA EXPECTANTE, 1990).

Assim, a biografia oficial de Sevananda elaborada pela Igreja Expectante informa que, onze anos antes do seu falecimento, ele designou seus respectivos sucessores em cada corrente de trabalho, onde uma das atribuições conferidas a Thoth foi a de sucessor designado, que assumiria o patriarcado da igreja a partir “dos 30 dias que se seguissem ao falecimento, ou ao desaparecimento pelo mesmo prazo, do Patriarca Sevânanda, evitando-se assim ficar acéfala a Igreja” (IGREJA EXPECTANTE, 1990).

Seu discípulo mais próximo, Georg Kritikos (Swami Sarvananda), deu continuidade ao seu trabalho com o yoga, e após a morte de seu mestre se estabeleceu em Belo Horizonte, fornecendo vivências e cursos de formação em Sarva Yoga, juntamente de Swamini Daya, sua companheira. Atualmente existe um grupo de pessoas que conviveram e aprenderam com Sarvananda, os Sarvas Ananda, que proclamam para si a continuação de sua obra (SARVAS ANANDA, 2009). Em 18 de abril de 2000, foi publicada sua obra póstuma *Memórias: 1922-1960*, editada e revisada por seu amigo de ashram, Mario Teles de Oliveira, na qual narra sua vinda da Europa para o Uruguai durante a Segunda Guerra Mundial, o encontro com Sevananda e os anos de vivência e autoestudo no ashram.

Como apontado, Caruso (2010), André De Rose (2011) e Mariana Cordeiro (2013), apresentam Sevananda com precursor do ensino de yoga no Brasil

através da fundação do Ashram de Sarva Yoga em Resende, no Rio de Janeiro. Já a biografia oficial de Sevananda elaborada pela Igreja Expectante, o apresenta como eminente guru iniciado em diversas tradições esotéricas como rosa cruz, maçonaria, martinismo, dentre outras, além de ter se dedicado ao ensino de yoga em uma perspectiva monástica, com a fundação da Ordem dos Sarvas-Swamis em 1953, onde ordenou inúmeros monges.

Contudo, veremos adiante que existem outras narrativas que, muitas vezes, nem chegam a mencioná-lo, elegendo outros nomes como pioneiros do yoga no Brasil. Tal indicativo é reflexo de uma batalha discursiva que vem sendo forjada por professores e praticantes desde a década de 1960, e que posteriormente passou a ser reforçada pelas publicações bibliográficas e representações criadas por revistas.

A construção da história do yoga no Brasil pela revista *Prana Yoga Journal*

Em 2007, a revista *Prana Yoga Journal* publicou três artigos intitulados A velha-guarda do yoga. Através de entrevistas, fotos e depoimentos, os autores (re) traçaram a trajetória de alguns professores pioneiros na prática e ensino do yoga no Brasil. No primeiro artigo, foram realizadas entrevistas com Shotaro Shimada, Maria Celeste Castilho e Maria Helena de Bastos Freire.

Shotaro Shimada, que em 2007 estava com 79 anos de idade, é considerado pela revista como um dos introdutores da Yogaterapia no Brasil. Além disso, é lembrado como responsável por integrar técnicas do yoga às práticas esportivas, sobretudo ao judô, esporte que já praticava antes mesmo de conhecer o yoga. Shimada relata que, há cinquenta anos, quando teve seu primeiro contato com o yoga através do livro *Yoga, a ciência da respiração*, não se falava sobre esse assunto no Brasil. Além disso, as representações que vigoravam na época eram do yoga como faquirismo; seus praticantes eram vistos como ascetas que adquiriam poderes extraordinários, como por exemplo, a insensibilidade física (caminhar sobre brasas, meditar sobre formigueiro), a levitação, dentre outros. Em 1958, quando fundou seu Instituto em São Paulo, dizia ensinar ciência da respiração, já que o yoga era pouco conhecido entre os brasileiros e ainda contava com representações negativas relacionadas ao faquirismo e ao exótico. A título de exemplo, ele lembrou que a revista *Cruzeiro* trazia uma imagem de um yogi com um punhal atravessando o pescoço, e, por isso, conta, “não podia falar Yoga porque todo mundo achava que se fizesse ficaria biruta” (CABRAL; REIF, 2007a, p. 56).

Indagado sobre como vê o yoga hoje, Shimada respondeu que “hoje tem mais professores que alunos. São muitas práticas e as pessoas não mais praticam como verdadeira tradição” (CABRAL; REIF, 2007a, p. 56). Ele criticou o surgimento e a fragmentação do yoga em várias modalidades, argumentando que yoga é um só. Para ele, “toda a prática de Yoga é espiritual”, pois, quando verdadeira, traz mudanças na mente (CABRAL; REIF, 2007a, p. 56). A diversificação do yoga em diversas modalidades representa mais um jogo de mercado que um aprimoramento e uma adaptação da tradição ao contexto cultural brasileiro. Finalizando sua fala, além de reafirmar seu posicionamento sobre a necessidade de manutenção da tradição, Shimada ainda faz referência a uma preocupação ocidental corrente, quando diz que sempre considerou o yoga como uma ciência, um sistema, e que o centro de pesquisa da tradição ao qual está vinculado, o Kai-valyadharmā, tem essa preocupação de comprovar cientificamente suas práticas e orientações relacionadas ao yoga.

A segunda precursora apresentada no artigo é Maria Celeste Castilho, pioneira em dar aulas de yoga em clubes tradicionais de São Paulo, que abriu sua primeira turma ainda em 1962, no *Jockey Club*. Celeste começou a praticar em casa, escondida, após ter contato com um livro de seu marido em 1956. Logo em seguida, passou a ter aulas com Shotaro Shimada, depois com um professor de Caracas, Gil Colmenares e, posteriormente, viajou para o Canadá, onde fez um curso com Swami Vishnu Devananda, e para Chicago, onde participou de um congresso de yoga. Em 1981, viajou para a Índia juntamente do professor Hermógenes e um grupo de praticantes. Desde então, tem lecionado nos clubes paulistas Jockey Club, Paulistano e Pinheiros, além de contar com um espaço em sua própria residência (CABRAL; REIF, 2007a, p. 58).

Celeste demonstrou que, como Shimada, carecia de referências na época que iniciou, construindo sua prática pessoal a partir de alguns livros: “Aprendi com meus erros, já que não tive professores” (CABRAL; REIF, 2007a, p. 58). Sua entrevista traz mais indícios das representações que vigoravam nas décadas de 1950 e 1960 do yoga no Brasil, relacionadas ao faquirismo. Ela praticava escondida, quando o marido ia trabalhar. Certo dia ele retornou antes do horário e se surpreendeu ao ver a mulher praticando. Na ocasião, teria afirmado: “Você não pode fazer isso sozinha! Pode até ficar louca, precisa de um mestre para ensinar” (CABRAL; REIF, 2007a, p. 58).

Em seguida, a reportagem destacou a atuação da professora Maria Helena de Bastos Freire, que é lembrada, sobretudo, por ter organizado, em 1973, o primeiro Congresso Internacional de Yoga no Brasil. Tal como Celeste, Maria Helena praticou e deu aulas no instituto fundado por Shimada, tendo fundado

seu próprio espaço em 1965, o Centro de Estudos de Yoga Narayana. Após ter participado de um congresso de yoga na Austrália, organizado pela *International Yoga Teacher Association*, em 1971, teria convencido os participantes para que o próximo congresso acontecesse no Brasil. Ela conta que o congresso ocorreu com uma série de contratemplos: boicote dos professores do Rio de Janeiro (em função de ela ser mulher); denúncia e acusação de importar 15 terroristas da Índia; e, por fim, negação dos vistos dos yogis tão esperados pelos brasileiros. Entre eles, estava o próprio B. K. S. Iyengar, um dos mais populares professores de yoga atualmente, em especial no Ocidente. Maria Helena realizou viagens anuais para a Índia, onde conheceu seu preceptor espiritual, Sri Virananda Giri, de quem recebeu instruções mais aprofundadas sobre yoga.

Na edição seguinte, outubro de 2007, o artigo *A velha-guarda do Yoga II* é dedicado unicamente ao professor Hermógenes que, ao lado de Caio Miranda, foi considerado pela revista como sendo responsável pelos primeiros passos do yoga no Brasil (CABRAL; REIF, 2007b, p. 61). Hermógenes se tornou conhecido sobretudo pela publicação de seu primeiro livro em 1960, *Autoperfeição com Hatha Yoga*, que trazia uma concepção do yoga como prática milenar indiana, mas, ao mesmo tempo, como uma ferramenta técnica eficaz no combate às mazelas que assolam o homem contemporâneo. Para tal, buscou respaldo nos estudos médicos, estabelecendo um diálogo entre especialistas da saúde, professores, estudantes e praticantes de yoga. Por tal feito, hoje é lembrado como pioneiro e introdutor da Yogaterapia no Brasil, bem como da Medicina Holística²⁰. Hermógenes relatou que seu primeiro contato com yoga se deu na perspectiva terapêutica, em 1958, quando estava com tuberculose. Após ter se curado pela aplicação das técnicas do yoga, passou a propagar sua prática através de publicações bibliográficas e aulas no Instituto Hermógenes, fundado em 1962, no centro do Rio de Janeiro (CABRAL; REIF, 2007b, p. 62).

Na edição de outubro de 2007 da revista *Prana Yoga Journal*, o artigo *Velha-Guarda do Yoga III*, é dedicado ao general Caio Miranda²¹, que, após entrar para a Reserva do Exército Brasileiro, dedicou-se ao estudo, ensino e publicação

20 Entre os dias 14 e 17 de novembro de 2013, ocorreu a I Conferência Brasileira de Yogaterapia - Yoga e meditação na saúde, em Garopaba - SC, onde Hermógenes foi homenageado por seu pioneirismo. Na ocasião, foi representado pelo neto Thiago Leão, discípulo e continuador da sua obra. Em 2007, também já havia sido homenageado no evento Yoga pela Paz, em São Paulo.

21 Os depoimentos foram dados por Leda Miranda, sua filha, Maria José Marinho, ex-aluna, e Cyrenia Martins, ex-professora do Instituto Caio Miranda do Morumbi, em São Paulo (RIBEIRO, 2007, p. 79-83).

de livros sobre yoga. Além do seu pioneirismo como escritor e formador de novos instrutores, Caio Miranda é lembrado pela revista como responsável por deixar um grande legado à história do yoga no Brasil (RIBEIRO, 2007, p. 79).

Todas as entrevistadas apresentavam Miranda como uma pessoa carismática, de personalidade forte e visão vanguardista. A filha registrou que Miranda teve acesso às obras de Ramacharaca (William Atkinson), em especial *As quatorze lições da Filosofia Yogi*, de onde veio seu interesse pelo Raja Yoga. Sua formação enquanto militar influenciou na forma como conduzia suas aulas, bem como seu envolvimento com a Sociedade Teosófica e as experiências na Escola Interna da Sociedade Esotérica foram importantes para a elaboração de seu primeiro livro, *A Libertação pelo Yoga* (1960), primeira obra sobre yoga escrita por um autor brasileiro. Nela, Miranda enfocou questões mais esotéricas e menos técnicas em relação ao yoga, diferentemente do seu segundo livro, *Hatha-Yoga: a ciência da saúde perfeita* (1962), onde apresentou o Hatha Yoga como um degrau para o Raja Yoga e traduziu textos importantes para a tradição yogi, tais como *Gheranda-Sambhita* e *Hatha Yoga Pradipika*. Ao mesmo tempo, elucidou questões práticas e técnicas, tendo sempre suas filhas como modelo na execução e exemplificação das posturas. Miranda ainda publicou *Só envelhece quem quer* (1960), *Assim ouvi do Mestre* (1961), *Vença sua angústia com Laya Yoga* (1963), *A Grande Chama* (1968), *Ajude a Curar a sua Neurose – Laya Yoga* (1969), *Hatha – o ABC do Yoga* (1969), entre outras²².

As duas primeiras obras publicadas, *A libertação pelo Yoga* e *Hatha-Yoga: a ciência da saúde perfeita*, foram as que exerceram maior influência na década de 1960, sobretudo, na formação de novos instrutores. Além disso, Miranda inaugurou o Instituto de yoga²³ cuja direção esteve sob sua responsabilidade durante anos, onde ensinava Hatha Yoga e Laya Yoga. Uma de suas alunas, Sandra Garcia, foi colunista da *Gazeta Esportiva* e também trabalhou na *TV Tupi*, publicou dez obras sobre o assunto e foi responsável por levar o yoga às redes de rádio e de televisão.

22 Em 2013, as filhas de Caio Miranda, Leda e Lia Miranda, publicaram a obra *A chama do coração: uma releitura das obras de Caio Miranda*.

23 A matriz situava-se na Rua Visconde de Pirajá, 22, 2o andar, Ipanema/RJ. Em 1966, o instituto contava com mais de uma dezena de sucursais espalhadas pelo território brasileiro – São Paulo, Belo Horizonte, Niterói, Bahia, Brasília, Divinópolis, Sete Lagoas, Uberaba, Pedro Leopoldo, Bauru, Curvelo, Barra Mansa.

A capa da primeira edição de *Hatha-Yoga: a ciência da saúde perfeita* trouxe a filha de Caio, Leda Miranda, executando uma postura. Tal representação indica a difusão do yoga entre o público feminino na década de 1960 e sua expansão nas décadas seguintes. As fotos anexas à matéria corroboram com o fato, pois nelas Caio aparece dando aulas apenas para mulheres no Parque da Cidade, no Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2007, p. 81).

Apesar da influente atividade e produção intelectual, Caio Miranda faleceu em 1969 acometido por um câncer de pulmão aos sessenta anos de idade. Seu instituto e suas franquias foram fechados e aos poucos se desintegraram. Suas obras ainda circulam pelas livrarias e se constituem em significativo documento para a história do yoga no Brasil. É válido lembrar que ele foi responsável por introduzir o yoga como profissão, diferindo da acepção mística e monástica de Leo Costet, o Sevananda Swami.

Todos os entrevistados que compõem os artigos sobre a Velha-Guarda do Yoga no Brasil apresentaram um ponto em comum em seus discursos. Tanto Shimada como Celeste, por exemplo, afirmaram que a falta de informação, bem como as representações imagéticas e discursivas dessas décadas, construíam representações negativas do yoga como uma técnica mística destinada a ascetas e errantes que queriam desenvolver poderes paranormais. Mais adiante veremos que tais representações foram substituídas por outras bem distintas. Através de publicações bibliográficas e revistas especializadas e não especializadas, o yoga passou a ser paulatinamente apresentado através da imagem do corpo ideal, sobretudo o feminino, e representado como um conjunto de técnicas com fins terapêuticos, capaz de proporcionar bem-estar psicofísico.

Quando indagada sobre as mudanças pelas quais o yoga brasileiro passou nas últimas décadas, Maria Helena afirmou que “a prática pode nos oferecer respostas para tudo, mas está sofrendo deturpações, é vítima de um reducionismo. Yoga não é só *asana* e *pranayama*, ele inclui tudo que você possa imaginar” (CABRAL; REIF, 2007a, p. 60). A palavra *asana* pode ser traduzida por sentar, refere-se às posições psicofísicas traduzidas, muitas vezes, por *posturas*. Já a palavra *pranayama*, é comumente entendida como técnica respiratória de controle e distribuição do prana, o alento vital que abastece o corpo. Assim, esse reducionismo indicado por Maria Helena diz respeito à perspectiva atual de considerar o yoga como sendo apenas duas técnicas, sem levar em consideração que essas e outras técnicas são apenas suportes para uma filosofia de vida muito mais abrangente.

O fato de a revista *Prana Yoga Journal* construir uma versão da história do yoga no Brasil e privilegiar dois pioneiros revela o olhar, o recorte e a narrativa que os editores queriam produzir. Nota-se que, na perspectiva adotada, há um destaque

aos professores Hermógenes e Caio Miranda frente aos demais. A revista silencia-se sobre o trabalho de DeRose, aspecto que revela certas preferências e as construções de diferenças num campo marcado por acirradas disputas e embates. Existia uma tendência em dividir e hierarquizar os precursores entre bons e maus, construindo narrativas unilaterais e excludentes. A omissão do professor DeRose revela uma censura, um olhar negativo sobre sua pessoa e a impossibilidade de reconhecer a importância do seu trabalho. Nesse sentido, a revista excitava os processos geradores de alteridade, revelando, assim, seu perfil excludente e parcial. A competição pelo mercado do yoga sempre foi acirrada e a mídia impressa incorporou essas lutas e disputas, reforçando as distinções entre os professores e suas modalidades de yoga.

Hermógenes é lembrado frequentemente por seu pioneirismo, por estar em atividade ensinando yoga e por ser o mais querido yogi do Brasil²⁴. Já Caio Miranda é lembrado por ter escrito o primeiro livro sobre yoga no Brasil, em 1960, e ter organizado os primeiros cursos de formação de instrutores de Hatha Yoga, no Rio de Janeiro. Quando indagada sobre o legado que seu pai deixou para o yoga no Brasil, Leda Miranda respondeu que “ele sempre aprovou inovações construtivas e sempre foi audacioso, mas acho que hoje em dia o Yoga está meio deturpado” (RIBEIRO, 2007, p. 80). Aqui se repetiu a representação presente nos três artigos sobre a Velha-Guarda do Yoga, ou seja, de que o yoga atual está deturpado, dissociado dos aspectos espirituais, sendo apresentado e entendido apenas como prática física, como uma espécie de ginástica oriental.

Por sua vez, Hermógenes, quando indagado sobre as diferenças entre o yoga que ele conheceu anos atrás e o que é praticado atualmente, respondeu que

[...] o Yoga que eu aprendi, pratiquei e procurei ensinar tem sempre a disposição de servir, de prestar serviço, de sempre colaborar com a felicidade dos outros. E nos tempos atuais, posso estar enganado, mas eu vejo muita preocupação com o corpo e com o que eu posso fazer de melhor para minha vida particular (CABRAL; REIF, 2007b, p. 62).

Vê-se no discurso acima a mesma preocupação apontada pelos demais professores entrevistados, Shotaro Shimada e Maria Helena Bastos Freire, de que o yoga que se pratica hoje estaria mais deturpado em relação ao praticado nas décadas de 1960 e 1970. As críticas foram direcionadas às representações do yoga como prática física, focadas no corpo e nos benefícios fisiológicos que pode

24 O professor Hermógenes faleceu no dia 13 de março de 2015, aos 94 anos, no Rio de Janeiro.

proporcionar e, sobretudo, por dissociar o yoga da espiritualidade, reforçando, dessa forma, o culto ao corpo. Tal característica de um discurso crítico ao estado contemporâneo do yoga no Brasil e da necessidade de preservação da tradição está presente na fala desses professores pioneiros, bem como de professores contemporâneos²⁵. Esses discursos defendem a manutenção da tradição, o retorno às origens e a pureza das práticas sem heterodoxias.

Veremos que essas representações do yoga enquanto prática física, focada no corpo, nos benefícios fisiológicos e dissociada da espiritualidade, estão presentes nas capas de praticamente todas as edições da revista *Prana Yoga Journal*, não obstante seus artigos trazerem, por vezes, a própria crítica à forma com que ela apresenta e vende o yoga ao público brasileiro através das construções discursivas e visuais das capas. Contudo, outros periódicos que circularam concomitantemente a essa revista produziram representações do yoga enquanto filosofia de vida, prática de autoconhecimento e como conjunto de técnicas com propósitos vinculados à espiritualidade, como no caso dos *Cadernos de Yoga*.

História do yoga no Brasil nas páginas de Luis Álvares DeRose

Além de não citar o nome e as contribuições de Sevananda Swami, nota-se na construção discursiva da revista *Prana Yoga Journal* a exclusão e um silêncio em relação a um dos professores da velha-guarda, o carioca Luiz Sérgio Álvares DeRose, que também publicou um livro de yoga na década de 1960, o *Prontuário de Yôga Antigo*. Sua obra gerou grande polêmica por defender categoricamente a existência de um Yoga Antigo, pré-clássico, pré-védico, denominado *Dakshinacharatantrika-Nirishwarasámkhya Yôga*, o qual ele teria sistematizado após sucessivas viagens à Índia e denominado *Swásthya Yôga*. Nos três artigos publicados pela revista, em 2007, não há menção ao seu nome como contribuinte para o desenvolvimento do yoga no Brasil. Por outro lado, a construção discursiva de DeRose sobre a história do yoga no Brasil citou apenas Caio Miranda entre os homenageados nos três artigos sobre a Velha-Guarda do Yoga. Hermógenes, por exemplo, que foi considerado pela revista como sendo “a figura mais conhecida e amada da comunidade yogi”, não foi mensurado (CABRAL; REIF, 2007b, p. 62).

25 O professor Pedro Kupfer é um dos críticos ferrenhos do yoga “deturpado” que se espalhou pelo Brasil. Em artigo, chegou a denominar algumas modalidades de yoga de vira-latas. cf. KUPFER, 2004.

Nessas disputas simbólicas e discursivas no campo do yoga, várias e distintas narrativas foram produzidas. Eis um exemplo: em sua obra de mil páginas, DeRose dedicou apenas duas delas à história do yoga no Brasil. Nessas, elencou dois tópicos, a saber: “Quem introduziu o Yôga no Brasil” e “Quem escreveu o primeiro livro de Yôga”. No primeiro tópico destacou a figura do francês Leo Costet de Mascheville como sendo o introdutor do yoga no país. Já no segundo, mencionou a obra de Caio Miranda, *A Libertação pelo Yôga* (1960), como sendo a primeira publicada sobre o tema por um autor brasileiro. Caio Miranda é valorizado por possuir grande carisma e personalidade forte, motivo pelo qual teria sido foco de perseguições e críticas. DeRose afirmou que, após a morte de Caio Miranda, houve um cisma. Até então estavam todos unidos contra ele e depois disso, “a partir do momento que estava vago o trono, dividiram-se todos” (DEROSE, 2007, p. 873). Ele termina esse tópico justificando que:

Por essa razão, os nomes desses profissionais serão omitidos, pois não merecem ser citados nem lembrados. Pessoas que vivem falando de Deus e de tolerância, mas por trás semeiam a discórdia no seio do Yôga não merecem ser mencionadas. São exemplos de incoerência (DEROSE, 2007, p. 873).

DeRose justificou a omissão dos demais profissionais em seu discurso sobre a história do yoga no Brasil à luz das incoerências e discórdias entre eles, contribuindo, dessa forma, para a produção de narrativas unilaterais, seletivas e excludentes, tais como as da revista *Prana Yoga Journal*, analisadas anteriormente. Reafirmando essas disputas simbólicas e os embates discursivos, DeRose dedicou sua obra *Tratado de Yôga* a três ícones do Brasil:

A Léo Costet de Mascheville (Sêvananda), que introduziu o Yôga no nosso país na década de 1950 e influenciou poderosamente os que vieram depois. Ao general Caio Miranda, autor do primeiro livro de Yôga em língua portuguesa, em 1960, *A Libertação Pelo Yôga*, da editora Freitas Bastos, de quem eu teria tido muita honra em ser discípulo. E ao coronel Hermógenes, autor do segundo livro de Yôga de autor brasileiro, em 1962, *Autoperfeição com Hatha Yoga*, da Editora Record, que com suas opiniões soube me obrigar a progredir e chegar onde estou hoje (DEROSE, 2007, p. 21).

Embora DeRose não mencione Hermógenes na sua narrativa sobre a história do yoga no Brasil, sua obra foi dedicada a ele. Na dedicatória, os dois

primeiros professores são lembrados positivamente, ao passo que Hermógenes é lembrado por suas críticas e embates com o autor, pelas opiniões divergentes e incoerências que, por outro lado, contribuíram para sua formação e para que alcançasse sucesso nesse campo²⁶.

No tópico “Quem realizou a obra mais expressiva”, apresenta, ao longo de quinze páginas, suas contribuições, seu pioneirismo, suas lutas, conquistas, homenagens recebidas e títulos honoríficos. Entre fotos com autoridades das forças armadas, medalhas e condecorações recebidas por suas contribuições como mestre de yoga, DeRose celebra seus feitos confirmando a atuação como a mais expressiva entre os profissionais de yoga. Assim, construiu uma autorrepresentação como pioneiro mais importante, como educador e como empreendedor de sucesso, bem quisto nas esferas do governo e da sociedade civil, bem como de um indivíduo imbuído de uma constância irredutível, reconhecido no Brasil e no exterior.

Na orelha da obra *Tratado de Yôga*, DeRose enumerou as titulações e as condecorações recebidas pelo reconhecimento do seu trabalho com Yoga. Doutor Honoris Causa e Comendador por várias entidades culturais e acadêmicas, Conselheiro da Ordem do Parlamentares do Brasil, Mestre em Yoga (não acadêmico) e Notório Saber pela FATEA – Faculdades Integradas Teresa d’Ávila (SP), pela Universidade do Porto (Portugal), pela Universidade Lusófona, de Lisboa (Portugal), pela Universidade Estácio de Sá (MG), pela UniCruz (RS) e pelas Faculdades Integradas Coração de Jesus (SP) (DEROSE, 2007). Às titulações seguem suas contribuições: em 1970 introduziu o yoga nas universidades federais, estaduais e católicas e, a partir de 1990, na Europa. Em 1975, fundou a União Nacional de Yoga; em 1978, promoveu o primeiro projeto de lei pela regulamentação profissional; em 1981, organizou o primeiro Congresso Brasileiro de Yoga; em 1988, criou a Confederação Nacional de Yoga; em 1994, fundou a primeira Universidade de Yoga do Brasil; em 1997, lançou os alicerces do Conselho Federal de Yoga e do Sindicato Nacional dos Profissionais de Yoga (DEROSE, 2007).

Uma das formas de disputa pelo mercado do yoga tem ocorrido por meio das narrativas, nas quais professores buscam salientar sua atuação e ocultar os demais. Há uma legitimação por meio do acúmulo de capitais simbólicos, em que profissionais da área buscam acumular títulos e bens simbólicos que propor-

26 Na década de 1960, DeRose foi aluno de Hermógenes. Em entrevista dada a Karla Monteiro, quando Hermógenes foi indagado: “o senhor foi professor de DeRose?”, respondeu: “Vamos mudar de assunto” (MONTEIRO, 2007, p. 6).

cionem o desfrute de uma posição de proeminência e de maior autoridade frente ao campo do yoga e diante dos concorrentes (BOURDIEU, 2010). Mesmo com tantas contribuições, DeRose foi omitido dos artigos sobre a Velha-Guarda do Yoga no Brasil publicado pela revista *Prana Yoga Journal*, em 2007. Da mesma forma, os professores destacados nos artigos analisados são omitidos na narrativa construída por DeRose.

Em entrevista dada ao jornal *O Globo* em junho de 2012, o professor de yoga André De Rose, filho de Luiz Sergio Álvares De Rose, comentou que não compartilha das ideias, dos ideais e das estratégias do pai há mais de uma década. Teria se afastado em função da maneira antagônica com que veem o yoga, o que inviabiliza qualquer tipo de trabalho em conjunto. Quando indagado sobre o atual cenário do yoga no Brasil, André respondeu que:

[...] está uma bagunça. Não existe confiança entre os professores, alguns escondem as verdadeiras intenções, projetos são propostos sem o conhecimento da maioria, há gente se cercando de políticos para conseguir que datas específicas sejam aceitas no calendário nacional à revelia de todos ... uma tristeza. Mas nada disso é completamente estranho. Afinal de contas, historicamente isso já aconteceu no passado recente do ioga. Há menos de 200 anos vários grupos motivados pelo poder e incentivados por ideais [sic] políticas e religiosas começaram com essa história de dizer que existem diversos tipos de ioga, o que vem sendo combatido por historiadores. Sem ser tão radical, diria que o fato de existirem (atualmente) vários tipos de ioga só reforça a grande capacidade que essa filosofia tem de se adaptar. (DE ROSE, 2012).

O discurso de André De Rose reflete e denuncia essas disputas simbólicas no campo do yoga. Segundo ele, não há diálogo entre os representantes e os professores, o que acarretou uma cisão não apenas entre modalidades de yoga, mas entre interesses políticos e posicionamentos sociais distintos. Quando André citou que projetos são propostos sem o conhecimento da maioria, pode-se entrever uma crítica à atitude de seu pai que promoveu uma campanha, em 1978, pela regulamentação do yoga, e conseguiu, por meio de lei estadual, decretar o Dia do Yoga em dez estados, no dia 18 de fevereiro, data do seu aniversário. Tais projetos não gozam de aprovação dos demais professores e boa parte deles ainda se posiciona contra qualquer tipo de regulamentação, burocratização e fiscalização.

Disputas e lutas em torno das associações e instituições representativas

Ao longo das décadas, várias associações e confederações foram formadas sob o slogan de congregar todas as modalidades e seus representantes. O próprio DeRose, como vimos, criou, em 1975, a União Nacional de yoga que, segundo ele, tinha como objetivo a congregação de instrutores, professores e escolas de todas as modalidades. Hoje sabemos que tal união não se efetivou, já que foram criadas outras associações com esse fim. Isso revela as disputas e as divergências internas entre as diferentes ofertas desse mercado que é bastante concorrido e disputado. Cada grupo recusa participar da associação criada por outro grupo, contribuindo, dessa forma, para deslegitimar o outro, excluindo a possibilidade de diálogo. Ou seja, cada grupo investe para defender seus interesses e o seu crescimento em uma conjuntura marcada por disputas.

Em 2000, foi criada a Aliança do Yoga, que se diz uma organização autônoma aberta a todas as tradições, instituições e profissionais independentes, mas que ao mesmo tempo acaba refletindo e reafirmando essa fragmentação que ocorreu entre escolas e professores de yoga no Brasil. O texto oficial da Associação Brasileira de Yoga Integral sobre a História do Yoga no Brasil, por exemplo, inicia fazendo a seguinte ressalva ao leitor:

[...] adiantamos que mesmo diferenças de visão e posicionamentos políticos que ocorreram no estabelecimento do Yoga no Brasil teve, além dos resquícios de ego de alguns líderes e mestres de Yoga, forte influência das condições Institucionais presentes na sociedade brasileira nos períodos de ditadura militar. Ou seja, o espírito ditatorial da política brasileira acabou por influenciar o desenvolvimento do Yoga no Brasil, em certo período. (DAS; MAHESHWARA, 2000).

Trata-se de uma narrativa peculiar, pois, apesar de institucional, refaz a trajetória do yoga no Brasil através dos conflitos, apresentando as contribuições de inúmeras personalidades e apontando as dissidências que ocorreram. Essa mesma narrativa delinea, ainda que superficialmente, a relação dessas dissidências e conflitos internos com o contexto político ditatorial que se iniciou a partir de 1964. De acordo com essa perspectiva, o surgimento de associações, federações e confederações de yoga pelo Brasil ao longo das décadas de 1970 e 1980, são reflexos das discordâncias entre os professores e da tentativa de fazer política no yoga. Tais

impasses parecem ter dado margem ao surgimento de grupos rivais, com ideais distintos e propósitos políticos diferentes, buscando a legitimação da prática e do ensino do yoga através da criação dessas instituições.

Mariana Cordeiro (2013) analisa a aceitação do yoga durante o período controverso de censura e de repressão militar no país. Em plena ditadura militar,

[...] a presença de militares como o prof. Caio Miranda e o professor Hermógenes na liderança do “movimento do Yoga” foram o cartão de visita que cativou uma elite tradicionalista e católica. A proposta de uma academia de Yoga em detrimento de um trabalho de monastério ou ashram proporcionaram o ambiente ideal para a aceitação do Yoga como uma prática corporal para o grande público e contribuiu para que o Yoga não fosse visto como uma seita ou algum dos diversos grupos de ocultismo que surgiram na época.

Na década de 1980, o Brasil caminhava para a abertura política, para o fim do bipartidarismo, para a anistia política e para eleições indiretas para presidente. Tais processos foram completados com a promulgação da Constituição de 1988 e com as eleições diretas para presidente em 1989. Foi então que se deu início à recriação de inúmeros partidos, associações, confederações e sindicatos. Professores se posicionaram com a criação de organizações que buscavam representar politicamente o yoga e, ao mesmo tempo, regulamentar a prática, o ensino e, sobretudo, a formação de novos instrutores.

No início da década de 1970, a tensão no campo do yoga já preocupava alguns professores, pois, apesar de se popularizar, ainda seguia no Brasil eximido de transmissão discipular de acordo com as linhagens tradicionais do yoga. Em 1973, um grupo de professores brasileiros viajou para a Índia acompanhado pelo professor Jean Pierre Bastiou. O propósito da viagem era fazer um curso, em Bombaim, com Sri Yogendra. Esses professores teriam exposto a preocupação com o caminho que o yoga estava tomando no Brasil pedindo um aconselhamento sobre que atitudes ter a respeito. Yogendra teria aconselhado a abertura de uma associação que divulgasse o Yoga Tradicional de Patañjali. Consta que os professores dessa ocasião se reuniram no hotel em que estavam hospedados na Índia e fizeram, em fevereiro de 1973, a primeira reunião da Associação Brasileira de Professores de Yoga (ABPY). Entre os sócios fundadores estavam Jean Pierre Bastiou, sua esposa Zilá, Maria Augusta Figueira Cavalcanti, Orlando Cani e Nara Cani, Dagmar Krebs e Jacy Pontes Vaz, Vitor Binot, Sri Vayuananda, Eneida de Oliveira Santos, Nilda Fernandes Mesquita, Marly Rafael Mayer (DAS; MAHESHWARA, 2000).

Em 1972, Maria Helena de Bastos Freire fundou o primeiro curso de Formação de Professores de Yoga, em nível universitário, com duração de três anos e meio, em funcionamento até hoje. Em 1975, essa mesma professora criou a Associação Internacional de Professores de Yoga do Brasil (AIPYB) e o professor DeRose criou, no mesmo ano, a União Nacional de Yoga (Uni-Yôga). Em momento posterior, grupos de professores de São Paulo e do Rio de Janeiro tentaram uma união através da criação da Federação de Yoga do Brasil (FYB). Contudo, as discordâncias políticas e a defesa dos interesses de cada grupo, afastaram as pessoas envolvidas, estimulando ainda mais a fragmentação do yoga no país através das suas instituições representativas.

Em 1981, foi criado o Curso Regular de Formação em Yoga na Faculdade de Ciências Bio-psíquicas do Paraná, hoje Faculdades Integradas Espíritas. Atualmente, esse curso foi transformado em pós-graduação Lato Sensu que visa à docência do ensino superior de yoga. No texto de apresentação desse programa de pós-graduação encontramos a visão de que “A prática do Yoga está se ampliando no Ocidente, preponderando aspectos físicos. Daí a necessidade urgente do resgate de suas verdadeiras bases situadas dentro do pensamento indiano, numa perspectiva acadêmica”. (FACULDADE ESPÍRITA, 2010).

Como demonstrado, os discursos que afirmam que o yoga está deturpado e que, portanto, faz-se necessário um resgate da tradição, estão presentes na fala de praticamente todos os entrevistados/homenageados nos artigos da Velha-Guarda do Yoga no Brasil publicados pela revista *Prana Yoga Journal*, em 2007. Mais adiante, veremos que tal discurso de resgate da tradição também está presente na literatura produzida por DeRose.

O próprio DeRose foi responsável pelo estabelecimento de cursos de formação de instrutores por meio das universidades. Isso nos dá indicativos dos meandros políticos e das tensões ideológicas que se iniciaram nas primeiras décadas da introdução do yoga no Brasil. A partir de 1978, DeRose liderou a campanha de criação e propagação do primeiro projeto de lei visando à Regulamentação da Profissão de Professor de Yoga. Professores de diversas linhagens se posicionaram contra esse projeto e produziram documentos e manifestos a favor da autorregulamentação do yoga no país. Essa disputa ganhou ainda mais força quando, em 2000, surgiu mais uma polêmica através do Conselho Federal de Educação Física (CONFEF). Com a proposta de regulamentar a profissão de educador físico, tal instituição propôs que atividades que envolvessem o corpo humano e que não estivessem sendo executadas por profissionais da área da saúde, como artes marciais, danças, capoeira, yoga, dentre outras, fossem exclusividade dos profissionais de educação física. A tentativa mobilizou professores e mestres de diversos campos, em especial do yoga.

Contrários à proposta de regulamentação do yoga, surgiram, por exemplo, o manifesto da Aliança do Yoga que critica o Yoga LTDA e defende um Yoga Livre, sem vinculação a nenhuma tradição ou modalidade específica. Assinado por Pedro Kupfer, Karin Heuser, Maurício Wolff, Camila Reitz e Markus J. Weininger, o manifesto criticou não apenas a iniciativa do CONFEF como também do grupo que levou ao Congresso Nacional a proposta de regulamentação dos profissionais de yoga. Apesar de não citarem o nome de DeRose, fica claro que os professores filiados à Aliança do Yoga estão se referindo aos profissionais do *Swásthya Yôga*. Para eles, “com a regulamentação, seriam criados Conselhos Regionais de Yoga para fiscalizar, controlar e extorquir dinheiro da comunidade de professores” (ALIANÇA DO YOGA, 2002). O manifesto era contrário à regulamentação, à burocratização e à hierarquização do yoga:

Disputas de poder e econômicas à parte (a real força motriz que está por trás deste movimento), a questão que levantamos é que, além de causar uma burocratização desnecessária, absurda e sem sentido, esse projeto infeliz vai acabar trazendo consequências nefastas para o Yoga que se pratica no Brasil. (ALIANÇA DO YOGA, 2002).

As disputas pelo poder e pelo mercado do yoga transcenderam as divergências ideológicas e se estenderam às disputas políticas e às questões econômicas. Há embates que vêm sendo geridos desde a década de 1960 e que acabaram culminando nas atuais disputas pela regulamentação do profissional de yoga.

Vários outros grupos de profissionais do yoga se manifestaram contra qualquer tentativa de regulamentação desse campo. Os componentes do Colegiado de Yoga do Brasil – Dharmaparishad, por exemplo, afirmaram:

Nós do colegiado de Yoga do Brasil Dharmaparishad queremos a auto regulamentação e somos contrários à estruturação de qualquer organismo fiscalizatório, ligado à burocracia pública, com poderes de polícia para disciplinar e fiscalizar uma doutrina filosófico-religiosa. Cabe lembrar que o yoga como filosofia é protegido pelo artigo 5º da Constituição Federal, bem como seu aspecto de tradição cultural, coberto no artigo 215º do mesmo texto. (COLEGIADO..., 2002).

Esse e outros manifestos similares usavam a argumentação legal e justificavam que as medidas de regulamentação e de burocratização dos profissionais de yoga era anticonstitucional por ferir o artigo 5º da Constituição Federal de 1988,

que estabeleceu, no inciso XIII, que “é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer”. (COLEGIADO..., 2002). Argumentavam ainda que o artigo 215º da Carta Magna Brasileira respaldava a liberdade profissional no yoga, já que o inciso 1º estabelece que “O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”, o que garantiria e enquadraria o yoga em seu aspecto de tradição cultural. Ainda no manifesto do Colegiado de Yoga do Brasil, estava presente a argumentação êmica, fundamentada no Bhagavad-Gita²⁷, de onde se apreende que é “impróprio do yoga normatizar, regulamentar, excluir, restringir, excluir, delimitar”, e que “não é próprio ao yogue fiscalizar e perseguir outro yogue”. Acrescenta-se ainda que “é impróprio do yoga a busca por direitos corporativos, cartoriais, reservas de mercado” (COLEGIADO..., 2002).

Há ainda o *Manifesto* da Frente Unida pela Autonomia Profissional da Educação e das Tradições Culturais (2002), texto redigido em parceria entre professores e instrutores de yoga, capoeira, danças, lutas e artes marciais que repudiavam qualquer intervenção e fiscalização dos seus respectivos campos de atuação por Conselhos de Educação Física. Diferentemente do manifesto da Aliança do Yoga, que é assinado por profissionais do campo do yoga, este último trazia ao público a insatisfação de profissionais de diversas áreas representados por federações, ligas, movimentos e sindicatos. No que diz respeito às instituições representativas do yoga, constavam o Sindicato de Profissionais de Yoga do Estado do Rio de Janeiro e Aliança do Yoga. Contudo, no manifesto dessa última instituição, ficava claro que o posicionamento de seus representantes era contrário à criação de qualquer instância fiscalizadora e reguladora, não defendendo, portanto, nem mesmo a criação de Conselhos Regionais de Yoga (CRY). Citava, ainda, o contexto do yoga na Índia, onde inexistia qualquer tipo de instância fiscalizadora e reguladora. Segundo esse manifesto,

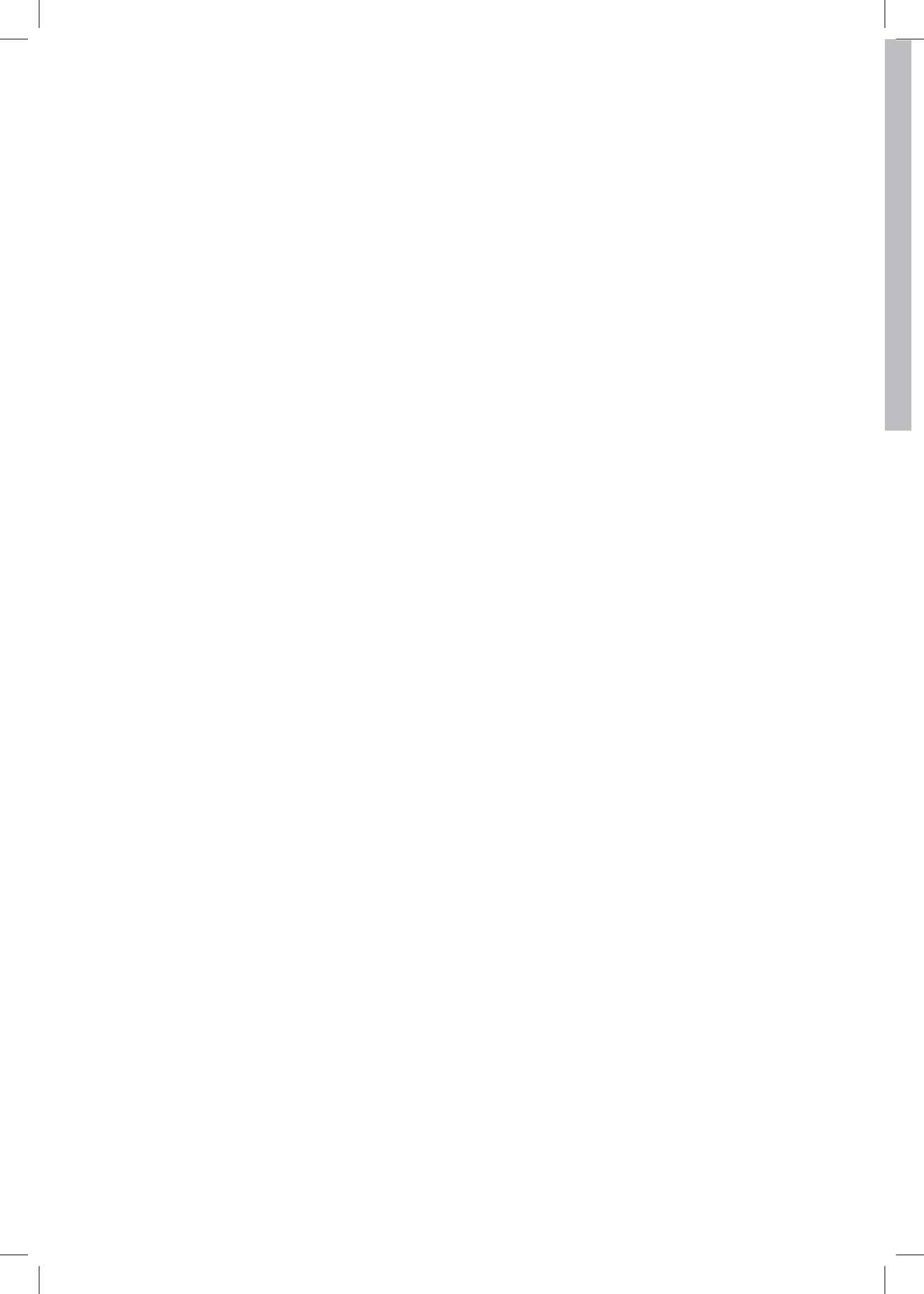
O Yoga na Índia subsiste até hoje sem CRI/CRY de nenhum tipo, e o Yoga da Índia vai muito bem, obrigado. Já pensou se houvesse uma instituição assim na Índia para fiscalizar os *asbrams*, as comunidades onde o Yoga é praticado há milênios? Já pensou na fiscalização do CRY batendo na porta

27 É um texto da tradição hindu que faz parte do grande épico Mahabarata. É considerado um dos principais textos de embasamento do yoga. Sua datação situa-se em torno do século IV a.C.

dos ashrams de Satyananda, Sivananda, Aurobindo ou Dayananda? Esses fiscais iriam fiscalizar o quê? Se Yoga é transformação da consciência habitual em consciência divina, ficaremos mais perto disso sindicalizando-nos ou submetendo-nos à fiscalização de um Conselho Regional? (ALIANÇA DO YOGA, 2002).

Dessa forma, referenciando o contexto cultural da Índia, argumentou-se que o yoga está longe de ser meramente uma prática física, como muitas vezes é representado no Brasil. No terceiro capítulo, serão analisadas as representações que corroboram essa visão do yoga enquanto prática física e terapêutica e que, em certa medida, criaram condições favoráveis para essas tentativas do Conselho de Educação Física e de alguns profissionais do próprio campo que defendem a regulamentação dos profissionais de yoga.

Em consonância com esses desentendimentos que delinearam a história do yoga no país, serão enfocadas no próximo capítulo algumas representações forjadas em torno da figura de dois precursores do ensino do yoga no Brasil: os professores José Hermógenes e Luiz Álvares DeRose.



Capítulo II

REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS ACERCA DOS PROFESSORES HERMÓGENES E DEROSE

José Hermógenes: representações biográficas

Mesmo tendo publicado dezenas de livros sobre yoga, nas obras de Hermógenes não encontramos nenhuma construção narrativa sobre a história desta prática no Brasil. Sabemos de seus feitos através das referências feitas por outros autores²⁸ e professores, através dos relatos em suas obras e, mais recentemente, através da biografia escrita por Caruso (2012), *Professor Hermógenes: vida, Yoga, fé e amor*, na qual retrçou a história de Hermógenes desde seu nascimento até os noventa anos de idade.

Hermógenes nasceu em nove de março de 1921, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, onde realizou seus primeiros estudos no Colégio Marista e na escola oficial O Ateneu. Na década de 1940 foi admitido na Escola Militar de São Paulo, onde estudou três anos durante o período bélico da Segunda Guerra Mundial e, em seguida, foi designado para Belo Horizonte, Minas Gerais, como aspirante a oficial. No Rio de Janeiro, o governo havia desenvolvido um centro de preparação de combatentes para a guerra, onde Hermógenes foi convocado a iniciar seus treinamentos. Devido ao término do conflito, em 1945, ele não foi enviado para o *front* de batalha. Tornou-se tenente e instrutor do Colégio Militar e junto a sua primeira esposa, criou um curso preparatório em que ministrou aulas de geografia, história e matemática. Foi nessa instituição que surgiram

28 No primeiro capítulo, analisamos a narrativa e as representações construídas pela revista *Prana Yoga Journal*, em 2007, que dizem respeito a Hermógenes e suas contribuições como pioneiro na prática e ensino de yoga no Brasil.

seus primeiros escritos, tendo publicado um manual de disciplina para os alunos. Com a aposentadoria do professor de História do Brasil, Hermógenes assumiu essas aulas e intensificou suas atividades enquanto professor, o que lhe rendeu a publicação de *Pergunta quem ensina*, em 1955, *Iniciação à Nossa História e Programa de História*, em 1957 (CARUSO, 2012, p. 21-32).

De acordo com Caruso (2012), na década de 1960, época da publicação e maior repercussão de *Autoperfeição com Hatha Yoga*, Hermógenes não tinha pretensões de abrir um espaço de prática e ensino de yoga. Ele acreditava que havia escrito uma obra autoexplicativa, que falava sobre libertação e não queria se tornar um empecilho para tal libertação. Contudo, atendendo aos pedidos de várias pessoas, passou a ministrar aulas em uma garagem, no bairro da Tijuca. Em pouco tempo o espaço se mostrou insuficiente para comportar a significativa demanda, e foi então que, em 1962, Hermógenes foi surpreendido por um amigo de infância, Dr. Noya Wofson, que o convidou para visitar um espaçoso salão no centro do Rio de Janeiro, onde recebeu a notícia: “Aqui será a Academia Hermógenes” (CARUSO, 2012, p. 38). O amigo se comprometeu em arcar com o valor do aluguel até que o número de alunos fosse suficiente para suprir a despesa. Esse se tornou o espaço de ensino de Hermógenes e está em funcionamento até hoje²⁹.

Contudo, a biografia escrita por Caruso começa em 1955, ano em que Hermógenes era capitão do exército, com trinta e cinco anos de idade e fora diagnosticado com tuberculose. Esse é um ponto bastante referenciado por Hermógenes em algumas de suas obras e entrevistas, como por exemplo, na obra *Saúde plena: Yogaterapia*, onde relata que:

Aos 35 anos, vi-me, inesperadamente, tuberculoso. Quando um tardio diagnóstico foi estabelecido, o estrago já era muito grande: os pulmões, na radiografia, pareciam colmeias, cheios de furos, e a garganta já com as cordas vocais soldadas – fiquei quase totalmente afônico. A energia e a alegria de viver quase haviam sumido; um desânimo pesado e uma fadiga desmoralizante se acentuavam e me abatia ao final de cada tarde (HERMÓGENES, 1992, p. 19).

Segundo Caruso (2012, p. 18), o tratamento foi feito de forma intensa durante três anos, quando se afastou da docência e preencheu seu repouso com “leituras, relaxamentos, autoanálises, reflexões, meditações, autossugestões, preces, vivências espirituais e também muito alimento”. Quando indagado sobre as leituras realizadas nesse ínterim e que foram fundamentais para sua recuperação

29 Hoje existem três Espaço Hermógenes – na Barra da Tijuca, em Niterói e em Friburgo – além do Instituto Hermógenes, localizado no centro do Rio de Janeiro.

e cura, Hermógenes citou a Bhagavad Gita, a Bíblia, os livros de Pietro Ubaldi e Humberto Rodhen. Hermógenes se curou antes do esperado pelos médicos, e isso é relatado por seu biógrafo como um acontecimento que reforçou uma das características presentes em seus estudos e ensinamentos, ou seja, a fé em Deus.

Ao longo dos anos, a superação da tuberculose passou a ser uma marca característica da sua relação com o yoga. Em entrevista dada à revista Trip, em fevereiro de 2007, Hermógenes é apresentado com a chamada “conheça o professor Hermógenes, um ex-militar que depois de usar a Ioga para salvar-se de uma tuberculose quase fatal, publicou 30 livros sobre o tema — e, indiretamente detonou no país uma pequena revolução na forma de melhorar, recriar e repensar o corpo” (MONTEIRO, 2007). O professor, que descobrira o yoga com quase quarenta anos de idade em estado doentio, passou a ser a própria representação da cura através do yoga, o que lhe rendeu uma abordagem espiritualizada e, ao mesmo tempo, terapêutica da prática de Hatha Yoga.

Representações do yoga como terapia

Em 1960, no mesmo ano em que Caio Miranda publicou a primeira obra sobre yoga escrita em língua portuguesa, *A libertação pelo Yoga*, Hermógenes publicou seu primeiro livro sobre o tema, *Autoperfeição com Hatha Yoga*, lançado no auditório do jornal O Globo, no Rio de Janeiro. Nos cinco anos que antecederam a publicação dessa obra, Hermógenes conta que praticou yoga escondido no banheiro de sua casa, pois tinha recomendação médica de repouso absoluto e não queria preocupar ninguém com a execução de posturas tão inusitadas para a época. Como inexistia até então uma obra publicada em língua portuguesa sobre Hatha Yoga, suas primeiras práticas foram orientadas pelas obras *Sport et Yoga*, de Selvarajan Yesudian e Elisabeth Haich e *The Yoga System of Health and Relief from Tension*, de Yogi Vithaldas. Segundo Caruso (2012, p. 35), essa última obra em especial, foi de grande importância e inspiração para Hermógenes, já que nela o autor relatava a superação de uma tuberculose e um melhoramento psicofísico através da prática de yoga. Outras leituras são destacadas como fundamentais no embasamento de sua primeira obra: São João da Cruz, Santa Tereza D’Ávila, Raimundo Panikkar, Taimini, Ramakrishna, Ramana Maharshi, Swami Vivekananda, Paramahansa Yogananda, Swami Sivananda, Chico Xavier, Blavastky, Annie Besant, Patañjali, Buda e Sai Baba (CARUSO, 2012, p. 35).

Autoperfeição com Hatha Yoga obteve enorme sucesso de vendagem, tendo se esgotado rapidamente, o que acarretou novas edições. Atualmente está na sua 56ª edição. As sucessivas reedições e sua vasta produção bibliográfica conferiram prestígio, confiabilidade e autoridade ao autor. A obra apresentava técnicas do yoga como pranayamas (exercícios respiratórios), asanas (posturas psicofísicas), purificações, higiene alimentar, atitude mental, repouso e alguns resultados da Yogaterapia, cujos efeitos foram sentidos e atestados pelo próprio autor. Em edições posteriores ele acrescentou relatos como:

[...] convencido de que felicidade não compartilhada, se não fosse um mito, seria furto ou parasitismo, e um ex-tuberculoso, ex-gorducho, ex-abatido, ex-angustiado, resgatado da infeliz normalidade de nossos dias, rejuvenescido, forte, em harmonia comigo mesmo, tendo aprendido a amar a Deus, e no desejo de servi-Lo em meus semelhantes, lancei a primeira edição deste livro, que em dois meses esgotou-se. As edições subsequentes foram conquistando centenas de milhares de pessoas, dando nova direção e dimensões novas às suas vidas. O milagre que se dera em mim, com a graça de Deus, se multiplicou (HERMÓGENES, 2010, p. 55).

Em edições posteriores, também acrescentou relatos de autoridades médicas que atestavam tal eficácia e também relatos de pessoas que alcançaram alguma cura através da leitura de suas obras e da aplicação de seus ensinamentos. Seu biógrafo informa que Hermógenes recebeu centenas de cartas de leitores ao longo desses aproximados cinquenta anos de docência e que as guarda até hoje em sua residência, constituindo vasta documentação sobre o yoga, suas aplicações terapêuticas e seus resultados.

Hermógenes publicou inúmeras outras obras de yoga com viés terapêutico, entre elas destaca-se *Yoga para Nervosos*, em 1965, e *Saúde na Terceira Idade*, em 1996. Além disso, não só através de suas obras, mas em entrevistas, Hermógenes demonstrou que o seu trabalho estava marcado por esse viés terapêutico. Caruso (2012, p. 97) atribuiu a cura de problemas oculares de um leitor português à aplicação das práticas sugeridas na obra *Yoga para Nervosos*, fato que reforça essa visão do yoga enquanto técnica terapêutica. Quando perguntado pela repórter da revista *Trip* sobre sua academia e o trabalho que ali desenvolveu, Hermógenes disse “Ensino a ioga misericordiosa, para quem precisa de algo mais substancial na sua alma, para quem está doente, para quem envelhece” (MONTEIRO, 2007). Baseado em sua própria experiência de cura através do yoga, Hermógenes direcionou seu ensino para pessoas doentes, com idade avançada ou que estejam precisando

de algo mais substancial para a alma. Ele afirmou que toda a sua obra é voltada para quem sofre e que entende o yoga como uma forma de servir ao próximo.

Saúde Plena: Yogaterapia (1992) é indicada por Caruso (2012, p. 109) como sendo a obra que coroou seus anos de trabalho, exemplificando com bases científicas a forma como abordou e aplicou o yoga. A obra trazia o aval de um médico já no prefácio e apresentava sessenta e cinco casos de cura através dos trabalhos de Hermógenes. Já na obra *Saúde na Terceira Idade* (1996), Hermógenes ampliou sua abordagem terapêutica, com mais pesquisas e dicas de práticas de saúde, porém focado em um público mais restrito. O autor de sua biografia afirma que “quem o ler terá uma infinidade de métodos e fórmulas de como viver mais e com melhor saúde” (CARUSO, 2012, p. 111).

Representações de Hermógenes como referência espiritual

Eu não me canso de falar de Deus!
Hermógenes

Além do viés terapêutico, Hermógenes desenvolveu em suas obras uma aproximação entre as práticas do yoga e os ensinamentos do cristianismo, do esoterismo e do kardecismo. Em várias situações, em suas obras e entrevistas, fez referência a Jesus como um grande yogi, bem como a outras personalidades do cristianismo, como por exemplo, Madre Teresa de Calcutá. Na opinião de Caruso (2012, p. 45), o sucesso das obras de Hermógenes o tornou reconhecido e famoso por causa do yoga, “e isso deixa de lado a maior parte do seu trabalho, que relaciona-se com a espiritualidade e a evolução de consciência do ser humano.”

Hermógenes escreveu inúmeras obras que tratam da espiritualidade, alguma delas com linguagem mais filosófica e outras mais poéticas. Entre suas grandes influências literárias de cunho espiritual, Caruso (2012) enfatiza Carlos Torres Pastorino, conhecido pelo seu livreto *Minutos de Sabedoria*. Pastorino foi ordenado padre em Roma, em 1934, mas, em 1937, quando ficou sabendo da recusa do papa em receber Mahatma Gandhi em função de seus simples trajes indianos, refletiu que o mesmo seria incapaz de receber Jesus Cristo. Então, abandonou a carreira eclesiástica e se tornou professor de latim no colégio militar em que Hermó-

genes lecionava. Na década de 1950, após concluir a leitura do *Livro dos Espíritos*, de Alan Kardec, Pastorino declarou-se espírita e escreveu uma obra composta de oito volumes intitulados *Sabedoria do Evangelho*, que exerceram grande influência nas obras de Hermógenes, bem como as próprias obras de Kardec³⁰.

Não obstante a influência de Pastorino e dos textos clássicos do espiritismo, Caruso (2012, p. 52) reclama atenção especial para dois escritores, Pietro Ubaldi e Huberto Rohden. O primeiro deles publicou, em 1937, a obra *A Grande Síntese*, que foi redigida por meio de uma mediunidade intuitiva. No Brasil, Ubaldi se fez conhecido através das traduções de Pastorino na década de 1960 e pelas inúmeras citações em sua obra *Sabedoria do Evangelho*. O segundo escritor influente a Hermógenes, Huberto Rohden, foi um ex-padre jesuíta brasileiro de caráter universalista que traduziu textos como o Novo Testamento, a Bhagavad Gita e o Tao Te Ching. A partir dessas duas influências literárias que Hermógenes declarou ter recebido, Caruso (2012, p. 52) teceu uma aproximação entre os dois pensadores demonstrando que:

[...] os dois vêm de uma profunda fé e vivência católica, têm uma ampla visão espiritualista universal e nenhum dos personagens estavam diretamente ligados a alguma instituição religiosa, apesar de serem lidos e estudados em diversas tradições religiosas. Além disso, ambos tinham como mestre, exemplo e referência principal, Jesus Cristo.

Assim, a partir dessas referências, Hermógenes redigiu obras em que é possível detectar a aproximação entre os conhecimentos do yoga e os ensinamentos do cristianismo e do esoterismo. E quando dizemos conhecimentos do yoga, não estamos nos referindo apenas à parte técnica, mas, sobretudo, aos textos que embasam a prática de yoga, como, por exemplo, o Yoga-Sutras e a Bhagavad Gita. Caruso (2012) explicou que o propósito de Hermógenes não foi uma tentativa de cristianizar a prática de yoga, mas revelar certa unidade entre os diversos ramos do conhecimento espiritualista. Com essa perspectiva, os estudos de Hermógenes o conduziram à leitura das obras de Helena Blavatsky, Annie Besant e Jiddu Krishnamurti, que possuíam em comum o caráter universalista e a participação na Sociedade Teosófica. Quando Besant assumiu a presidência da referida socie-

30 Hermógenes foi educado na doutrina católica, mas conta que teve um evento relacionado a um padre português que o fez perder a confiança nessa instituição, fato que lhe fez buscar outras referências relacionadas ao cristianismo fora dos círculos do catolicismo.

dade, em 1907, operou uma aproximação entre essa instituição e o hinduísmo. Hermógenes se aproximou cada vez mais dessa instituição e chegou a se tornar vice-presidente da Sociedade Teosófica no Brasil, o que lhe rendeu sua primeira viagem à Índia, em 1975.

Em entrevista na década de 1970, Hermógenes declarou que entendia:

[...] a Teosofia pelo seu conceito original, essencial e verdadeiro. Via que ela é a mesma coisa que o Sanâtana Dharma (ou Prâjña). É a Lei Eterna, a sabedoria que liberta. A Teosofia havia arrumado sua cabeça e o ensinou a viver, simultaneamente, o Hinduísmo, o Budismo e o Cristianismo. Isso facilitou entender que as religiões são ramos diferentes de uma só árvore, que se alimentam de uma mesma seiva (CARUSO, 2012, p. 74).

Dessa forma, as representações construídas sobre Hermógenes são de um líder espiritualista que buscou o entendimento unificador entre as diversas propostas do mercado religioso. Hermógenes teorizou em suas obras a unidade existente entre os diversos caminhos espiritualistas, afirmando que, apesar de múltiplos, todos possuem um fim em comum, assim como a prática de yoga, ou seja, o rompimento de grilhões de condicionamentos e dependências e a unificação com Deus.

Obras como *Superação* (1975), *Yoga caminho para Deus* (1975), *Yoga, paz com a vida* (1978), *Convite a não-violência* (1983), *Deus investe em você* (1985), *O essencial da vida* (1989) e *Viver em Deus* (1992), trouxeram à tona essa perspectiva da prática de yoga como um caminho de realização espiritual. Especialmente *Yoga caminho para Deus*, em que Hermógenes apresentou sua prece do yogin, inspirada nas palavras de Paramahansa Yogananda, e que, na visão de Caruso (2012, p. 82), traz “uma beleza e devoção a um Deus universal, longe de preconceitos e limitações”.

Senhor, estou aqui, para adorar-Te em todas as imagens; nos santos de todas as religiões; em catedrais, sinagogas, capelas, mosteiros, mesquitas, terreiros; em ladainhas, terços, mantras, pujas, missas, rituais e ofícios; em todos os altares; nas florestas, nas praias, nas ruas, nas casas, nas estradas, nos corações, em sorrisos e lágrimas, em todos, em tudo [...] Vem me ajudar dando pureza, infinito, eternidade e universalidade ao meu amor. Eis-me aqui, Senhor Jesus, Senhor Buda, Senhor Maitreya, Senhor Krishna, Sai Baba, Maria de Nazaré, Ramakrishna, Babá-U-Lláh, Inayt Khan, Sankara, Ramanuja, Ramana, Santa Teresa (CARUSO, 2012, p. 83).

Com essa prece ecumênica, Hermógenes registrou seu entendimento do yoga enquanto um caminho de realização espiritual, de acepção universal. Tal unicidade entre crenças e diferentes tradições repercutiram na obra *O essencial da vida*, onde Hermógenes traçou um paralelo entre os ensinamentos de Jesus e os ensinamentos de Krishna, entre o Novo Testamento e a Bhagavad Gita (CARUSO, 2012, p. 86).

O alcance de suas obras com essa perspectiva universalista pode ser atestado pelo retorno dado pelos leitores através de cartas, bem como através da obra *Yoga, paz com a vida*, em que Hermógenes publicou as respostas às cartas que recebeu. Em várias delas atesta-se a relevância atribuída a Jesus Cristo em sua crença, como na passagem “minha esposa e eu desejamos que o Cristo a ajude, fazendo-a merecer sua graça, e lhe dê tudo de quanto necessita para ser aprovada neste duro exame que a vida agora lhe impõe” ou ainda,

[...] rogo ao Cristo, meu Guru, que logo se cumpra a profecia de Isaías: “... suas espadas se converterão em relhas de arado e suas lanças em enxadas” (Is. 2:4); que faça cada ato violento da terra se converter à Verdade e ao Amor (CARUSO, 2012, p. 83-84).

As cartas, bem como o retorno dado por Hermógenes aos seus leitores, denotam que ele passou a ser representado e interpretado como uma referência espiritual, pois as pessoas o procuravam pedindo determinada bênção ou agradecendo por alguma cura ou mudança salutar que se operou em suas vidas por meio dos seus escritos.

Caruso (2012, p. 112) aponta duas obras de Hermógenes em que “a presença do ensinamento de Jesus é muito forte”, *Setas no Caminho de volta: sugestões para o filho pródigo* (2000) e *O Presente* (2000). Ele considera que, apesar da pouca vendagem, se comparadas às obras com perspectiva terapêutica, ambas “constituem o ápice de um pensamento espiritual amadurecido nas mais duras vivências” (CARUSO, 2012, p. 112). Na primeira, Hermógenes apresentou artigos a partir do ensinamento de Jesus, nos quais desvelou conselhos e técnicas de ajuda, embasadas em textos da cultura indiana, nos ensinamentos budistas e nos dizeres de Sai Baba, com o intuito de ajudar o leitor na sua própria caminhada espiritual. Já em *O Presente*, sua última obra publicada, Hermógenes trabalhou ideias a partir do estudo que desenvolveu dos Evangelhos, em especial, através das obras de Pastorino. Caruso (2012, p. 112) considera este livro uma obra-prima e sugere certa mediunidade intuitiva em sua redação, dizendo que nela Hermógenes questiona os leitores a uma sabedoria maior e “como uma psicografia divina, detalha e aprofunda os ensinamentos de Jesus”.

Não obstante essa forte influência cristã em algumas obras de Hermógenes, Caruso (2012, p. 91) informa que a grande referência espiritual de Hermógenes foi Sai Baba, sobre o qual traduziu a obra *O Homem dos Milagres*, de Howard Murphet. Hermógenes conheceu o guru pessoalmente em uma das doze viagens que empreendeu à Índia. Ao longo da biografia de Hermógenes, são narradas diversas experiências espiritualistas pelas quais ele passou. Uma delas ocorreu em nove de janeiro de 1979, em Whitefield, na Índia, quando conduziu um grupo de brasileiros à comunidade onde Sai Baba residia. Sua esposa, Maria Bicalho, ficou impressionada com as palavras e feitos do guru e logo se tornou sua devota. Mas Hermógenes teria ficado irrequieto em relação, sobretudo, às materializações que Sai Baba operava. Contudo, após buscar mais informações, ler artigos e depoimentos, declarou que ficou:

[...] sabendo que aquela cinza que ele frequentemente materializa e oferece tem realizado curas extraordinárias e se chama *vibhuti*. E que seu maior milagre é transformar as pessoas, não somente por seus sermões e suas bênçãos, mas pelos numerosos estabelecimentos de ensino que tem construído e mantém em toda a Índia. Descobri que maior do que o espetáculo dos milagres é sua infinita compaixão universal (CARUSO, 2012, p. 91).

A partir dessas experiências, Hermógenes, em parceria com sua esposa e outros professores da sua academia, realizaram encontros mensais para estudar e refletir textos escritos por Sai Baba. Esse grupo foi à Índia, ao encontro do guru, em 1986. Nesse encontro, Hermógenes revela que presenciou a materialização de cinzas sagradas e doces, bem como de um japamala (rosário indiano), que foi entregue à sua esposa. Caruso (2012) considera que, após o retorno dessa viagem, Hermógenes se tornou o principal divulgador da mensagem de Sai Baba no Brasil e em Portugal. Retornaram à Índia em 1987 e 1988, nessa última viagem o casal estava em companhia do médium Divaldo Franco, que creditava a Sai Baba a cura de dores no peito através de uma aparição em sonho. É dito que durante aquela viagem os guias espirituais de Divaldo o avisaram que o trabalho do professor Hermógenes estava sendo orientado por Swami Vivekananda (1863-1902), um dos principais divulgadores do yoga e do Vedanta no ocidente.

Com essa perspectiva, Caruso (2012, p. 94) afirma que “com tal cobertura espiritual, Hermógenes conduzia o grupo de brasileiros por vários lugares sagrados da Índia”. Após o retorno dessa viagem, Hermógenes traduziu outras obras do mestre e conferiu palestras no Brasil e em Portugal disseminando sua mensagem. Em uma dessas ocasiões, foi registrado o aparecimento de uma silhueta de Sai Baba por

trás de Hermógenes, enquanto inaugurava um de seus centros. Perguntado sobre o fenômeno, Sai Baba teria apenas respondido que sim (CARUSO, 2012, p. 95).

Na biografia em questão, Caruso apresentou várias referências feitas por lideranças religiosas e espiritualistas ao trabalho desenvolvido por Hermógenes. No capítulo XVI, fez referência ao encontro de Hermógenes com o afamado médium brasileiro Francisco Cândido Xavier³¹, de quem era grande admirador e, segundo Caruso, por quem também era muito admirado. Na ocasião, Chico Xavier declarou que Hermógenes era seu autor predileto, e no Museu Chico Xavier, em Uberaba, é possível encontrar livros de Hermógenes no armário do quarto que pertencia ao médium (CARUSO, 2012, p. 73).

Hermógenes chegou a conduzir uma aula de yoga especialmente para Chico e,

[...] ao final da aula, no momento de relaxamento, as capacidades mediúnicas de Chico se mostraram e, rapidamente, o corpo estava completamente imóvel, como se Chico não estivesse mais presente na sala (CARUSO, 2012, p. 73).

O referido encontro se deu na década de 1970, em Uberaba, na casa de Chico Xavier. Caruso (2012, p. 73) conta que Hermógenes aproveitou o encontro para indagar ao médium se estava no caminho certo e se deveria continuar escrevendo. Perguntou ainda se sua obra era de sua própria autoria ou se era de autoria espiritual. Chico Xavier psicografou uma carta do médico Bezerra de Menezes, que na época já havia desencarnado e auxiliava espiritualmente os trabalhos do Grupo Espírita da Prece. Na carta, “Bezerra de Menezes estimula o caminho trilhado por Hermógenes e afirma que o seu trabalho tem a ajuda de uma elevada equipe espiritual de apoio” (CARUSO, 2012, p. 73). Essas passagens reforçam a imagem de Hermógenes como uma referência espiritual, sugerindo que a redação de suas obras foi assistida e auxiliada por seres desencarnados que trabalham em nome da caridade e do amor.

Hermógenes teve a oportunidade de encontrar mais uma vez com Chico Xavier e, dessa vez, munido de microfone e gravador, registrou uma declaração do médium a respeito do yoga. Chico Xavier então falou:

31 Chico Xavier foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz na década de 1980, sendo lembrado, sobretudo, por psicografar mais de quatrocentas obras de auxílio espiritual e por ter doado todo o dinheiro recebido para obras de cunho assistencialista. Em 2006, foi condecorado pela revista *Época* com o título de “O maior Brasileiro da História” e, em outubro de 2012, foi considerado “O Maior Brasileiro de Todos os Tempos” através de um programa exibido no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT).

Nós estamos aqui com o Prof. Hermógenes e não hesitamos em, particularmente, considerar a yoga como sendo a benção mais preciosa que desceu do céu, do mundo da providência Divina. É nosso benefício na Terra, porque, através da yoga, nós nos habilitamos para a preservação de nossa harmonia física e espiritual, até mesmo de um modo a poder cumprir com mais segurança e eficiência os ensinamentos do nosso Senhor Jesus Cristo, de modo que consideramos a yoga, uma benção de Deus (CARUSO, 2012, p. 73).

A declaração de Chico Xavier é apresentada como uma legitimação do yoga como prática de preservação da harmonia física e espiritual, reforçando o vínculo com os ensinamentos cristãos que Hermógenes propagou em suas obras. Para Caruso (2012, p. 73), ao recolher tal declaração, Hermógenes estava cumprindo mais uma missão pela universalidade espiritual.

Assim, as representações construídas em torno de Hermógenes transcendem seu reconhecimento enquanto escritor e professor de yoga, sendo constantemente indicado como uma referência espiritual. Na sua biografia há vários outros exemplos que corroboram isso. Caruso (2012) afirma que certa vez Hermógenes ministrou uma fala sobre Jesus e seu povo. Na ocasião estava presente a médium Célia do Carmo Ferreira da Silva, que no momento recebeu uma mensagem proveniente de um espírito que se sentiu atraído pelo conteúdo da mensagem que Hermógenes estava transmitindo. A mensagem incitava Hermógenes a telefonar para um determinado número, no interior da Argentina, constando o nome completo e endereço da pessoa que deveria contatar. O espírito desencarnado era oriundo de uma família judaica e pedia para Hermógenes tranquilizar seu irmão que se torturava internamente por não ter seguido os rituais funerários como prezava a tradição ao qual pertenciam. Caruso relatou que Hermógenes seguiu as instruções, servindo de mediador dessa tentativa de aliviar a culpa do rapaz que havia perdido o ente querido.

Dentro dessa perspectiva de construir representações de Hermógenes como referência espiritual, Caruso (2012, p. 46) apresentou a declaração do teólogo Leonardo Boff a seu respeito e sobre a dimensão de sua obra:

Por esse seu trabalho de mais de quarenta anos, o professor Hermógenes se fez um anjo bom da cultura brasileira. Um homem de Deus. Um homem espiritual. Em contato com ele sentimos sua irradiação e somos convidados a buscar a fonte dentro de nós mesmos e beber dessa fonte benfazeja.

Assim como a declaração de Chico Xavier, a fala de Boff coloca Hermógenes como um propagador da espiritualidade. Essa representação de Hermógenes como referência espiritual encontra seu ápice numa passagem em que Caruso (2012, p. 98) afirma que, em 1987, um casal português, Augusto e Lucinda, tiveram “suas bênçãos nupciais regidas pelo querido professor”. Fernando Augusto foi responsável pela organização da obra *Sabedoria Existencial de Hermógenes*, que trouxe um estudo do vocabulário da espiritualidade, tal como professada nas obras de Hermógenes.

Há atualmente uma tendência de promover a imagem de Hermógenes como um exímio escritor, como precursor da Yogaterapia, da medicina holística e como sendo uma referência espiritual no campo do yoga. Nesse sentido, existe essa biografia publicada por seu aluno Caruso e mais recentemente surgiram produções audiovisuais que reforçam e completam tal tendência.

O documentário *Eu Maior* foi publicado em 2013 através de um financiamento coletivo (*crowdfunding*) que arrecadou mais de duzentos mil reais. Foi elaborado por iniciativa da ONG DoBem e produzido pela Catalisadora Audiovisual. Trata-se de um filme que trouxe entrevistas e depoimentos de expoentes de diferentes áreas, como líderes espiritualistas, intelectuais, artistas e esportistas, que falam sobre o autoconhecimento e a busca da felicidade na contemporaneidade.

Hermógenes foi um dos entrevistados e falou sobre sua concepção de yoga. Na ocasião estava com 89 anos de idade e alegou que não trabalhava mais o corpo, mas continuava a praticar yoga. Segundo ele, “o ser humano possui o corpo, manobra com o corpo, cuida do corpo, mas ele não é o corpo” (EU MAIOR, 2013). Hermógenes criticou a concepção contemporânea do yoga como uma ginástica física, afirmando que o entende como um estilo de vida que cultiva o corpo, a mente e trabalha com as energias. Assim, ele deslegitima outros entendimentos sobre o yoga e constrói sua própria legitimidade fundamentada na sua autoridade e no capital social e simbólico que acumulou ao longo dos anos. Por outro lado, Hermógenes sempre divulgou e reforçou a abordagem terapêutica do yoga, utilizando sua experiência de vida e por meio de pesquisas e dicas de práticas de saúde, de como viver mais e melhor.

Através do yoga, Hermógenes afirmou procurar uma verdade que liberte, conforme prometeu Jesus Cristo. Para ele, a verdadeira liberdade é estar na unidade, cultivar o amor como meio de eliminar a ignorância que nos faz sentir separados dos nossos semelhantes. Em sua fala, afirmou que fazer yoga é procurar ter uma visão mais verdadeira, mais bela das coisas. Pois o sofrimento não alcança apenas os maus e os perversos, mas também os bons. Contudo, o sofrimento dos bons pode ser uma oportunidade de afastar os futuros obstáculos e cultivar a aceitação, segundo ele.

O fato de Hermógenes ter sido escolhido entre tantos outros professores indica essa tendência de elegê-lo como a grande referência, capacitando-o para falar sobre o yoga enquanto um caminho de autoconhecimento. Além dessa representação audiovisual, há o documentário que foi produzido pela documentarista Barbara Tavares e pelo cineasta Fernando Almeida através da produtora Bodhgaya Films em parceria com o Instituto Hermógenes. É um longa-metragem sobre a vida e a obra de Hermógenes. Assim como o documentário *Eu Maior*, esse longa-metragem intitulado *Deus me livre de ser normal* foi produzido por meio de um financiamento coletivo (*crowdfunding*). Em 2015 o documentário foi exibido nas salas de cinema de várias capitais brasileiras.

Hermógenes é representado no longa-metragem como sendo pioneiro do yoga e da terapia holística no Brasil. Os documentaristas alegam que o objetivo da produção é difundir a obra de Hermógenes, que é “uma personalidade brasileira que dedicou sua vida para difundir o que a ciência hoje certifica: Yoga beneficia o corpo e a mente” (HERMÓGENES o filme, 2015).

Em suma, observa-se a realização de inúmeros investimentos em torno de Hermógenes que procuram construir imagens positivas da sua pessoa, de sua trajetória enquanto professor e de seu legado. Essas construções discursivas e audiovisuais reforçam sua autoridade e legitimidade no disputado campo do yoga.

A teorização das diferenças

Apesar de ter formado inúmeros novos professores, Hermógenes nunca ministrou um curso de formação de instrutores, tal como feito por Caio Miranda, DeRose e muitos outros. Aqueles que se formaram com Hermógenes obtiveram ensinamentos através de suas aulas, conversas, palestras, cursos e, principalmente, através de seus livros que atingiram relativa popularidade. Caruso (2012, p. 38) informa que no início da década de 1960 apareceu um jovem rapaz com um livro debaixo do braço, acompanhado de um amigo, pedindo por aulas e ensinamentos. Era Luiz Alvarez DeRose, que acabou se tornando um dedicado aluno e, anos mais tarde, seguiu “um caminho contrário e muito particular de yoga, com um grande número de escolas”.

O yoga percorreu diversos caminhos após sua introdução e disseminação no Brasil. Houve muita discordância em torno do que seria yoga, de qual a melhor forma de ensinar, de como organizar os representantes e os professores dessa tradição. Surgiram embates discursivos, nos quais professores buscavam diferenciar o que ensinavam daquilo que era ensinado pelos demais. Quando Caruso

(2012) afirma que DeRose tomou um caminho contrário e particular de yoga, deixa entrever essas discordâncias. O biógrafo de Hermógenes reproduz uma visão criada, sobretudo, pelo próprio DeRose, de que o yoga ensinado por ele, o *Swásthya Yôga*, era contrário ao yoga ensinado por Hermógenes, o Hatha Yoga.

Boa parte da construção do *Swásthya Yôga* por DeRose foi pautada na comparação com o Hatha Yoga. Em suas obras, DeRose traça tabelas comparativas entre ambas as modalidades, distinguindo o público de cada uma delas. Para o *Swásthya Yôga* ele designou “pessoas dinâmicas, intelectuais, artistas, escritores, cientistas, jornalistas, empresários, executivos, profissionais liberais, universitários, desportistas”. Já para o Hatha Yoga, os “alternativos, espiritualistas, público denominado ‘zen’, idosos, pessoas que buscam terapia, nervosos, gestantes, senhoras dona de casa, etc.” (DEROSE, 2007, p. 108).

A modalidade ensinada por Hermógenes, Hatha Yoga, é representada por DeRose como destinada a pessoas de idade, doentes e espiritualizadas. Assim, deveriam praticar Hatha Yoga aqueles que estivessem com necessidades terapêuticas ou que estivessem almejando trabalhar aspectos da espiritualidade. Já ao *Swásthya Yôga*, ele delega o público jovem, esportistas e profissionais liberais, que não estivessem precisando da aplicação de técnicas do yoga para fins terapêuticos, tampouco para trabalhar a espiritualidade.

Sobre esse aspecto, DeRose afirma que “se você quer a verdade e não a versão açucarada para fins de exploração do consumidor vai ter que aceitar o fato de que esta metodologia foi criada para gente jovem”, por isso o “*Swásthya* é para pessoas sensíveis, educadas, cultas, saudáveis, dinâmicas, disciplinadas, alegres e de bem com a vida” (DEROSE, 2010a). Diferindo da proposta de Hermógenes, DeRose declarou que yoga:

[...] não é uma terapia e não é para a terceira idade. O Yôga (yoga) proporciona saúde e vitalidade, mas se pessoas enfermas ou idosas tentarem praticar, terão que satisfazer-se com uma interpretação tão extremamente simplificada e adaptada que termina comprometendo a autenticidade e transformando-se numa outra coisa que não pode mais chamar-se Yôga (yoga), nem tem a mesma proposta. (DEROSE, 2010a).

Na disputa pelo concorrido mercado do yoga, seu discurso criou distinções e diferenciações entre modalidades, elegendo seu produto como o mais autêntico, o mais antigo e mais genuíno, que não sofreu deturpações como as demais modalidades.

Em todas as obras de DeRose é possível encontrar sua clássica definição “Yôga é qualquer metodologia estritamente prática que conduza ao samádhi” (DEROSE, 2007, p. 20). Dessa definição ele concluiu que Yoga é uma metodologia com o propósito específico de conduzir o praticante ao samadhi³². Para ele, o yoga é uma metodologia prática que não possui uma filosofia intrínseca. Por isso, ao longo dos anos o yoga foi sendo associado a diferentes escolas e tradições filosóficas, como, por exemplo, o Vedanta e o Sankhya. DeRose defendeu a existência de um Yoga Pré-clássico, que existiu antes do Yoga Clássico documentado nos sutras de Patañjali por volta do século IV a.C. Tal yoga estaria associado à tendência Sankhya e à linhagem Tantra, ao passo que o yoga moderno, desenvolvido a partir do século VII d. C., passou a ser associado à tendência Vedanta e à linhagem Brahmacharya. Com essa justificativa, DeRose afirmou que “Sámkhya e Védánta são filosoficamente opostos entre si, já que o primeiro é naturalista e o segundo, espiritualista. Naturalista é a filosofia que atribui causas naturais a todos os efeitos. Espiritualista é a que atribui causas sobrenaturais” (DEROSE, 2010a).

Por meio dessa teorização, DeRose criou oposições entre as diferentes propostas de yoga, colocando a modalidade mais difundida no Ocidente, o Hatha Yoga, em contraposição àquela que ele ensinava. Seu discurso estava pautado na distinção em relação ao outro, que era classificado com elementos negativos em contraposição à autenticidade e legitimidade que caracterizava a modalidade de yoga que ele ensinava. Assim, DeRose requeria para si a interpretação verdadeira e legítima da tradição do yoga e indicava as demais modalidades como deturpadas e não autênticas. Para ele,

[...] o Yôga (yoga) Pré-Clássico (o mais antigo) não menciona finalidades terapêuticas. Tais referências só surgem lá pela Idade Média, cerca de 4000 anos após a origem dessa filosofia. Portanto, isso não faz parte da proposta original do Yôga (yoga). (DEROSE, 2010a).

Porém, na disputa pela interpretação e definição do yoga, outros professores e estudiosos do assunto, como Souza (2013) e Kupfer (2013), por exemplo, defendem que o yoga é uma corrente tradicional una e ainda que tenha sido transmitido

32 É comum encontrar definições como expansão da individualidade, estado transcendental, estado de hiperconsciência ou até mesmo fim do Eu. Masetti (2013, p. 63) define como “a permanência da mente com absorção em um determinado assunto”. DeRose define samadhi como um estado de hiperconsciência e autoconhecimento que só o yoga proporciona.

oral e textualmente em diferentes linguagens simbólicas, possui uma continuidade ao longo desses milênios, cuja origem está nos Vedas. Nessa visão, todo conhecimento que foi compartimentado em escolas e tradições, tidas hoje como distintas, já estava presente de forma embrionária nos Vedas, como uma unidade.

Nota-se assim, um embate discursivo onde professores buscavam caracterizar a modalidade que ensinavam como tradicional e autêntica, atribuindo uma antiguidade cada vez maior para a sua origem. Com isso, o yoga foi compartimentado em diversas modalidades e rótulos buscando atender a demanda do mercado contemporâneo, como se cada uma delas tivessem propósitos distintos, criando linhas divisórias que demarcavam e distinguiam uma das outras, fabricando diferenças e forjando identidades.

A construção do *Swásthya Yôga*

A partir da década de 1970 surgiu no Brasil um grupo de praticantes de yoga organizados sob a logomarca *Swásthya Yôga*³³. Esse grupo se formou em torno do professor DeRose, através de seus cursos de formação de instrutores. DeRose possui uma vasta literatura a respeito do yoga, tendo publicado seu primeiro livro em 1969, *O Prontuário de Yôga Antigo*³⁴.

Em suas obras, DeRose apresenta o yoga através de uma linguagem acessível, didática e repetitiva, despertando no leitor um aprendizado condicionado pela ação mecânica estímulo-resposta. Há uma preocupação em fixar questionários-padrões em suas obras, num condicionamento mecânico do tipo estímulo-resposta, onde pretende homogeneizar as práticas de leitura ao determinar as repostas corretas e esperadas de seus leitores/alunos ao serem submetidos às provas e aos testes da sua instituição, a Uni-Yôga.

Os aspirantes a instrutor de *Swásthya Yôga* devem se submeter aos exames nos Cursos de Extensão Universitária para a Formação de Instrutores de Yoga,

33 Trata-se de uma modalidade de yoga codificada (ou, como preferem alguns, criada) por DeRose a partir da segunda metade do século XX.

34 Em sua obra, DeRose repete de forma exaustiva e defende categoricamente a necessidade de empregar o acento circunflexo na palavra yoga, o que acabou se tornando uma marca distintiva daqueles que praticam *Swásthya Yôga*, já que praticantes de outras “linhagens” ignoram essa necessidade. Contudo, estudiosos de sânscritos (GULMINI), historiadores da religião (ELIADE), investigadores da cultura indiana (FEUERSTEIN) e professores (KUPFER) já demonstraram que a palavra yoga é um substantivo masculino de origem sânscrita, cuja grafia não possui acentuação.

que foram implantados por DeRose por meio de um convênio firmado entre a União Nacional de Yôga e algumas universidades federais, estaduais e católicas do país em meados da década de 1970. DeRose afirma ter criado a primeira Universidade de Yoga do Brasil. Evidencia-se aqui a busca pela legitimação do seu método por meio das universidades, já que a Universidade de Yoga³⁵ fundada por DeRose não se constitui em uma universidade de fato, com reconhecimento do Ministério da Educação (MEC). Nesses exames, o aspirante é submetido a testes e avaliações para atestar a assimilação dos conteúdos referentes ao *Swásthya Yôga*. Todas as respostas, performances e demonstrações requeridas nos testes devem estar em consonância com aquilo que é veiculado em suas obras e em suas vídeo-aulas, inclusive o fato de empregar o acento circunflexo na palavra yoga. Através da Uni-Yôga, DeRose e instrutores publicaram algumas obras de auxílio àqueles que aspirem ser participantes de tal instituição. Duas delas nos interessam mais, *Programa do Curso Básico de Yôga* (DeRose) e *Escala Evolutiva: sistema de avaliação e hierarquia da Universidade de Yôga* (Sérgio Santos). Nessas obras encontram-se as perguntas e respostas-padrão que o aspirante deve memorizar para ser aprovado no processo de seleção e nos testes que o habilitam a passar de um grau para outro dentro da hierarquia da instituição. Dentro dessa lógica educacional, Santos afirma que “obterão a nota máxima nas questões, aqueles que memorizarem as respostas-padrão” (SANTOS, 1999, p. 62). À questão “Dê a definição de Yôga” contida nesses questionários, espera-se que o aspirante reproduza a definição elaborada por DeRose, ou seja, “Yôga é qualquer metodologia estritamente prática que conduza ao samádhi”. (DEROSE, 2007, p. 22).

Na obra *Escala Evolutiva*, a preocupação do autor é explicar detalhadamente como se dá a organização hierárquica da Uni-Yôga, quais conhecimentos devem ser memorizados para ascender de grau e os direitos e deveres daqueles que ocupam esse ou aquele lugar na escala hierárquica. Santos (1999, p. 16) informa que os graus dessa escala são oito e o candidato pode levar em média entre

35 Segundo DeRose, Universidade de Yôga é o nome dado ao convênio entre a União Nacional de Yôga, a Federação de Yôga dos Estados e as universidades federais, estaduais e católicas, visando a formação de instrutores. Ele alega usar o termo Universidade de acordo com o conceito arcaico do termo *universitas*: totalidade, conjunto. Trata-se de uma instituição nos moldes das universidades livres europeias e norte-americanas, cuja tutela não é a de ensino superior. A partir disso, DeRose reclama para si a fundação da Primeira Universidade de Yôga do Brasil, em 1994.

doze e dezessete anos para ascender do grau 1 de aspirante ao grau 8 de mestre³⁶. Simbolicamente, esse sistema de hierarquias é legitimado através do uso do pin (pequeno broche de metal, contendo a inscrição OM), sendo que cada indivíduo, de acordo com seu cargo ou nível evolutivo na escala hierárquica, utiliza-o de forma diferente. Além disso, esse *pin*, assim como o SwaMálá³⁷, possui diversas cores referentes a cada grau, como símbolo distintivo.

Diversas críticas foram feitas ao trabalho de DeRose pelo caráter institucional que ele criou em torno da marca *Swásthya Yôga*. Para que um instrutor ensine seu método é necessário pagar mensalmente certo valor como supervisão. Caso contrário, mesmo que já tenha feito curso de formação, seu diploma é invalidado e o instrutor considerado inapto para ensinar. Além disso, tal diploma só dispõe de valor dentro dos círculos do *Swásthya Yôga*, ainda assim, tendo que ser revalidado com certa periodicidade.

Nas outras modalidades de yoga difundidas no Brasil, os cursos de formação capacitam o instrutor a atuar e após o término não exigem nenhuma ligação financeira com o ministrante do curso. Tendo concluído a formação, o instrutor não se vê obrigado a pagar nenhuma taxa mensal para lecionar e desenvolver seu trabalho relacionado ao método que aprendeu. O mesmo ocorre com professores brasileiros que vão à Índia, realizam cursos de formação e retornam para o Brasil ensinando o método que aprenderam, sem nenhuma vinculação financeira posterior.

DeRose impele seus leitores/alunos a não buscarem outras leituras produzidas fora do seu controle. Assim, incita leitores e discípulos a se restringirem às informações que ele selecionou, à memória que ele produziu e institucionalizou através dos seus escritos. Para ele, “a maior parte dos livros sobre Yôga e similares que se encontram comercializados é nociva” (2007, p. 821) e, portanto, melhor seria se dedicar à leitura e releitura das boas obras sobre yoga, ou seja, aquelas produzidas por ele mesmo e/ou pelo seu discipulado:

36 Os oito graus são respectivamente: 1) aspirante; 2) sádhaka; 3) yôgin; 4) chêla; 5) graduado; 6) assistente; 7) docente; 8) mestre (SANTOS, 1999, p. 16).

37 “Cordão dos praticantes de Swásthya Yôga, foi criado como um sistema de identificação que denota o cargo, o grau, e o nível dos Instrutores e praticantes de Swásthya Yôga” (SANTOS, 1999, p. 45).

[...] mesmo que encontrasse várias boas obras e vários bons mestres — bem, aí seria mesmo um fenômeno de sorte — ainda assim, a dispersão de se envolver com mais de uma metodologia, comprometeria os eventuais resultados positivos que poderia colher caso se concentrasse numa só via. (DEROSE, 2007, p. 821).

DeRose criou em suas obras uma distinção entre dois tipos de yoga, aqueles de linhagem Samkhya³⁸ e aqueles de linhagem Vedanta³⁹. A modalidade ensinada por ele estaria enquadrada nesse primeiro tipo e, logo, desaconselha qualquer contato dos seus discípulos com elementos concretos e simbólicos das modalidades que se enquadram no segundo tipo, o Vedanta⁴⁰. Para ele,

Os livros mais perigosos são os que visam à doutrinação do leitor para alguma outra ideologia e usam como chamariz o nome de Yôga, já que este tem um respeitável fã clube. O interessado compra o livro e leva gato por lebre. Se houver 5% de Yôga em todo o volume, é muito. O resto costuma ser catequese para o Vêdânta, ou Teosofia, ou proselitismo a favor de alguma seita exótica. O Yôga mais antigo — pré-clássico e clássico — era Sámkhya (naturalista). Portanto, o Yôga mais autêntico é dessa corrente. Na Idade Média apareceu um Yôga moderno, de linha Vêdânta (espiritualista) (DEROSE, 2007, p. 824).

Por meio de um discurso de autenticidade, DeRose criou elementos que lhe deram suporte para negar as outras modalidades, vistas como formas deturpadas de yoga, cuja memória não merece ser acessada. Uma memória impedida que pudesse ser nociva e comprometedora dos estudos daqueles que a acessarem.

38 Literalmente, “enumeração”. “Uma das seis escolas clássicas de pensamento do hinduísmo, que trata da classificação dos vários princípios (tattva) ou categorias da existência” (FEUERSTEIN, 2006, p. 545).

39 Literalmente, fim do Veda. “A tradição filosófica dominante no Hinduísmo, que ensina que a realidade é não dual (advaita)” (FEUERSTEIN, 2006, p. 547).

40 Na obra Tratado de Yôga, DeRose faz um quadro comparativo entre o Swásthya e o Hatha Yoga, de forma a demonstrar aquilo que se deve evitar. Por exemplo, “só leciona no Swásthya quem for formado e qualificado mediante cursos, exames, revalidações anuais e supervisão de um Mestre”. Já no Hatha “a maioria leciona sem nenhum preparo, sem curso, sem avaliação, sem certificado e registro profissional” (DEROSE, 2007, p. 107).

Dessa forma, recomenda não frequentar outras escolas, outras egrégoras⁴¹ e não experimentar outros métodos. DeRose (2007, p. 708) defende que há uma incompatibilidade entre egrégoras e que a tentativa de conciliar duas ou mais pode resultar no dilaceramento das energias do indivíduo, “como se você estivesse sofrendo o suplício do esquitejamento, com um cavalo amarrado em cada braço e em cada perna, correndo em direções opostas” e “esse esquitejamento traduz-se por sintomas, tais como ansiedade, depressão, nervosismo, agitação, insatisfação ou solidão” e, num grau mais elevado, “suas energias entram em colapso e surgem somatizações concretas de enfermidades físicas, das quais, um dos mais comuns é o câncer”. Para DeRose, o bom discípulo não tem necessidade de aprender e se relacionar com outro mestre ou até mesmo com praticantes de outras escolas, pois “as mesclas minam a credibilidade; a especialização a enaltece” (DEROSE, 2007, p. 709).

Todo esse conteúdo ainda é reforçado e justificado por meio da relação mestre/discípulo defendida por DeRose. Para ele, a “lealdade é uma das principais virtudes exigidas ao discípulo de Yôga e, por incrível que pareça, é a mais mal interpretada no Ocidente” (DEROSE, 2007, p. 690). Ele enumera três principais aspectos da lealdade que espera de seus alunos/discípulos: acatar o que vier do Mestre; fidelidade a um só Mestre; defender seu Mestre. Ou seja, o discípulo deve defender “corajosamente seu tipo de Yôga, sua linhagem e o seu Mestre contra os tão frequentes sabichões que, motivados pela inveja, os atacam”. Isso implica também “não querer aprender de mais ninguém, coisa alguma”, bem como não visitar outro mestre, já que isso significaria “que você não está cem por cento com ele; que não está satisfeito com os ensinamentos e quer compará-los com os de outra escola” (DEROSE, 2007, p. 691).

Rosana Ortega, professora de *Swásthya Yôga* e consultora de empresas há mais de vinte anos, quando indagada sobre acusações de espionagem em relação à vida pessoal e profissional de alguns instrutores, alegou que “na Coca-Cola, por exemplo, o funcionário é demitido se for flagrado bebendo Pepsi. O ator da Globo não pode dar entrevista ou negociar em outra emissora, porque ele representa a própria imagem da Globo. Os nossos instrutores também representam a nossa imagem” (ORTEGA, 2010). Tal afirmação fornece indicativos do sistema empresarial formulado em torno da marca *Swásthya Yôga*, no qual os instrutores são

41 Segundo DeRose (2007, p. 706), “Egrégora provém do grego egrégoroi e designa a força gerada pelo somatório de energias físicas, emocionais e mentais de duas ou mais pessoas, quando se reúnem com qualquer finalidade”.

impelidos a ter acesso somente à memória selecionada por DeRose e são punidos quando, por algum motivo, resolvem não acatar tal recomendação.

DeRose define o Swásthya Yôga como:

[...] o próprio Yôga Pré-Clássico, pré-ariano, pré-védico, proto-histórico, o Yôga de Shiva, Yôga Ultra-Integral, com todas as suas características Tântrika e Sámkhya preservadas e mais: sua execução lembrando uma dança, resgatada das camadas mais remotas do inconsciente coletivo! (DEROSE, 2007, p. 38).

As palavras de Santos (1999, p. 14) reproduzem tal definição:

Somos discípulos do mais relevante Mestre de Yôga da atualidade. Confessamos um enorme orgulho de pertencermos à linha sucessória do Mestre DeRose, que fundou e dirige esta grande família. Conceituado internacionalmente, o Mestre DeRose foi o único nestes últimos dois mil anos a resgatar o Yôga Pré-Clássico, portanto, o Yôga mais antigo e autêntico.

DeRose realizou sucessivas viagens à Índia durante mais de duas décadas, período em que teria entrado em contato com uma forma de yoga esquecida e sucumbida pela invasão ariana⁴². A partir disso, teria dado início à codificação⁴³

42 Kupfer (2000, p. 99) critica tal tese e explica: “o que a tese da invasão ariana sustenta, in brief, é que tribos nômades bárbaras, provindas da estepe eurásiana, teriam penetrado por volta de 1500 a.C. pelo noroeste da Índia, arrasando a civilização que aí estava, escravizando os aborígenes e fazendo a cultura local regredir a formas larvais durante mais de mil anos”. Essa é a teoria contida nos livros de DeRose para explicar como o yoga mais genuíno, mais antigo (aquele codificado por ele), teria ficado durante anos no esquecimento, não obstante alguns pesquisadores terem questionado a veracidade dessa teoria a partir de 1920 e de terem argumentado contrariamente dizendo que a “teoria da invasão ariana” não passa de uma fantasia acadêmica (KUPFER, 2000; KALYAMA, 2003; FEUERSTEIN, 2006).

43 Ele dedicou parte de sua obra para explicar o que é uma codificação. DeRose usa como metáfora um armário muito antigo, ganhado de herança, onde haveria uma gaveta esquecida e lacrada pelo tempo, e dentro dela várias ferramentas, pergaminhos, sinetes, esculturas; tudo ainda funcionando perfeitamente bem, tudo intacto, mas extremamente desarrumado, embaralhado. “Então, você apenas limpa cuidadosamente e arruma a gaveta. Pergaminhos aqui, ferramentas acolá, sinetes à esquerda, esculturas à direita. Depois você fecha de novo a gaveta, agora sempre disponível e organizada. O que foi que você tirou da gaveta? O que acrescentou? Nada. Você apenas organizou, sistematizou, codificou. Foi apenas isso que fizemos. O armário é o Yôga Antigo [...]” (DEROSE, 2007, p. 110). Assim o autor justifica não ter criado uma nova modalidade de yoga, mas apenas codificado um conjunto de conhecimentos e técnicas que estavam esquecidas e lacradas pelo tempo.

desses elementos dispersos, esquecidos e ignorados até então, formando o que DeRose chamou de *Swásthya Yôga*, ou seja, um tipo de yoga tão antigo quanto aquele apontado pelas escrituras e pelos pesquisadores, e que tinha sido deixado de ser praticado na Índia. Essa questão gerou bastante polêmica, já que nenhum outro professor fora do círculo de convívio do *Swásthya Yôga*, pesquisador ou mestre de yoga de outras escolas ou linhagens reconheceram a existência desse tipo de yoga. DeRose também passou a defender que o *Swásthya Yôga*, o tronco Pré-Clássico era o yoga mais legítimo, mais genuíno, o mais integral que existe, do qual nasceram todos os demais tipos de yoga, que foram cada vez mais sendo deturpados.

Eric Hobsbawm denominou de “tradição inventada” esse tipo de construção prática e discursiva. A tradição inventada compreende:

[...] um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas [que visam] inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade com o passado (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p. 9).

Portanto, a tradição se constitui com elementos que remetem a um tempo longínquo, um tempo imemorial, como forma de legitimação de um discurso, por exemplo. Busca-se estabelecer continuidades com o passado que se quer lembrar através da linguagem elaborada, das práticas e das comunicações simbólicas. Nesse sentido, as tradições são reações a situações novas que assumem forma de referência a situações anteriores e, assim, estabelecem seu próprio passado (aquele que se quer lembrar em consonância com as identidades que se quer forjar) por meio da afirmação constante.

DeRose denomina o *Swásthya Yôga* eruditamente de Dakshinacharatántrika-Niríshwarasámkhya Yôga⁴⁴ e diz que ele não foi codificado pelos antigos yogis, tal como as demais modalidades, por vários motivos:

[...] um dos motivos foi porque a vida era bastante descomplicada na civilização primitiva em que teve origem. Assim, não se preocuparam com fundamentações, academicismos e outras complicações. No entanto, hoje sentimos necessidade de uma codificação daquele Yôga Antigo, Pré-Clás-

44 DeRose informa que esse é o nome original do Yoga antigo, pré-clássico, codificado por ele. Mas por se tratar de “um nome muito longo e difícil de memorização para um leigo”, há meio século teria adotado o nome *Swásthya* “com o intuito de facilitar o entendimento” (DEROSE, 2007, p. 95). A tradução para *Swásthya* seria “autossuficiência”.

sico, até para poder distingui-lo das correntes mais modernas e explaná-lo de forma clara e documentada (DEROSE, 2007, p. 95).

Essa codificação não é baseada em nenhuma documentação específica, que possa ser mensurada, indicada e consultada por aquele que queira comprovar suas afirmações. DeRose (1996, p. 12) escreveu na obra *Yôga: mitos e verdades* que teria sistematizado o Yôga Antigo “baseado nos Shástras, após muitos estudos, dedicação e prática”, contudo, não indica os Shastras, ou seja, as escrituras nas quais teria se baseado para empreender tal codificação. Os demais professores do campo não reconhecem a legitimidade dessas afirmações, já que os livros de História do Yoga nem chegam a mensurar o *Swásthya Yôga* enquanto uma modalidade de Yoga Antigo, e a maioria dos livros nem chegam a mensurá-lo de forma alguma. Kupfer (2000, p. 7) relata, sobretudo nas primeiras páginas da sua obra *História do Yoga*, o motivo que o levou a escrever uma obra como essa, afirmando ter cansado de

ficar de braços cruzados perante a opinião generalizada e mentirosa, divulgada nos livros de História e por ninguém questionada aqui na América do Sul sobre algo que não diz respeito apenas aos praticantes de Yoga: contar a verdade sobre a História da Índia como ela aconteceu.

Dessa forma, as disputas simbólicas no campo do yoga se evidenciam pela legitimação e “deslegitimação” do outro através das construções discursivas, cada um rogando para si a detenção da verdade.

Exemplo disso é a tentativa de instituir o Dia do Yôga (com acento circunflexo) em treze estados⁴⁵ através do Projeto de Lei 3210/2004, que busca oficializar a comemoração no dia 18 de fevereiro, data do aniversário de DeRose⁴⁶. O projeto gerou polêmica por não haver um reconhecimento por parte dos seus pares de que ele seja uma autoridade dentro dessa tradição, que mereça ser homenageado e que seja representante dos yogis. Desde então, DeRose tem promovido encontros com práticas de yoga, shows e outras atrações nessa data. No site da já referida Aliança do Yoga encontramos menção ao Projeto de Lei 5087 que soli-

45 São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Goiás, Piauí e Ceará, mais o Distrito Federal.

46 No site da Câmara dos Deputados informa-se que o projeto está aguardando a deliberação do recurso na mesa diretora. (BRASIL, 2004).

cita a criação do Dia Nacional do Yoga para a data de 22 de setembro, fato que ilustra muito bem a falta de unanimidade em relação à proposta de DeRose de convencionar a data no dia do seu aniversário, 18 de fevereiro (ALIANÇA DO YOGA, 2002). Seguindo a mesma lógica, outra comemoração convencionada e propagada desde 2010 é o Golden Jubilee que celebra os 50 anos de magistério de DeRose e que, através da referência ao passado, corrobora esse processo de formação e ritualização do *Swásthya Yôga*.

Do *Swásthya Yôga* ao Método DeRose

Há alguns anos, uma busca na internet relacionada ao nome DeRose indicaria inúmeras páginas associando-o ao *Swásthya Yôga*; contudo, paulatinamente essa associação vem deixando de ser feita em prol da marca *Método DeRose de Qualidade de Vida*. Aquele yoga que gerou polêmicas em torno da sua legitimidade, o *Swásthya Yôga*, está deixando de ser mensurado. DeRose não requer mais para si o mérito de codificador do yoga mais legítimo, o mais genuíno, mais puro, aquele yoga de Shiva, da qual todos os outros surgiram e foram sendo deturpados ao longo dos milênios. DeRose agora ensina um método que leva o seu nome, mesmo tendo escrito anos atrás que “não é adequado chamar seu Yôga pelo nome do professor” (DEROSE, 2007, p. 90). O novo método nem está mais relacionado diretamente com a cultura indiana, tal como era o *Swásthya Yôga*, já que o Método DeRose “é uma urdidura entre técnicas e conceitos, oriunda de tradições culturais muito antigas” (DEROSE, 2010b), e não o método de yoga mais antigo que ficou esquecido durante milênios e que foi codificado por ele.

Após inúmeras críticas e denúncias feitas por dissidentes e profissionais do yoga⁴⁷, vem ocorrendo uma revisão dos valores antes defendidos, numa tentativa de colocar no esquecimento aquilo que não mais convém como representação identitária do yoga que preconiza, substituindo-o por novas representações.

Em 2004, já havia indicativos desse processo de mudança do método ensinado por DeRose. Rodrigo Leite, por exemplo, dizia que:

47 Atualmente existem inúmeros sites e blogs que se ocupam em propagar e denunciar os abusos ocorridos dentro da Rede DeRose. A título de exemplo, cito os seguintes blogs: Abra os olhos ao *Swásthya Yôga* (<http://abraosolhosaoswasthyayoga.blogspot.com.br>), Yoga com acento (<http://yogacomacentos.wordpress.com>) e A Farsa do *Swásthya Yôga* (<http://foraderose.blogspot.com.br>).

A rede de mais de 200 escolas ligadas a Luis Sérgio de Rose, o Mestre DeRose, no Brasil, em Portugal e na Argentina está passando por dias turbulentos. Mais de 20 dos seus cerca de 500 professores a deixaram nos últimos três meses. Nem é um número expressivo, o que conta é o barulho que eles estão fazendo. Internamente, são tratados como “dissidentes” e recomenda-se distância deles. (LEITE, 2002).

Marcos Taccolini é um empresário do ramo da informática que se tornou instrutor e empreendedor da Rede DeRose e rapidamente virou vice-presidente da Federação de Yôga do Estado de São Paulo. Montou escola na zona sul paulista e em Fortaleza. Em 2006 deixou a rede alegando “quando ia chegar o momento de ferir a lei, saí da rede” (TACCOLINI, 2006).

Na carta aberta de Taccolini, publicada em 2006, é possível entrever um fato comum à Rede DeRose. Quando ocorre algum desligamento de um de seus instrutores/empreendedores, DeRose envia e-mails para todos os instrutores de seu método comunicando que determinado membro do grupo se afastou ou foi afastado — pois há casos de expulsão da rede por motivo de transgressão das normas internas do grupo. É dito que instrutores já foram afastados por partilharem habitação e convivência com pessoas dissidentes da rede.

Taccolini respondeu à carta de DeRose, agradecendo pelos bons momentos vividos nos círculos do *Swásthya Yôga* e também pelo fato de DeRose declarar que, mesmo fora da rede, Taccolini poderia continuar ensinando o seu método — fato bastante inusitado se comparada à saída de outros instrutores. Quanto a isso, Taccolini argumentou que:

A liberdade que me está sendo dada de continuar ensinando o Swásthya é muito boa, por isso agradeço, mas tal fato é no mínimo incongruente, pois, não tem muito sentido nós continuarmos ensinando Swásthya e você continuar orientando seus discípulos a não poder falar sobre Yôga conosco. (TACCOLINI, 2006).

DeRose foi acusado de vetar contatos profissionais e pessoais entre seus instrutores e pessoas dissidentes da rede. Outra crítica direcionada a DeRose e seu método é o fato do nome *Swásthya Yôga* ser uma marca registrada no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), sendo, portanto, uma espécie de modalidade/empresa. Taccoloni caracteriza esta atitude como imprópria, já que nenhuma outra modalidade consagrada no campo do yoga, tais como o Hatha e Raja Yoga, foi ou será registrada como uma marca, pois fazem parte de uma tradição de conhecimento que não pode ser propriedade de um indivíduo.

Nessa mesma carta Taccolini lamentou o fato de algumas pessoas ainda sustentarem a marca e a egrégora criada por DeRose. Sobre isso, alegou que:

Quanto aos instrutores da Uni-Yôga, que ainda não se desligaram da Rede, é uma pena, pois vivem numa ilusão de estabilidade, de uma família, de muitas amizades, de uma carreira promissora, e isso tudo não é patrimônio pessoal ou real, pois, subitamente isso pode lhe ser retirado, caso alguma opinião, princípio pessoal ou ético, entre em discordância com a Rede. (TACCOLINI, 2006).

Outro aspecto bastante criticado em relação à Rede DeRose é sua constituição em esquema pirâmide. Segundo Taccolini, apesar da Rede não trabalhar com sistema de franquias, existe uma obrigação comercial para quem abre uma escola que ensina o método DeRose. Tal obrigação se dá através de uma taxa mensal de supervisão e da obrigatoriedade de fazer diversos cursos anualmente na Uni-Yôga, mas, de acordo com Taccolini, o maior retorno financeiro exigido se dá através da venda de livros e CDs de autoria de DeRose. Ele contou que “cada unidade é obrigada a comprar em produtos DeRose o equivalente a pelo menos 10 por cento do seu faturamento, para vender pelo dobro do preço aos alunos” (TACCOLINI, 2006).

No que diz respeito à formação de instrutores, Taccolini argumentou que DeRose utiliza métodos alienáveis como exigência para exibir vídeos sobre a prática de Swàsthya Yôga ao maior número de pessoas. Num segundo momento, o candidato é impelido a fazer exposições desses vídeos com sessões pagas, sendo dez por cento do valor arrecadado direcionado à rede sob alegação de direitos autorais. Taccolini esclareceu que,

A partir daí, começam as aulas propriamente ditas. A primeira fase, equivalente a uma graduação, tem duração mínima de quatro anos, sendo que a partir do segundo o aluno já pode ser remunerado como estagiário na própria escola. Para atingir o grau de mestre são necessários pelo menos 12 anos de dedicação. O problema é que parte das obrigações dos alunos é arremeter e manter outros 12 estudantes durante a primeira etapa do curso. Quase ninguém consegue isso em quatro anos. É ou não um esquema de pirâmide? (TACCOLINI, 2006).

Por fim, Taccolini referiu-se ao fato da rede DeRose estar “em esforço de guerra pela reversão da sua imagem”, indicando esse processo de desvinculação

e silêncio em relação à marca *Swásthya Yôga* em prol da marca *Método DeRose de qualidade de vida* (TACCOLINI, 2006). Tal fenômeno parece estar vinculado não apenas ao grande número de dissidências nos últimos anos, já que boa parte desses dissidentes acabou tornando públicas suas insatisfações, mas também à oferta de um novo produto, mais competitivo, num mercado que é disputadíssimo. O novo produto apresenta-se mais abrangente, não estando restrito ao yoga, mas abrangendo a qualidade de vida. Trata-se de uma adaptação ao mercado e à oferta de um novo produto mais competitivo.

Como decorrência da oferta de um novo produto, os concorrentes tentam deslegitimá-lo, desqualificando-o. Em alguns casos, as críticas dos dissidentes ao Método DeRose vieram veladas, de forma alusiva, como no caso do artigo do professor Pedro Kupfer publicado na revista *Super Interessante* em junho de 2004, intitulado “Perigos do yoga vira-latas”. Para Kupfer, “em nosso país, o yoga virou uma mercadoria usada por charlatões para enriquecer, seduzir e extorquir” (KUPFER, 2004). No que diz respeito às estratégias usadas por DeRose, Kupfer argumentou que:

Nesse panorama de “vale tudo” destacam-se, pela periculosidade, algumas seitas intolerantes, disfarçadas de redes franqueadoras autodenominadas “universidades”, que tratam essa antiga filosofia como se fosse fast food e enxergam os praticantes como se fossem notas de dinheiro com pernas. Essas seitas com fins lucrativos oferecem um vasto leque de produtos, que vão desde formação profissional (para o bom entendedor, lavagem cerebral pura e simples) a sexo tântrico (leia-se lascívia desenfreada), sob a supervisão totalitária do mestre.

Esperatamente, especializam-se no público jovem, mais fácil de manipular. Os adeptos são orientados a não misturar-se com pessoas de “nível energético inferior”, não ler livros ou fazer práticas de outras formas de yoga que a preconizada pelo líder e outras instruções que têm como objetivo alienar o indivíduo, enfraquecê-lo e torná-lo mais manipulável. Quando há algum questionamento em relação ao autoritarismo ou a pessoa se afasta da faixa etária ideal, ela é impedida de continuar frequentando o curso, descartada como bagaço da laranja. (KUPFER, 2004).

As críticas feitas por Taccolini (2006) e Kupfer (2004) refletem a existência de tensões e lutas de poder dentro do campo do yoga. Com essa argumentação, Kupfer cria diferenças radicais entre o yoga legítimo e o que virou mercadoria nas mãos de charlatões que desvirtuaram o yoga e manipularam os incautos, so-

bretudo, os jovens. Deslegitimar os concorrentes revela a tentativa de legitimar a sua posição em relação aos outros grupos, construindo sua própria legitimidade e defendendo um yoga não vira-lata, representado por eles. Por outro lado, as críticas a DeRose excitam os processos geradores de alteridades e não fomentam o diálogo dentro do campo do yoga.

No blog e no site do Método DeRose não há mais imagens de pessoas executando *asanas* (posturas do yoga) como era o emblema do *Swásthya Yôga*. Há imagens de pessoas jovens e bonitas abraçadas, sorrindo, bem como do próprio DeRose como sendo representantes desse método de qualidade de vida. O Método DeRose agora “é uma cultura baseada em técnicas e conceitos para tornar nossa vida melhor” (DEROSE, 2010c). Mais especificamente,

O Método DeRose é uma proposta de qualidade de vida, boas maneiras, boas relações humanas, boa cultura, boa alimentação e boa forma. Algumas das nossas ferramentas são a reeducação respiratória, a administração do stress, as técnicas orgânicas que melhoram o tônus muscular e a flexibilidade, procedimentos para o aprimoramento da descontração emocional e da concentração mental. Tudo isso, em última instância, visando à expansão da consciência e ao autoconhecimento. (DEROSE, 2010c, p. 64).

Nota-se que a própria palavra yoga foi colocada no esquecimento, bem como os antigos nomes sânscritos das técnicas. Não há referências ao *pranayama*⁴⁸, mas em reeducação respiratória; nem ao *samádhi*⁴⁹, substituído pela expansão da consciência e autoconhecimento. DeRose, que antes direcionava seu método ao *samádhi* e criticava as demais propostas que apelavam para os benéficos (físicos, sobretudo) oriundos da prática, hoje apresenta seu método através dos benefícios: melhoramento do tônus muscular, aquisição de flexibilidade, descontração emocional, concentração mental.

A mudança do *Swásthya Yôga* para o *Método DeRose* está relacionada à tentativa de criar novas representações e elencar novos elementos constituintes da identidade que se quer construir e da imagem que se quer apagar, adaptando-se a novos contextos e às transformações do mercado do yoga.

48 “Controle da respiração: a cuidadosa ordenação (ou expansão, ayama) da respiração” (FEUERSTEIN, 2006, p. 544).

49 “Êxtase. Consiste na identificação temporária entre sujeito e objeto e tem duas formas principais: êxtase consciente (*samprajnata-samadhi*), que inclui uma variedade de pensamentos que surgem espontaneamente, o êxtase supraconsciente (*asamprajnata-samadhi*), no qual não há identificação nenhuma” (FEUERSTEIN, 2006, p. 545).

Capítulo III

O YOGA DAS REVISTAS

Comprovado: ioga emagrece! A prática reduz a ansiedade e ensina a lidar com os desafios.

BOA FORMA, 2011.

Do Oriente para o Ocidente, em especial para o Brasil, o yoga passou por inúmeras mudanças quanto às suas práticas e representações, em um processo de desvinculação do seu propósito de autoconhecimento e sua vinculação com práticas físicas e esportivas, como a ginástica, as atividades de relaxamento do stress, as terapias, etc. Segundo Gnerre (2010), a concepção ocidental trata o corpo e o espírito de forma dicotômica. Para ela, essa dicotomia básica torna difícil a compreensão do yoga como prática espiritual e ainda reforça essa associação com as práticas físicas⁵⁰. No Brasil, através da veiculação de imagens e de discursos nos meios de comunicação de massa (revista, jornal, televisão e internet) foram popularizadas representações do yoga associadas ao corpo, com ênfase nos benefícios físicos oriundos de sua prática, o que motivou uma boa acolhida em âmbito nacional.

50 O indiano Swami Vishnu-Devananda, que se radicou no Canadá e foi responsável pela disseminação dos ensinamentos de seu mestre (Swami Shivananda) no Ocidente, dedica um capítulo da sua obra para esclarecer as “diferenças entre exercícios yóguicos e cultura física”. Ele salienta que, enquanto os exercícios do yoga se opõem aos movimentos violentos dos músculos, a cultura física enfatiza esses movimentos, produzindo grande quantidade de ácido lático nas fibras musculares e consequentemente causando fadiga (DEVANANDA, 2004, p. 47).

Justamente a Hatha Yoga tem sido a porta de entrada do Yoga no ocidente, num processo que tem início na primeira metade do século XX. Graças a esta prática física — que traz uma série de benefícios à saúde de seus praticantes — a palavra Yoga encontra-se hoje largamente difundida no Brasil. Mas, tanto aqui, quanto em outras sociedades ocidentais, podemos dizer que, na maioria dos casos, a prática passa a ser incorporada à sua cultura como uma espécie de ginástica ou um tipo de contorcionismo que nos remete a uma tradição circense (GNERRE, 2010, p. 252-253).

Como definiu Le Breton (2012, p. 7), “antes de qualquer coisa, a existência é corporal”. A existência humana implica em movimentar-se em determinado espaço e tempo, modificando o meio através de escolhas e de ações. O corpo é ao mesmo tempo emissor e receptor dos estímulos culturais, criando continuamente sentidos que inserem os homens nos espaços sociais, em seus respectivos grupos de pertencimento. Assim, as modalidades de aprendizados corporais compõem um processo contínuo que se estende ao longo de toda uma vida. O corpo é a marca do indivíduo que de alguma maneira cria semelhanças e diferenciações em relação ao outro.

A corporeidade humana, quando entendida como um fenômeno social e cultural, pode revelar uma gama de simbologias, significações e representações formadoras de imaginários coletivos e individuais (LE BRETON, 2012, p. 7). Tudo que diz respeito ao cotidiano e às relações sociais como um todo envolve a corporeidade como mediadora. Através do corpo os indivíduos se expressam, experimentam, fazem, desfazem, criam sentidos, definem identidades e elaboram representações.

Fazendo uso da corporeidade, os homens constroem relações com o mundo e criam sentidos que sustentam suas existências enquanto seres sociais. Fazendo uso dos sistemas simbólicos e das referências culturais compartilhadas pela sociedade em que estão inseridos, os indivíduos, através do corpo, traduzem-se para os outros, criam representações através do movimento, da fala, da vestimenta ou de qualquer outra forma de manifestação social.

Para Fernandes e Rocha (2005, p. 312), a prática do yoga cresceu em popularidade no Ocidente, sobretudo, como forma de exercícios físicos, respiratórios e de relaxamento. O que colaborou para a formação:

[...] de uma imagem do yoga sintonizada com práticas médicas e para-médicas promotoras de saúde, juventude e longevidade (práticas preventivas) e mais ainda empenhadas na ampliação de seu leque de métodos de tratar

e curar (práticas terapêuticas), com um afastamento em relação à compreensão indiana do yoga como sistema com forte conotação místico-religiosa ou filosófica.

Essa transformação conceitual, prática e representativa do yoga no Ocidente, e posteriormente no Brasil, tem suas raízes nas migrações simbólicas entre o Ocidente e o Oriente, intensificadas no início do século XX. Tal movimento possui um duplo sentido: mestres indianos que passaram a visitar e se radicar, sobretudo, nos Estados Unidos da América, tendo que adaptar de alguma forma os ensinamentos milenares do yoga ao entendimento dessa cultura tão distinta. E ocidentais que viajaram para a Índia e foram iniciados nesse saber, traduzindo “este conhecimento ao seu universo cultural”, colaborando para que o yoga passasse por essas transformações (GNERRE, 2010, p. 254).

As representações do yoga que vigoraram no Ocidente no início do século XX, uma imagem em parte mística, foram reconsideradas através de associações do yoga com o corpo físico, numa representação correlata à prática de saúde, de terapia e de ginástica (GNERRE, 2010; FERNANDES; ROCHA, 2005). Muitas revistas passaram a reforçar essas representações do yoga como prática de saúde através da corporeidade, expondo corpos esbeltos e esculpidos, de pessoas jovens e saudáveis nas capas de suas edições executando posturas.

Indivíduos e grupos de diversas áreas começaram a se interessar pelo yoga, como médicos, educadores físicos e profissionais da saúde, o que contribuiu para as associações entre yoga e saúde corporal. Fernandes e Rocha (2005, p. 312) afirmam que isso:

[...] cristaliza a visão ocidental do yoga como método para se alcançar a condição de uma mente sã num corpo são, sem implicações religiosas, místicas ou filosóficas, e com pronunciado distanciamento cultural em relação às origens indianas do yoga. Esse distanciamento nem sempre é fácil e completo.

Nunes (2008) analisou o significado da experiência corporal de um grupo de praticantes de Hatha Yoga em Florianópolis - SC. Através de um estudo de caso em um curso de formação de instrutores, ele analisou a visão de mundo dos praticantes construída a partir do corpo. Na prática de yoga, independente da modalidade, o corpo se constitui como mediador das experiências. É através dele que os praticantes executam as técnicas e experimentam seus resultados, seja na execução de uma postura, de uma técnica respiratória ou da meditação. Nesse

processo, denominado corporificação, ocorreu uma secularização e uma excessiva centralidade no corpo, bem como um processo de desencantamento, que consiste numa visão crítica a essa corporificação por meio da elaboração de discursos de resgate da tradição, cuja centralidade muda do corpo à consciência. Daí sua observação de que:

Não apenas em campo, mas como instrutor e praticante de Yoga há oito anos, e em constante contato com outros instrutores, atento a reportagens televisivas, publicações impressas, revistas, periódicos no Brasil e no exterior, percebi que, aparentemente, hoje, no ocidente, e o Brasil não parece fugir a essa característica, a prática do Yoga está predominantemente ligada às técnicas de manutenção da saúde do corpo (NUNES, 2008, p. 39).

Através da ideia de culto à beleza, o yoga passou a ser veiculado não só em revistas especializadas, como também revistas de estética, saúde e bem-estar, como “um remédio milagroso para manter a boa forma e evitar o envelhecimento” (NUNES, 2008, p. 39). Para além da manutenção da saúde, que fez com que o yoga fosse ofertado em academias de ginástica em meio às atividades de aeróbica, há ainda as representações do yoga como preparação física, direcionadas a atletas com o intuito de melhorar seu desempenho esportivo. Para analisar essas representações, devemos atentar ao fato do yoga ter passado por essas hibridações e adaptações nesse processo de migração simbólica. Para Alcântara (2002, p. 32) “o processo de migração simbólica constrói outras narrativas independentes das grandes narrativas tradicionais”. Nesse sentido, a valorização do yoga enquanto atividade física e terapêutica pode ser compreendida através dessas hibridações.

Essas representações ganharam ainda maior notoriedade nas capas de revistas, nas quais o yoga é apresentado, muitas vezes, como sendo a panaceia contemporânea, capaz de curar todos os males advindos do ritmo de vida ocidental. Há posturas para curar dor nas costas, exercícios respiratórios para parar de fumar, receitas práticas para dormir melhor, técnicas conjuntas para combater o câncer, etc. Tudo através da execução de técnicas que passam a ser chamadas de yoga e representadas através da imagem do corpo. Para Le Breton (2012, p. 30) “em sociedades individualistas, o corpo é o elemento que interrompe, é o elemento que marca os limites da pessoa, isto é, lá onde começa e acaba a presença do indivíduo”. O corpo é o ponto de partida e também o receptáculo de qualquer forma de expressão, manifestação e representação. Por isso, de acordo com esse autor, sempre quando possível, a designação do corpo “traduz de imediato um fato do imaginário social”.

O yoga é apresentado por intermédio do corpo. E, longe de se constituir como um produto acabado, o corpo é resultado de uma elaboração social e cultural, o que faz com que os cientistas sociais tentem compreendê-lo como uma estrutura simbólica, criadora de representações e imaginários, que estão em constantes reformulações. No caso do yoga, especificamente, as representações criadas no Brasil através dos discursos midiáticos tomam o corpo como meio para apontar, classificar e dar sentido àquilo que está sendo representado. Se fizermos uma rápida busca na internet com a palavra yoga, teremos acesso a uma série de imagens que o representam como uma prática de execução de posturas.

Para Le Breton (2012, p. 34), o corpo possui um caráter ficcional, diferentemente do que postulam as ciências médicas e biológicas. Para os investigadores das ciências humanas, o corpo se apresenta como uma construção simbólica, sendo por excelência “o lugar e o tempo no qual o mundo se torna homem, imerso na singularidade de sua história pessoal”, mas também no seu respectivo contexto social, de onde retira referências simbólicas para estabelecer relações com os outros e com o mundo. Nessa perspectiva, o corpo é o lugar e o tempo onde se dá a construção da identidade, tanto individual como coletiva. Por isso, não é uma realidade em si, mas uma construção simbólica que possibilita ao historiador evidenciar os mecanismos de sua eficácia. Aqui, interessa-nos não apenas o corpo tomado como uma realidade biológica, mas a gama de significados imbuídos em sua construção cultural. Esses significados se materializam por meio das representações e são responsáveis por criar imaginários sociais que, por sua vez, suscitam determinadas práticas.

Em termos de desbravamento desse campo de estudo, interessa-nos mais diretamente as técnicas do corpo, que consistem em “gestos codificados em vista de uma eficácia prática e simbólica” (LE BRETON, 2012, p. 39). Esses gestos codificados são desde os atos cotidianos como escovar os dentes, caminhar e manusear talheres, até os considerados menos naturais, como, por exemplo, pousar para uma fotografia/capa de revista. Aliado às técnicas editoriais, o uso das técnicas do corpo vem sendo muito explorado na criação e na propagação de representações do yoga em capas de revistas.

Para Almeida (2003), há pelo menos cinco razões para que o yoga tenha dado certo no Ocidente. A primeira delas é a publicidade; como veremos, ela está diretamente conectada às demais razões, já que através dela se formam representações que influenciam na forma como o yoga está sendo representado e praticado no Brasil. A segunda razão que legitima a boa acolhida do yoga no contexto cultural do Ocidente, teria sido o culto ao saudável. Nesse ponto, o yoga passou a ser representado como meio de obtenção de um corpo saudável, como um

conjunto de técnicas com princípios terapêuticos capazes de gerar saúde física. A terceira seria o modismo, já que nos Estados Unidos da América e no Brasil as estrelas de cinema praticam yoga, como por exemplo, George Clooney, Jennifer Aniston, Gisele Bündchen, Madonna, Fernanda Lima, Nelson Freitas, Bia Seidl, Vanessa Gernelli, Claudio Heinrich, Fernanda Torres, Aline Moraes e Cauã Reymond. Como quarto ponto, Almeida (2003) relaciona a adesão ao yoga com o surgimento de crenças alternativas em detrimento da perda de fiéis das religiões tradicionais.

A perspectiva mercadológica ocidental tem apresentado o yoga de forma fragmentária, dividido em várias modalidades, salientando que cada modalidade possui uma peculiaridade que pode atender a diferentes interesses. Contudo, numa visão endêmica, o yoga é entendido como uma filosofia de vida onde cada uma dessas modalidades é apenas parte de um todo. Nessa fragmentação, existem técnicas e características mais devocionais que se aproximam, muitas vezes, da concepção que temos das práticas religiosas. De acordo com essa linha de pensamento, o yoga tem sido incorporado como substituição dos valores religiosos, tornando-se um referencial na busca espiritual. Por fim, indica a expansão das medicinas alternativas e sua associação ao yoga, como meio de diminuição do estresse causado pelo ritmo de vida ocidental (ALMEIDA, 2003).

Há ainda a tendência de comprovação científica dos benefícios oriundos da prática de yoga. Essa tendência, além de aumentar sua popularidade no Brasil, legitimou e criou um campo de atuação terapêutica. No Brasil, o médico psiquiatra Alberto Lohman é lembrado como pioneiro na introdução de técnicas do yoga em hospitais psiquiátricos. É comum hoje a indicação médica da prática de Hatha Yoga para pacientes com dores nas costas, depressão, ansiedade, síndrome do pânico, encurtamento muscular, câncer, diabetes, obesidade, insônia, enxaqueca, asma, estresse e muitas outras doenças e sintomas. Popularizou-se a ideia de que yoga faz bem para a saúde do corpo e da mente, tanto como método preventivo como paliativo. Entre as técnicas do yoga, a meditação também recebeu lugar de destaque nas publicações midiáticas que se apoiam nesses discursos de comprovação científica dos seus benefícios. No Brasil, as matérias se espalharam pelas revistas de bem-estar e saúde. Em maio de 2013 a revista *Viva Saúde* publicou na seção de Bem-Estar um artigo intitulado “Benefícios da Meditação”, cuja redação inicia com a afirmativa: “quem medita tem as defesas do organismo ampliadas e consegue lidar melhor com o estresse, concluiu um estudo realizado na Universidade da Califórnia, EUA” (MACIEL, 2013). A comprovação científica passou a respaldar as práticas e representações do yoga e suas técnicas no Brasil. Nesse mesmo artigo são elencados alguns dos benefícios oriundos da prática regular da meditação:

Redução do estresse e ansiedade; aumento de satisfação e melhor desempenho no ambiente de trabalho; diminuição da insônia e depressão; aumento de bem-estar e autoestima; estímulo da criatividade, inteligência e memória; fortalecimento do sistema nervoso e imunológico; redução da pressão arterial e de dores de cabeça; diminuição do consumo do tabaco, do álcool e de drogas ilícitas. (MACIEL, 2013).

Matérias e artigos do gênero apontam os benefícios fisiológicos comprovados por experiências científicas. A meditação, que já fazia parte das religiões e dos caminhos de autorrealização do Oriente, atualmente está sob o foco da medicina ocidental. A revista *Veja* publicou em junho de 2013, na seção de Saúde, o artigo “Meditação ganha, enfim, aval científico”. A reportagem de Thiago Cordeiro apresenta os benefícios da meditação salientando sua eficácia no combate ao estresse, “uma arma poderosa contra o stress ganha respaldo científico” (CORDEIRO, 2013). Para Le Breton (2012, p. 84), “a retórica da alma foi substituída pela do corpo sob a égide da moral de consumo”. O corpo tornou-se objeto de reverência, sendo a aparência corporal uma preocupação muito presente na modernidade. Ainda que a meditação tenha sido destaque nas mídias através desses discursos com comprovação científica, a técnica do yoga que mais se popularizou no Ocidente e que passou a representar, em muitos casos, o próprio yoga, foram as posturas (asanas).

Modelado de acordo com os parâmetros culturais, os interesses inerentes à produção midiática e as técnicas de sucesso das revistas, o corpo é explorado através de gestos modelares com finalidades bem precisas. As sincronias musculares de mulheres-modelos esteticamente padronizadas, aliadas à disposição de expressões-chave, como *perca peso agora*, *barriga sarada*, *durma melhor*, etc., criam representações que visam produzir eficácias práticas, como a venda de revistas, o fortalecimento de uma ideia-padrão ou a criação e o fomento de um mercado específico. Trabalhando a corporeidade através da supervalorização da estética, o corpo se tornou o veículo de apresentação e de representação do yoga nas mídias. Associado à imagem do corpo saudável, o yoga é apresentado como caminho para obtenção desse corpo, lugar privilegiado do bem-estar.

O olhar das revistas não especializadas

As capas de revistas, suas imagens e seus textos, bem como seus conteúdos simbólicos em geral, apresentam-se como ótimo campo de investigação de representações que associam o yoga aos exercícios físicos, prática de bem-estar e atividade terapêutica.



Figura 1 - Revista VEJA, novembro 2003.

A capa da revista *Veja* de novembro de 2003 é repleta de signos verbais e não verbais que dizem respeito às representações e interpretações que vêm sendo forjadas no Brasil. A começar pela grafia, pois a palavra yoga foi grafada com a vogal I, indicando um aportuguesamento do vocábulo. Além disso, é comum no Brasil a pronúncia da palavra em sua acepção feminina, não obstante a palavra yoga ser um substantivo masculino.

Para compreendermos melhor essa diferenciação, temos que remontar à obra *Hatha-yóga: a ciência da saúde perfeita*, de 1966. Nela, Caio Miranda definiu ambos os conceitos, yoga e yóga, sendo, portanto, o marco divisor de uma questão que se desenrola até hoje. Para ele, “Yoga é todo método capaz de produzir a união real do homem com Deus, ou ainda a doutrina toda em si, ao passo que Yóga é qualquer das práticas do sistema yógui” (MIRANDA, 1966, p. 30). Portanto, o termo masculino faria alusão mais à parte filosófica e ao yoga em si, como um todo, e o termo feminino, por sua vez, à parte mais técnica.

Na capa em questão, além dos signos não verbais (imagens), há também os signos verbais que dialogam mutuamente entre si, colaborando para a formação do conjunto de signos que chegam até o leitor que pode fazer diferentes leituras das imagens veiculadas. Como apontou Roger Chartier (2002, p. 71): “os autores não escrevem livros”, mas “textos que outros transformam em objetos impressos”, ocorrendo o mesmo com as revistas.



Figura 2 - Revista ISTO É, junho de 2011.

Os símbolos verbais e não verbais presentes na capa da revista *Veja* remetem o leitor à associação do yoga com exercício físico e prática de bem-estar capaz de trazer benefícios como força e flexibilidade. Não há nenhuma associação do yoga com sua matriz cultural hindu ou como caminho/prática de autorrealização espiritual. Além disso, a associação ao público feminino está presente não apenas nesse caso, mas em várias outras publicações de revistas similares, com a exposição de corpos esbeltos e saudáveis.

Antes de qualquer coisa, revistas são veículos de comunicação transmissores de ideais e suas capas resumem muito bem isso. A linguagem fotográfica presente nas capas de revistas transmite códigos e conteúdos comuns que dizem respeito aos seres humanos e suas necessidades — ainda que, em alguns casos, não se tratem de necessidades reais, mas de necessidades criadas em consonância com aquilo que se pretende vender.

A capa da revista *Isto É*, publicada em junho de 2011, trouxe representações semelhantes àsquelas observadas na capa da revista *Veja* analisada anteriormente, em es-

pecial, a corporeidade como elemento central e representativo do yoga e a associação ao público feminino. Também se repete a grafia aportuguesada da palavra yoga. Com uma exploração da corporeidade menos apelativa que a capa da revista *Vêja*, em que tanto a imagem como os signos verbais associam e reduzem o yoga a uma atividade física capaz de proporcionar força, flexibilidade e bem-estar, a representação da capa da revista *Isto É* se enquadra no discurso de comprovação científica e associa a prática do yoga às técnicas de meditação e de relaxamento. Igualmente à capa anterior, não há alusões ou associações com a matriz cultural hindu ou ao caminho de autorrealização espiritual. Reforçando a perspectiva cientificista, salienta-se em grafia maior, “As novas aplicações da Ioga”, complementada com os signos textuais à esquerda da imagem: “Como a técnica de meditação e relaxamento está sendo usada para combater doenças, da obesidade à dor crônica e até mesmo câncer e hipertensão, com eficiência comprovada por hospitais no Brasil e nos Estados Unidos”.

Essa tendência começou na própria Índia, em 1920, quando um instituto governamental iniciou pesquisas em busca de comprovações científicas acerca das técnicas do yoga sobre o corpo. Contudo, tal perspectiva parece não ter tido tanto sucesso quanto no Ocidente, já que para os indianos as explicações da tradição bastavam, sendo desnecessárias as comprovações científicas. No Ocidente, justamente a cientificidade parece ter sido um dos fatores que impulsionou a propagação e a disseminação da prática. Nos Estados Unidos da América, na *Boston University School of Medicine*, pesquisas registraram a eficácia da prática do yoga no controle de distúrbios de humor, ansiedade e depressão. Centros de tratamento como o *Cancer Research Center*, também nos Estados Unidos, têm utilizado técnicas do yoga no combate a diversos tipos de câncer e obtido resultados positivos. Alguns hospitais já oferecem o yoga entre as terapias complementares, como o *Massachusetts General Hospital*, em Boston, e o *Memorial Sloan-Kettering Cancer Center*, em Nova York. (PEREIRA; TARANTINO, 2011).

No Brasil, apesar de mais recente, essa tendência vem se generalizando. Podemos citar como exemplo o Hospital Israelita Albert Einstein e o Hospital A. C. Camargo, ambos localizados na capital paulista. No hospital público Sofia Feldman, em Belo Horizonte, são oferecidas aulas de yoga para gestantes, tendo em vista que diversas pesquisas vêm comprovando sua eficácia na preparação da mulher para um parto natural e saudável.

O professor do Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo, Marcos Rojo, é uma referência no Brasil na abertura do campo acadêmico para estudos relacionados ao yoga. Rojo coordena o curso de pós-graduação em yoga da UniFMU e é cocriador do Instituto de Ensino e Pesquisas em Yoga, que subsidia pesquisas e promove cursos de instruções sistemáticas com enfoque acadêmico.

Na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) também foram realizados estudos com o intuito de investigar o alcance dos benefícios da prática de yoga contra a hipertensão. Em entrevista à revista *Isto É*, o médico Fernando Birgnardi afirma que os pacientes submetidos aos testes deixaram de ser hipertensos (PEREIRA; TARANTINO, 2011). Assim, essa característica de introdução do yoga como terapia e práticas médicas complementares encontra respaldo em pesquisas científicas e se populariza através dos discursos e das representações midiáticas.



Figura 3 - Revista QUEM, setembro de 2005.

As representações do yoga na imprensa são de natureza diversa, e, como apontado por Almeida (2003), um dos motivos do seu sucesso no Ocidente é o modismo. A revista *Quem Acontece*, publicada em 23 de setembro de 2005, veiculou em sua capa um ator da Rede Globo executando uma postura de yoga com a chamada “Cauã Reymond, de alma sarada”. Abaixo, a representação é complementada com os signos verbais: “O futuro garoto de programa da nova novela das oito mostra porque está com tudo em cima”. Há uma alusão ao corpo — e à alma — do ator relacionados à prática de yoga, sugerindo que o yoga é o meio pelo qual Cauã Reymond obteve um corpo sarado, digno de sucesso e que se constitui como modelo de referência para os demais homens. Veremos que essa tendência de divulgar, representar e vender o yoga por associações com celebridades também é uma estratégia comum nas revistas especializadas em yoga.

As mensagens transmitidas por veículos de ampla circulação como as revistas *Veja* e *Isto É* colaboram sobremaneira para a formação de representações coletivas e identidades sociais. Segundo Chartier (2002, p. 72), essas representações coletivas devem ser pensadas como sendo as “matrizes de práticas que constroem o próprio mundo social”. Isso revela a força que as representações exercem sobre a construção das práticas sociais, bem como o poder da imprensa de criar conceitos e inculcar valores, padronizar comportamentos e até mesmo condicionar interpretações.

Através do uso direcionado de imagens e de palavras, as capas analisadas representam e oferecem algo que não se tem, mas que se deseja e que pode ser obtido através da proposta sintetizada nas capas, como, por exemplo, a conquista de um corpo saudável e esteticamente adequado aos parâmetros de beleza vigentes.

O olhar da revista *Prana Yoga Journal*

Contemporânea às revistas não especializadas que por vezes criam ou reproduzem representações do yoga, há outra classe de impressos circulando em áreas sociais distintas, como a *Prana Yoga Journal*, uma revista especializada em yoga e que possui um público mais específico. Trata-se de um periódico norte-americano que passou a ser distribuído bimestralmente no Brasil a partir de dezembro de 2006 pela Iguana Sports, sob licença de *Cruz Bay Publishing Inc.* Analisamos um total de cinquenta e três capas de revistas referentes ao período de dezembro 2006 a junho de 2012, buscando compreender de que forma o yoga vem sendo representado e apresentado ao público brasileiro, que associações, modificações e adaptações estão sendo feitas para atender à demanda brasileira, bem como os recursos editoriais utilizados para atingir o público alvo.



Figura 4 - Revista PRANA YOGA JOURNAL, dezembro de 2006.

A escolha pela *Prana Yoga Journal* se deu em função do seu destaque em termos de circulação nacional, atendendo ao mesmo tempo um público especializado, os assinantes, e um público mais geral, que adquire o periódico através das bancas de revistas. Fazer essa distinção, delimitando a área social onde circulam uma classe de impressos, é relevante, pois “cada série de discursos deve ser compreendida em sua especificidade, isto é, inscritas em seus lugares (e meios) de produção e suas condições de possibilidades” (CHARTIER, 2002, p. 77). Assim, podemos identificar elementos comuns e díspares entre as representações que estão sendo forjadas em diferentes ambientes sociais.

Para Chartier (2002, p. 66) “não há prática ou cultura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo”. As representações estão diretamente relacionadas às práticas; elas influenciam na forma como os indivíduos interpretam e se apropriam de uma realidade, de como os indivíduos e os grupos compõem suas práticas, forjam suas identidades e dão sentido aos seus mundos. São contraditórias e afrontadas, já que num mesmo espaço de tempo estão sendo forjadas diferentes representações em relação ao yoga.

O trabalho com a imprensa contemporânea requer a análise da simultaneidade de vários códigos de linguagem em um mesmo espaço, como o texto escrito, a fotografia, a diagramação e as cores. De um viés mercadológico, revistas de sucesso buscam compor capas que atraiam a atenção do leitor/consumidor. Para isso, usam-se de imagens-sínteses que exploram e criam sentidos às aparências em diálogo com signos textuais.



Figura 5 - Revista PRANA YOGA JOURNAL, fevereiro de 2007.

O recurso imagético das cores é uma das características amplamente utilizadas em todas as capas selecionadas. A primeira edição brasileira, de dezembro de 2006, traz algumas semelhanças representativas em relação às capas das revistas não especializadas, não obstante estar mais focada num discurso terapêutico em relação à prática do yoga e ter um público consumidor distinto⁵¹.

As cores azul e branca são empregadas de forma sincrônica em diálogo com o céu azul ao fundo sobreposto à imagem de uma mulher executando uma postura de yoga. A modelo, vestida com roupas brancas, executa uma postura significativamente difícil, mantendo um sorriso que expressa facilidade e tranquilidade. O corpo, em consonância com os padrões de beleza vigente na sociedade de consumo, dialoga com a frase grafada em branco e destacada pelo seu tamanho, “Vida Nova”, seguida da frase “Posturas para combater a ansiedade”, em azul e numa fonte menor. Na mesma capa, mais abaixo, seguem os anúncios das demais matérias: “entrevista B. K. S. Iyengar”, “respiração e meditação para iniciantes”, “coma melhor com ajuda da memória celular”, “treino: Yoga mais Surfe”, “Yoga para insônia”, “Ayurveda no verão” e “S.O.S. depressão”.



Figura 6 - Revista PRANA YOGA JOURNAL, maio de 2007.

Na descrição acima temos fortes indicativos das associações e padrões que se repetem ao longo das capas das demais edições. A expressão corporal feminina e o

51 Tanto pelo conteúdo quanto pela acessibilidade comercial das revistas, cujos valores são bastante distintos. Revista Veja (R\$ 5,90); Prana Yoga Journal (R\$ 14,90). Dados de 2013.

código das cores em associação ao código verbal estão presentes em todas as edições. Das cinquenta e três capas selecionadas, apenas duas delas traziam como modelo um homem. O corpo feminino faz alusão aos benefícios físicos oriundos da prática de yoga, sendo essa alusão confirmada quando confrontada com as frases que compõem o conjunto imagético da capa. Insônia, depressão e ansiedade são palavras-chave que buscam a atenção do leitor ao propagar de forma rápida e sucinta que a prática de yoga combate todas essas mazelas cotidianas. O yoga é apresentado e representado pela sua funcionalidade, pelos benefícios advindos de sua prática e colocado em função de um interesse comum à coletividade, a conquista do bem-estar físico e mental, a conquista de uma vida nova e mais saudável.



Figura 7 - Revista PRANA YOGA JOURNAL, julho de 2007.

Não há alusões do yoga como sendo uma prática milenar indiana vinculada ao autoconhecimento. Excetuando a frase “entrevista B. K. S. Iyengar”, que associa o yoga a um mestre indiano, os demais códigos o associam à capacidade de curar mazelas que assolam a contemporaneidade, tais como ansiedade, depressão e insônia. A expressão corporal feminina indica não apenas o público alvo da revista, mas também espelha a realidade da prática de Hatha Yoga no Brasil, já que a maioria dos praticantes são mulheres.

Na edição de fevereiro de 2007, repetem-se os padrões básicos, os signos das cores articulados em consonância com a imagem destacada, o corpo feminino executando uma postura e, por fim, o caráter funcional e terapêutico do yoga reforçado pela chamada “Guia Câncer, comprovado: posturas, meditação e respiração ajudam na batalha”.

Aqui os benefícios físicos suplantam qualquer outro propósito que o yoga possa oferecer. Na mesma capa temos outro padrão presente nas demais edições. Em boa parte delas há uma indicação de posturas que ajudam a curar ou prevenir determinada doença ou desequilíbrio psicofísico, por exemplo, “8 ásanas para aliviar a dor de cabeça”. É significativo o crescente número de pesquisas relacionadas ao yoga que buscam comprovar cientificamente os benefícios oriundos da sua prática. Na Índia, a experiência e a literatura sagrada já demonstraram esses benefícios, contudo, numa linguagem distinta. Na capa da edição de maio de 2007 essa tendência é reafirmada, “Relaxe com técnicas aprovadas pela medicina”, diz a chamada em destaque. Já na edição de julho desse mesmo ano é corroborada não só essa tendência de comprovação dos benefícios da prática de yoga pela medicina, como também a sua funcionalidade através da apresentação de “técnicas que ajudam a parar de fumar”.

Na edição de maio de 2010, os símbolos verbais da capa trazem algumas palavras-chave que reforçam a representação do yoga como prática terapêutica e de bem-estar: relaxar, aliviar, sentir-se bem, prática saudável, renovar, transformar-se, controlar seu peso. As posturas do Yoga são apresentadas como possíveis de aliviar “lesões por esforço repetitivo” (LER), que geralmente são causadas no espaço de trabalho. O yoga passa a ser representado como alternativa de supressão das mazelas advéncias do ritmo de vida ocidental, como aliviador de estresse e meio para “relaxar de verdade”.



Figura 8 - Revista PRANA YOGA JOURNAL, maio de 2010.

As associações com o público feminino e com o corpo saudável e esbelto se repetem, aludindo aos benefícios fisiológicos e estéticos oriundos da prática.

Somado a isso, há o apelo àquilo que tem preocupado muitas pessoas diante do padrão de beleza vigente na contemporaneidade, o sobrepeso, embora as modelos das capas sejam sempre magras, jovens e com os corpos bem definidos. A postura e o corpo modelado em diálogo com os símbolos verbais “como controlar seu peso”, reforçam a representação do yoga como prática corporal e terapêutica. Em consonância, há um ramo do yoga que vem ganhando destaque, sobretudo, no Brasil, a Yogaterapia⁵².

Analisando o conjunto de capas das edições da revista *Prana Yoga Journal* publicadas de 2006 a 2012, detectamos a permanência e repetição de alguns temas, de algumas formas de disposição dos códigos verbais e imagéticos, bem como do uso codificado das cores em diálogo com a fotografia, que sempre ocupa lugar de destaque. Além disso, a escolha e o uso das cores estão sempre em diálogo com a temática.

Em termos de produção editorial, é sabido que “os profissionais utilizam estudos baseados na física newtoniana para determinar que cores estimulam mais rapidamente a retina” (SILVA, 2011, p. 127). A mídia é bastante acurada na produção de mensagens fluídicas de maneira que os códigos usados não sejam questionados no ato da leitura. Uma capa de revista não é produzida para estimular a contemplação por parte do leitor, mas para atrair um olhar fugaz e apressado, que seja convencido a comprar o todo da revista através da composição representativa da capa. Em relação a isso, a disposição dos códigos verbais e imagéticos e o uso codificado das cores cumprem grande função. Apesar de algumas nuances ao longo dos anos, a *Prana Yoga Journal* manteve certo padrão na diagramação de suas capas.

As capas de revistas são apenas mais um exemplo de imagens sintéticas que permeiam a contemporaneidade. Sua eficácia reside no potencial comunicativo relacionado à economia de tempo e espaço. Comunicam rápido sem muita reflexão. A imagem comunica mesmo onde inexistente a palavra. Nesse contexto, a codificação dos corpos por meio da padronização das expressões corporais parece exercer grande papel.

52 Como foi analisado no segundo capítulo, há uma tendência de eleger o professor José Hermógenes como pioneiro dessa abordagem. Contudo, podemos destacar os trabalhos de Joseph e Lilian Le Page - Yogaterapia Integrativa. Outra referência a essa tendência é a publicação de n. 32 do periódico Cadernos de Yoga, que traz uma edição esclarecedora de como a prática do yoga pode colaborar para as pessoas terem uma vida mais saudável.



Figura 9 - Revista PRANA YOGA JOURNAL, março de 2007.

Para Silva (2011, p. 52), “associa-se o ‘caráter’ de um meio à forma que se apresenta”. E como o yoga tem sido representado nas capas de algumas revistas através do corpo/ideal, o caráter do yoga em certos espaços sociais tem sido esse: meio de obtenção de bem-estar e saúde física. É claro que a leitura da imagem depende sempre do contexto do leitor, que irá interpretá-la de acordo com suas expectativas e sua bagagem cultural. Assim, é inviável postularmos que uma imagem seja interpretada de uma única forma, podendo haver, portanto, inúmeras interpretações em relação a um mesmo signo. Não obstante essa peculiaridade polissêmica da imagem, nas capas analisadas há um padrão na disposição entre códigos verbais e imagéticos que, em diálogo constante, acabam por sugerir uma linha interpretativa comum. Nessas capas, o corpo está sempre presente e se apresenta como código fundamental na sua composição, revelando sua primazia como elemento representativo do yoga.

Atualmente, a mídia é uma das maiores divulgadoras dos padrões a serem seguidos. E quando levamos isso à corporeidade, vemos que as revistas têm propagandeado a imagem que cada indivíduo deveria ser e ter ou que, através dos discursos institucionalizados sobre os corpos, são seduzidos a querer ter. Ao venderem a ilusão do corpo ideal, as revistas criam imagens sedutoras que são capazes de nortear escolhas e estigmatizar comportamentos. Do ponto de vista representativo, essas imagens são tão sedutoras e eficazes por veicularem conteúdos comuns às pessoas, e, no caso do yoga, por proporem soluções rápidas para problemas corriqueiros.

Na edição de março de 2007, a imagem do corpo em destaque dialoga com o código verbal à esquerda em grafia maior, “regule seus hormônios”. A imagem de uma mulher executando uma postura de yoga aparentemente simples é complementada pelos códigos verbais que continuam a frase anterior em destaque, “Regule seus hormônios com posturas e pare de sofrer com cólica e TPM”. A roupa totalmente branca não só contrasta com o azul e amarelo que compõem o conjunto da capa, como também representa o equilíbrio sugerido pelo verbo imperativo “regule”. Em um chamado menor, abaixo da imagem, a revista sugere que o período da menopausa, comum a qualquer mulher, caracterizado pelo desregulamento hormonal, pode ser mais feliz por meio da prática de algumas posturas do yoga. Em consonância com essa lógica de solução rápida para problemas corriqueiros, no canto direito salienta-se “10 asanas para dor nas costas”.



Figura 10 - Revista PRANA YOGA JOURNAL, dezembro 2010/janeiro 2011.

Esse esquema receituário para se atingir benefícios através do yoga está presente em todas as capas analisadas. Todas as edições trazem um chamado que apresenta soluções por meio de alguns passos: “5 posturas contra a asma”, “8 posturas para trazer seu sorriso interior”, “9 posturas para aliviar o estresse”, etc.

É possível pensar em pelo menos três movimentos feitos no ato da apreensão de uma fotografia de imprensa: leitura imediata da imagem pelo olhar, leitura da legenda e dos signos textuais em geral e, por fim, retorno à imagem complementando a interpretação. Evidencia-se assim o diálogo existente entre códigos verbais e imagéticos. Nas capas analisadas, a fotografia ocupa lugar de destaque,

sugerindo uma primeira leitura para o olhar do leitor/consumidor. Em torno da imagem em destaque encontram-se os códigos verbais que sugerem uma interpretação à própria imagem. A revista *Prana Yoga Journal* traz sempre uma frase em fonte gráfica maior, sugerindo esse diálogo e ao mesmo tempo uma síntese à imagem em diálogo.

Na capa da edição de dezembro 2010/janeiro de 2011 foi destacada a frase “Cure a sua vida”, associando a prática do yoga a fins terapêuticos. Abaixo segue o anúncio do que será revelado no interior da revista, “como recuperar a saúde física e emocional” através do yoga. A imagem de uma mulher sorridente, em postura estável e descontraída, sugere um modelo de saúde física e emocional. Ao lado direito da imagem, em fonte gráfica menor, está a comprovação daquilo que é sugerido pelo diálogo entre os códigos verbais e imagéticos em destaque: “Laura Pires curou-se de esclerose múltipla com Yoga e Ayurveda”.



Figura 11 - Revista PRANA YOGA JOURNAL, dezembro 2010/janeiro 2011.

Diante disso, vemos que a imprensa de circulação nacional, tal como o periódico *Prana Yoga Journal*, pode ser considerada como produtora privilegiada do imaginário coletivo e dos lugares de memória. Não nos faltam exemplos de como a memória histórica é gerida de acordo com interesses do presente, sendo forjada deliberadamente por grupos de poder que manipulam e controlam imaginários e geram identidades individuais e coletivas. As capas de revistas selecionadas se constituem em narrativas imagéticas, sínteses visuais que buscam informar muito em pouco espaço e tempo. As capas são imagens sintéticas compostas de narrativas visuais e verbais que têm como principal objetivo propagandar a revista e

seduzir o leitor de forma rápida e eficaz, pois é pela capa que se pretende conquistar o olhar do leitor. Contudo, para atrair olhares inquietantes imersos em tantas informações, vemos que a estratégia editorial é justamente focar suas matérias nos interesses imediatos, nas necessidades do momento, propondo resoluções para possíveis problemas comuns à coletividade.

De acordo com Silva (2011), as fotografias são justamente tipos de imagens produzidas para serem lidas com maior velocidade, numa tentativa de inferir o todo pela parte através do imediatismo, ou seja, de seduzir o olhar do leitor e vender a revista pela capa, informar rápido sem muita reflexão. Nota-se também a constante re-elaboração de signos antigos como sendo atuais. O yoga é apresentado como uma solução atual para os problemas psicofísicos contemporâneos. Silva (2011) propõe que as capas de revistas geralmente trazem em si a tensão entre o novo e o velho, na tentativa de associar a promessa da novidade com a tradição. Segundo ela, estaria aí a chave do sucesso comunicativo das revistas.

As principais estratégias editoriais empregadas nas capas das revistas analisadas para atingir esse sucesso comunicativo são: exploração da imagem/expressão corporal feminina; uso e emprego deliberado das cores em consonância com os signos textuais e as figuras de linguagens; a articulação do velho com o novo em função da necessidade imediatista de informar rápido sem muitas reflexões.

Essa tendência de se pensar o yoga associado ao corpo físico pode encontrar respaldo na afirmação de Gnerre (2010, p. 254), que afirma que no Brasil “o culto ao corpo configura-se como elemento central nas relações sociais contemporâneas”, daí o interesse demasiado dado às práticas corporais em detrimento de seus aspectos filosóficos e espirituais.

Todas as cinquenta e três capas analisadas faziam alusão direta ao corpo. Desse total, cinquenta e uma aludiam ao corpo feminino como referência à prática e benefícios do yoga. Cinquenta delas, apesar de explorarem muito bem a expressão facial, traziam a imagem do corpo todo, não apenas da face. Apenas duas capas traziam mais de uma pessoa como modelo nas capas da revista *Prana Yoga Journal*.



Figura 12 - Revista PRANA YOGA JOURNAL, março de 2010.

Em sua maioria, as fotos foram tiradas em estúdio, onde a foto da modelo é sobreposta a um fundo unicolor, sendo algumas poucas em ambientes abertos como, por exemplo, uma praia ou paisagem que retrata a natureza, como na edição de março de 2008, que trouxe a imagem do professor Pedro Kupfer executando uma postura na praia, sendo, inclusive, uma das poucas edições que veicularam a imagem do corpo masculino.

Em geral, as modelos que posaram para capas da *Prana Yoga Journal* são anônimas, sendo apenas algumas delas identificadas com seus nomes ao lado da foto, como no caso da edição de dezembro/janeiro de 2011, que trouxe a identificação da modelo Laura Pires. A identificação das modelos está no interior da revista, seja na ficha catalográfica ou em artigos referenciados nas capas. A maioria das pessoas que posaram para as capas possui envolvimento com o yoga, sendo professores ou praticantes. Algumas edições ainda traziam celebridades artísticas, figuras públicas, como modelo de suas capas, como na edição de março de 2010 que apresentou a atriz Bia Seidl.

Como apontado, um dos motivos pelo qual o yoga obteve sucesso e popularidade no Ocidente e no Brasil refere-se ao fato de várias celebridades artísticas se declararem praticantes e terem sido representadas como tais nos espaços midiáticos. Lugar privilegiado na formação e na propagação de práticas e de valores, constituindo, portanto, uma rede de poder, as revistas são um dos meios de comunicação mais eficazes nessas associações e representações do yoga com personalidades públicas.

É possível afirmar que tem ocorrido um processo de ocidentalização, transformação e adaptação do yoga para atender aos requisitos de mercado e se enqua-

drar melhor aos valores culturais das sociedades ocidentais. Sabe-se dos perigos de generalização que o termo ocidentalização pode acarretar, por isso a preocupação em eger algumas capas de revistas veiculadas no Brasil, numa tentativa de identificar as especificidades desse processo e suas conseqüentes representações neste país.

Não obstante o predomínio dessas associações do yoga como prática física e terapêutica, ofertadas como atividade *fitness* e dissociadas de aspectos que envolvem a espiritualidade, as representações que circulam no Brasil são de natureza bem diversa. É possível também encontrar representações do yoga como prática de autoconhecimento, com associações e referências à tradição védica, relacionando-o com o propósito de salvação da alma e considerando os benefícios físicos apenas como conseqüência desse caminho de autorrealização.

O periódico *Cadernos de Yoga*: representações do yoga como autoconhecimento

Concomitantemente à publicação e à circulação da revista *Prana Yoga Journal*, foram publicados outros periódicos especializados no tema, mas com público e acessibilidade distintos. A revista *Cadernos de Yoga*, por exemplo, vem sendo publicada desde 2004, com periodicidade de quatro volumes por ano — um por estação — e, diferentemente da *Prana Yoga Journal*, não foi vendida em bancas de revistas. Nesses dez anos de publicação, seu acesso se deu somente através da assinatura anual e da revenda avulsa pela internet e em estúdios e escolas de yoga. Sua distribuição, além do Brasil, também tem sido feita em Portugal.

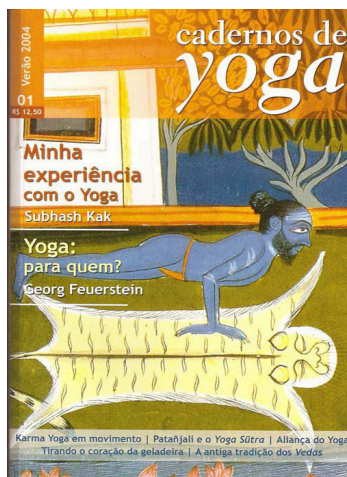


Figura 13 - CADERNOS DE YOGA, n. 1 de 2004.

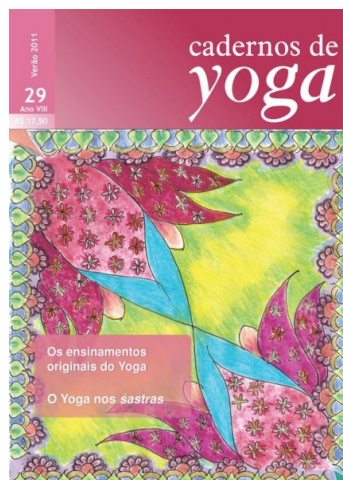


Figura 14 - CADERNOS DE YOGA, n. 29 de 2011.

Como vimos, a *Prana Yoga Journal* é uma revista norte-americana que passou a ser distribuída no Brasil, assim como em diversos outros países. A formatação e diagramação das capas seguiram o mesmo padrão das publicações norte-americanas, abordando e criando representações, senão idênticas, muito similares. Já a revista *Cadernos de Yoga* surgiu no Brasil e parece ter entrado no mercado com uma proposta distinta, ser uma “revista *yogi* feita para *yogis*”, elaborada por quem pratica e vive o yoga e destinada a quem vive ou pretende vivê-lo. Segundo seus editores, trata-se de “um periódico não apenas com uma forma bonitinha, mas com muito conteúdo” e comprometimento “com a divulgação do conhecimento do Yoga de maneira independente, estabelecidos na sinceridade e no respeito pela tradição védica e pela inteligência dos leitores” (CADERNOS DE YOGA, 2014).

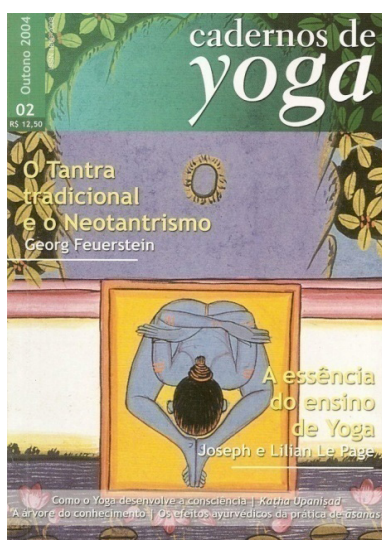


Figura 15 - CADERNOS DE YOGA, n. 2 de 2004.

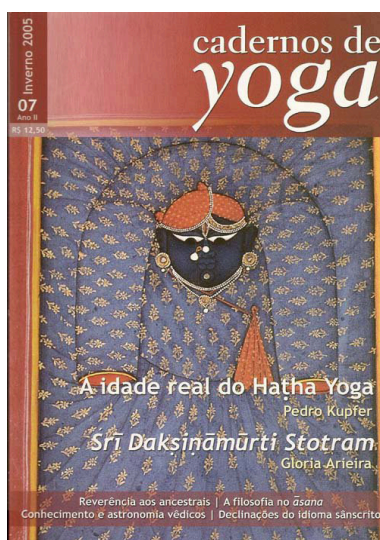


Figura 16 - CADERNOS DE YOGA, n. 7 de 2005.

Foram analisadas quarenta capas referentes ao período de 2004 a 2014. As representações construídas pela simbologia imagética e discursiva apontavam para essa tendência de abordar o yoga consonante à tradição védica⁵³. Ou seja, o

53 De acordo com a definição de Glória Arieira (2013, p. 10-11), “Vedanta é uma tradição de ensinamento transmitido de mestre a discípulo num fluxo perene desde tempos imemoriais”. Nessa perspectiva, Vedanta é uma tradição de conhecimento baseado na oralidade e na parte final dos Vedas, as Upanishads.

yoga era representado como um caminho de autoconhecimento, cuja meta seria a liberdade plena, moksha⁵⁴. A edição n. 1 de 2004 trouxe a ilustração de um yogi executando uma postura, denominada mayurasana, sobre a pele de um tigre. Apesar da alusão a essa técnica do yoga, os signos verbais faziam essa relação do yoga com a cultura védica: “A antiga tradição dos Vedas”, “Patañjali e o Yoga Sutra”, “Karma Yoga em movimento”, eram os títulos dos artigos em destaque. Tais referências, diferentemente das revistas já analisadas, situam o yoga como um caminho de autorrealização, cujas bases estão contidas na transmissão oral e nos textos da cultura indiana pertencentes à tradição védica.

Muitas das capas analisadas não traziam ilustrações alusivas diretamente ao yoga, como nas edições n. 29 de verão e n. 30 de outono de 2011 ou nas edições n. 33 de verão e n. 34 de verão de 2012. Ainda assim, os códigos verbais sempre faziam referência a esse discurso de levar até o leitor “o que tem de mais autêntico e fundamental na tradição do Yoga” (CADERNOS DE YOGA, 2014). A edição n. 29, por exemplo, trouxe na capa a chamada “Os ensinamentos originais do Yoga”, condizendo com essa afirmativa de levar até o leitor um conhecimento autêntico e fundamental, baseado nos sástras, ou seja, nas escrituras pertencentes à cultura védica.

A esse respeito, pode-se dizer que a linguagem de apresentação do yoga por esse periódico se mostrou mais especializada e mais técnica, de onde se pode deprender que o público destinatário também é um público mais especializado e familiarizado com termos endêmicos e técnicos desse campo. Das capas analisadas, dez traziam referência direta a alguma escritura da tradição védica, como por exemplo, as edições n. 2 de outono de 2004 (Katha Upanisad), n. 4 de primavera de 2004 (Ganapati Upanisad), n. 6 de outono de 2005 (Kenopanisad), n. 14 de outono de 2007 (Gharba-Upanisad), dentre outras.

54 Pode ser traduzido por ‘liberação’. Num sentido extremo, refere-se à libertação do ciclo de nascimentos e mortes. Mas também é comumente referido como a dissipação da ignorância do Ser, da sensação de incompletude. Em termos gerais, pode-se dizer que o objetivo de Vedanta, enquanto um meio de conhecimento, é revelar no indivíduo a verdade de que ele já é o que procura ser, que a completude que busca incessantemente fora já está dentro dele.

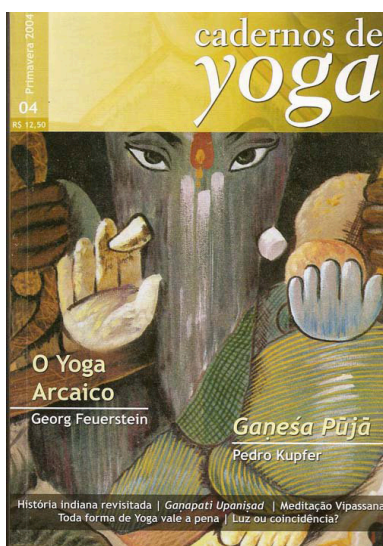


Figura 17 - CADERNOS DE YOGA, n. 4 de 2004.

Outra tendência que denotou esse público mais especializado foi a referência de técnicas do yoga nas capas. Diferente da revista *Prana Yoga Journal*, que apresentava as técnicas do yoga sempre com alguma finalidade prática e/ou terapêutica, “dez posturas para acabar com a dor de cabeça”, por exemplo, o periódico *Cadernos de Yoga* apresentava em suas capas apenas o nome das técnicas, em sânscrito, sem relacioná-las à eficácia de cura de alguma mazela psicofísica ou ainda abordando determinada técnica por um princípio filosófico, como na edição n. 7 de inverno de 2005, na qual um dos artigos referenciados na capa era “A filosofia no asana”. Quanto ao primeiro aspecto, de indicar na capa artigos que tratam de alguma técnica por meio do seu nome sânscrito, há inúmeros exemplos, como na edição n. 9 de verão de 2006 que destacou a chamada “Nadi Shodana Pranayama”, na edição n. 12 de primavera de 2006 que indicava a técnica “Suryabhedana” ou na edição n. 24 de primavera de 2009 que salienta o artigo “Plavini e Kevala Kumbhaka, o pranayama nas escrituras clássicas do Hatha Yoga”.

Quanto aos símbolos imagéticos, muitas edições foram ilustradas com imagens de deidades do hinduísmo, reafirmando esse compromisso de apresentar o yoga de acordo com sua tradição de origem indiana. A edição n. 4 de pri-

mavera de 2004 foi ilustrada com uma representação de Ganesha⁵⁵ e ainda foi acompanhada da chamada “Ganesha Puja”, que indicava um artigo escrito por Pedro Kupfer. No contexto mitológico do hinduísmo, Ganesha é filho de outras duas deidades, Shiva e Parvati, e considerado o senhor removedor dos obstáculos (MELO, 2013, p. 150). O signo verbal “Ganesha Puja” indica um ritual de oferenda direcionado a essa deidade. Trata-se de uma prática muito difundida entre os hindus e também entre praticantes de yoga.

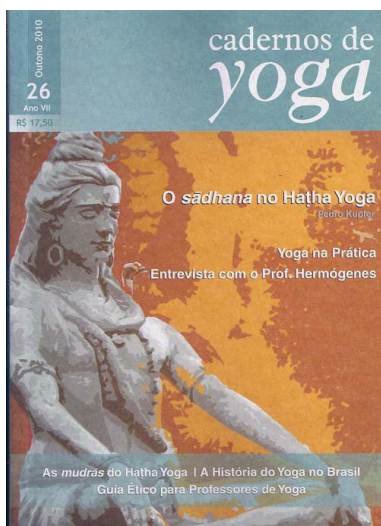


Figura 18 - CADERNOS DE YOGA,
n. 26 de 2010.

A edição seguinte, n. 5 de verão de 2005, trouxe outra representação de Ganesha em meio a algumas inscrições sânscritas grafadas no alfabeto devanágari, que geralmente é traduzida como sendo a escrita urbana dos deuses. Boa parte dos textos da tradição védica foram grafados em sânscrito através do alfabeto devanágari. O sânscrito faz parte do conjunto das vinte e três línguas consideradas oficiais na Índia e seu uso está mais relacionado a fins litúrgicos. Nessa edição, a representação de Ganesha dialoga com a chamada “O Veda e os Hinduísmos”, in-

55 Ganesha é a deidade mais reverenciada na Índia, sempre o primeiro a ser reverenciado, por ser considerado o senhor dos obstáculos. É considerado o primeiro filho de Shiva e existem outros nomes que o referenciam, como Ganapati (senhor de todos os seres, senhor das multidões), Ekadanta (aquele que tem uma só presa), Vighnesara (senhor dos obstáculos), Gajanana (cara de elefante) (NUNES, 2013b, p. 121).

dicando o artigo de autoria de Loka Saksi Dasa, codinome espiritual do brasileiro Lúcio Valera. Houve ainda a edição n. 16 de primavera de 2007, que apresentou mais uma representação da deidade Ganesha em sua capa. O símbolo não verbal da capa dialogava com a chamada do artigo “Ganesha, a nossa própria consciência”. E na edição n. 19 de inverno de 2008, destacava-se o artigo “Ganesha, o removedor dos obstáculos”.

Seguindo essa tendência de ilustração das capas com representações de deidades do contexto mitológico do hinduísmo, destacaram-se duas capas em especial com representações de Shiva, o pai de Ganesha e componente da trindade indiana ao lado de Brahma⁵⁶ e Vishnu⁵⁷. Shiva, lembrado e representado pelo seu aspecto de destruidor e transformador, também é considerado a deidade criadora do yoga. Alguns textos basilares do yoga são atribuídos à Shiva, como por exemplo, a Shiva Samhita (coleção de ensinamentos de Shiva), texto datado do século XVII d.C., que traz um diálogo no qual o deus yogi ensina yoga à sua esposa (NUNES, 2013b, p. 29). Na representação em questão, ele está em posição meditativa de lótus, padmāsana, sobre a pele de um tigre, tendo seu corpo envolvido por serpentes. Existem diferentes representações de Shiva, sendo uma delas a de senhor dos animais. Na edição n. 26 de outono de 2010, a representação de Shiva em postura meditativa se repetiu, tendo uma serpente envolta em seu pescoço. Costuma-se usar uma naja, a mais mortal das serpentes, para simbolizar que Shiva dominou a morte e se tornou imortal. Ou então para representar a kundalini, a energia ígnea que reside adormecida na base da coluna e que, segundo a tradição do yoga, depois de despertada ativa os centros de energias do corpo (chakras) produzindo um estado de hiperconsciência, o samadhi. Há ainda a representação da serpente como sendo o ego, indicando que Shiva dominou o ego e este se tornou um adorno (NUNES, 2013b, p. 147).

Outras deidades ilustraram as capas das edições do periódico *Cadernos de Yoga*, como na edição n. 6 de outono de 2005, que representou a deusa Saraswati, forma feminina do criador, Brahma. Sarawasti é considerada a protetora da sabedoria, das artes e da música, representando o conhecimento e inteligência que rege todas as coisas. Já a edição n. 36 de primavera de 2012 trouxe a representação da deidade Laksmi, consorte de Vishnu e considerada a deusa da prosperidade (NUNES, 2013b, p. 128-133).

56 Brahma é a representação da força criadora e tem como consorte a deusa Saraswati, que representa o conhecimento, sem o qual nada é criado (NUNES, 2013b, p. 125).

57 Vishnu é considerado aquele que mantém o Universo, que permeia o todo (NUNES, 2013b, p. 134).

Todos esses exemplos são emblemáticos no que diz respeito à intenção de apresentar o yoga dentro do contexto do hinduísmo em consonância com sua matriz cultural indiana. Seja através das representações das deidades, de técnicas do yoga grafadas em sânscrito ou da chamada de artigos relacionados à tradição védica, o yoga foi sempre representado no periódico *Cadernos de Yoga* como uma filosofia de vida e um atributo da cultura védica.

Outro recurso utilizado nas capas é a citação de nomes de professores considerados autoridades no campo do yoga. O nome do professor Pedro Kupfer⁵⁸ aparece em dez das quarenta capas analisadas, conferindo autoridade ao periódico para falar sobre o tema. Outros nomes se repetem como colaboradores frequentes nas capas analisadas, como Georg Feuerstein, David Frawley, Gustavo Ponce, Subhash Kak, Gloria Arieira, Swami Dayananda Saraswati, entre outros.

Os discursos veiculados no site do periódico *Cadernos de Yoga* acabaram fornecendo algumas chaves interpretativas das capas e do produto que se pretende vender através delas (CADERNOS DE YOGA, 2014). Com o propósito de levar ao leitor o conhecimento milenar do yoga, os artigos anunciados nas capas abordaram temáticas sobre os aspectos técnicos do yoga, tradução de mantras e de textos clássicos, Vedanta, Ayurveda e mitologia védica. As representações imagéticas também seguiram essa mesma tendência, dialogando e corroborando os conteúdos anunciados nas capas. A propaganda do periódico *Cadernos de Yoga* definia essa linha de representação ao afirmar que “aprofundar no conhecimento do Yoga é conhecer a si mesmo. Cada passo dado no caminho do Yoga é um passo dado em direção a você” (CADERNOS DE YOGA, n. 41, 2014).

Frases como “Pratique o Conhecimento” ou “Assine o Conhecimento do Yoga”, criaram representações do yoga não como um conjunto de técnicas ou prática física, mas como caminho de autoconhecimento e filosofia de vida, delimitando o produto vendido por esse periódico e, ao mesmo tempo, diferenciando-o de outras revistas que apresentam o yoga como prática física e meio de obtenção de bem-estar e de saúde, explorando as expressões corporais e reproduzindo padrões estéticos de beleza.

Outra peculiaridade deste periódico é que suas capas não trabalhavam com imagens fotográficas colocando o corpo como veículo de apresentação do yoga, diferentemente das capas da revista *Prana Yoga Journal*. Todas as capas do *Cadernos de Yoga* exploravam representações mais artísticas, contudo, não menos co-

58 Além de fazer parte do conselho editorial, é conhecido pela publicação de sete obras sobre o tema, por ministrar um curso de formação de professores em Mariscal e por editar o site yoga.pro.br, com vasto acervo de estudo sobre yoga e Vedanta.

merciais, já que estavam direcionadas a um público distinto das primeiras revistas analisadas. Da mesma forma, o propósito dessas capas era constituírem sínteses do conteúdo que se quer vender no interior da revista, ainda que esse produto seja o autoconhecimento.

Em suma, a análise das capas de revistas que circulam em ambientes sociais diferentes e que possuem públicos distintos forneceram indicativos de como o yoga vem sendo vendido, interpretado e representado no Brasil. Tais indicativos atestaram um mercado amplo e polissêmico, em que o yoga foi colocado à disposição das necessidades sociais, passando por modificações e, por outro lado, produzindo discursos de manutenção da sua autenticidade de acordo com sua matriz cultural indiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise de representações biográficas, bibliográficas e imagéticas produzidas pelos meios de comunicação, em especial as capas de revistas especializadas e não especializadas, foi possível delinear algumas tendências referentes ao processo de inserção do yoga no Brasil e de como este vem sendo entendido, representado e praticado nas últimas décadas.

Nas narrações analisadas, construídas por professores e pela imprensa — que por sua vez reflete a visão de alguns professores — notou-se que há uma disputa para eleger um pioneiro do yoga no Brasil. As narrações dos professores Victor Caruso (2010), André De Rose (2011) e Mariana Cordeiro (2013), confluíam na direção de apontar o francês Leo Costet de Mascheville (Sevananda) como introdutor do yoga no país.

Já os três artigos publicados pela revista *Prana Yoga Journal* (2007) sobre a “Velha-Guarda do Yoga” não referenciavam o nome de Sevananda, suas contribuições e inserção do yoga no ashram em Resende, elegendo outros professores como pioneiros, tais como Shotaro Shimada, Maria Celeste Castilho, Maria Helena de Bastos Freire, Hermógenes e Caio Miranda. Estes dois últimos tiveram uma edição dedicada a cada um, ao passo que a primeira edição da trilogia de artigos foi dividida pelos três primeiros professores citados. A narrativa da revista elegeu Caio Miranda e Hermógenes como responsáveis por dar os primeiros passos do yoga no Brasil e criou representações de Hermógenes como sendo o professor mais querido da comunidade yogi. Tal narrativa omitiu por completo as contribuições de DeRose, silenciando quanto às suas publicações, criação e defesa de um yoga mais genuíno que aquele ensinado pelos demais professores brasileiros.

A narração construída por DeRose também creditava o pioneirismo do yoga no Brasil a Sevananda e elegia Caio Miranda como o primeiro a escrever uma obra de yoga em língua portuguesa. A característica que se sobressaiu em seus escritos referentes à história do yoga no Brasil foi o fato de apresentar apenas os seus feitos, seus títulos e suas conquistas dentro do campo do yoga brasileiro, ocultando as contribuições de outros professores referidos na narrativa da revista

Prana Yoga Journal, por exemplo, bem como outros ocultados pela própria revista. DeRose dedicou duas páginas para falar de Sevananda e Caio Miranda e cerca de quinze páginas para elencar suas próprias contribuições e se autoeleger como o realizador da obra mais expressiva, usando as construções narrativas como autor-representação e meio de acúmulo de capitais simbólicos.

Essas disputas, os silêncios e as construções narrativas nos conduziram à questão que norteou o segundo capítulo. Nele, buscou-se compreender porque há atualmente uma tendência em construir representações positivas acerca da figura de Hermógenes e, por outro lado, representações negativas a respeito da figura de DeRose.

Em relação a Hermógenes, destacaram-se a publicação da biografia escrita por Caruso (2012) e o documentário “Deus me livre de ser normal”, elegendo-o como pioneiro do yoga e da medicina holística no Brasil. Tais produções denotam essa tendência de construção da imagem de Hermógenes como um indivíduo espiritualizado, que se curou através do yoga e estendeu essa cura aos demais através de suas obras, aulas e palestras.

Em relação às representações negativas em torno de DeRose e seu trabalho com o yoga, analisamos diversas críticas dirigidas ao seu método, muitas delas feitas por instrutores dissidentes que, após se afastarem da rede DeRose, tornaram públicas suas insatisfações. DeRose procurou legitimar o *Swásthya Yôga* a partir da afirmação de ser a mais antiga, genuína e completa modalidade da prática. Na disputa pelo mercado, afirmava que essa modalidade seria voltada ao público jovem e sadio, enquanto o Hatha Yoga seria uma modalidade mais recente, deturpada e voltada ao público mais idoso. DeRose criava assim uma linha divisória que demarcava e distinguia o yoga que ele ensinava das demais modalidades a fim de legitimar e de reforçar a superioridade do *Swásthya Yôga*. As outras modalidades eram representadas como deturpadas, perigosas e que, por esse motivo, deveriam ser evitadas por seus discípulos. Dessa forma, o discurso de DeRose requeria para si a interpretação verdadeira e legítima, afirmando a superioridade da modalidade criada/codificada por ele, censurando o fato de ver as outras modalidades como oriundas de uma mesma tradição.

De todos os pioneiros do yoga, DeRose, sem dúvida, foi o que mais gerou polêmicas, críticas e tensões, aspectos que evidenciam as disputas internas do campo e a busca por legitimidade por meio da desqualificação e da condenação dos concorrentes ao erro interpretativo.

Tacolini (2006), por exemplo, tenta deslegitimar DeRose ao afirmar que o yoga é uma tradição de conhecimento milenar que não pode ser propriedade de um indivíduo. Segundo ele, nenhuma modalidade consagrada de yoga, tal como

o Raja e o Hatha Yoga, foram ou serão um dia registrados como propriedade de alguém. Contudo, DeRose diz não ter criado nenhuma modalidade ou método de yoga, apenas codificado o que esteve esquecido há séculos na Índia. Ao longo de mais de quarenta anos, DeRose defendeu essa tese. Não obstante, desde as décadas de 1970 e 1980, vários brasileiros passaram a visitar a Índia para serem iniciados em diversas escolas e linhagens de autoconhecimento, para estudarem com mestres indianos e se aprofundarem na tradição védica na qual o yoga estava inserido. Tal fenômeno fez com que a legitimidade das narrativas de DeRose fossem questionadas, pois na própria Índia não se tinha registro da modalidade codificada por ele.

O *Swásthya Yôga* se expandiu por países da América Latina e da Europa. No Brasil, muitos instrutores abandonaram a rede criada por DeRose e passaram a criticá-la publicamente. Emergiram inúmeras representações negativas em torno da figura de DeRose e da modalidade/método ensinada por ele. Atualmente, há pelo menos três blogs que se ocupam em denunciar o que consideram os abusos e as farsas de DeRose no campo do yoga. Como decorrência, DeRose apresenta um novo produto, muito atrativo, que é o Método DeRose de qualidade de vida. Esse novo produto é abrangente, pois engloba vários aspectos que influem na qualidade de vida, não se restringindo ao yoga.

Enquanto DeRose é demonizado, Hermógenes é representado como o mais querido yogi, como a grande referência no Brasil, capacitado para falar sobre o yoga enquanto um caminho de autoconhecimento, sendo considerado como referência espiritual. Essas construções discursivas e audiovisuais reforçam sua autoridade e legitimidade nesse disputado campo. Enquanto Hermógenes é lembrado, DeRose é silenciado, o que revela uma censura e a tendência em demonizá-lo. Basta verificar as edições da revista *Prana Yoga Journal* e do periódico *Cadernos de Yoga*. Não há anúncios da modalidade ensinada por DeRose. Nos artigos publicados pela *Prana Yoga Journal* sobre “A Velha-Guarda do Yoga”, não houve menção ao nome e às contribuições de DeRose.

Quando o periódico *Cadernos de Yoga* publicou um artigo sobre a história do yoga no Brasil, o nome de DeRose foi lembrado apenas por ter seguido uma interpretação própria e muito particular de yoga (CARUSO, 2010, p. 52). Essa mesma edição trouxe uma entrevista com o professor Hermógenes e seu neto, Thiago Leão. Apesar de elaborarem representações bastante distintas em suas capas, a revista *Prana Yoga Journal* e o periódico *Cadernos de Yoga* possuíam como componentes do conselho editorial duas figuras em comum, os professores Pedro Kupfer e Hermógenes. Tal fato é indicativo da política adotada por ambas as revistas sobre o silêncio em relação a DeRose e a construção de representações positivas em torno da figura de Hermógenes.

A *Prana Yoga Journal* seguiu um padrão de diagramação ao longo das publicações analisadas, reproduzindo parcialmente a diagramação da edição norte-americana. O yoga era sempre apresentado através do corpo, em geral feminino, e representado como meio de obtenção de saúde física e emocional. As técnicas do yoga eram sempre apresentadas pelos seus benefícios. Havia uma tendência de colocá-las sob a fórmula do “faça isso e conquiste aquilo”.

Por sua vez, o periódico *Cadernos de Yoga* veiculou representações do yoga como uma prática de autoconhecimento. Muitas capas traziam imagens de deidades hindus. As técnicas eram apresentadas pelo seu nome sânscrito e relacionadas à tradição védica. Tais características constituíam um discurso de retorno à tradição, de preservação e de representação do yoga de acordo com sua matriz cultural.

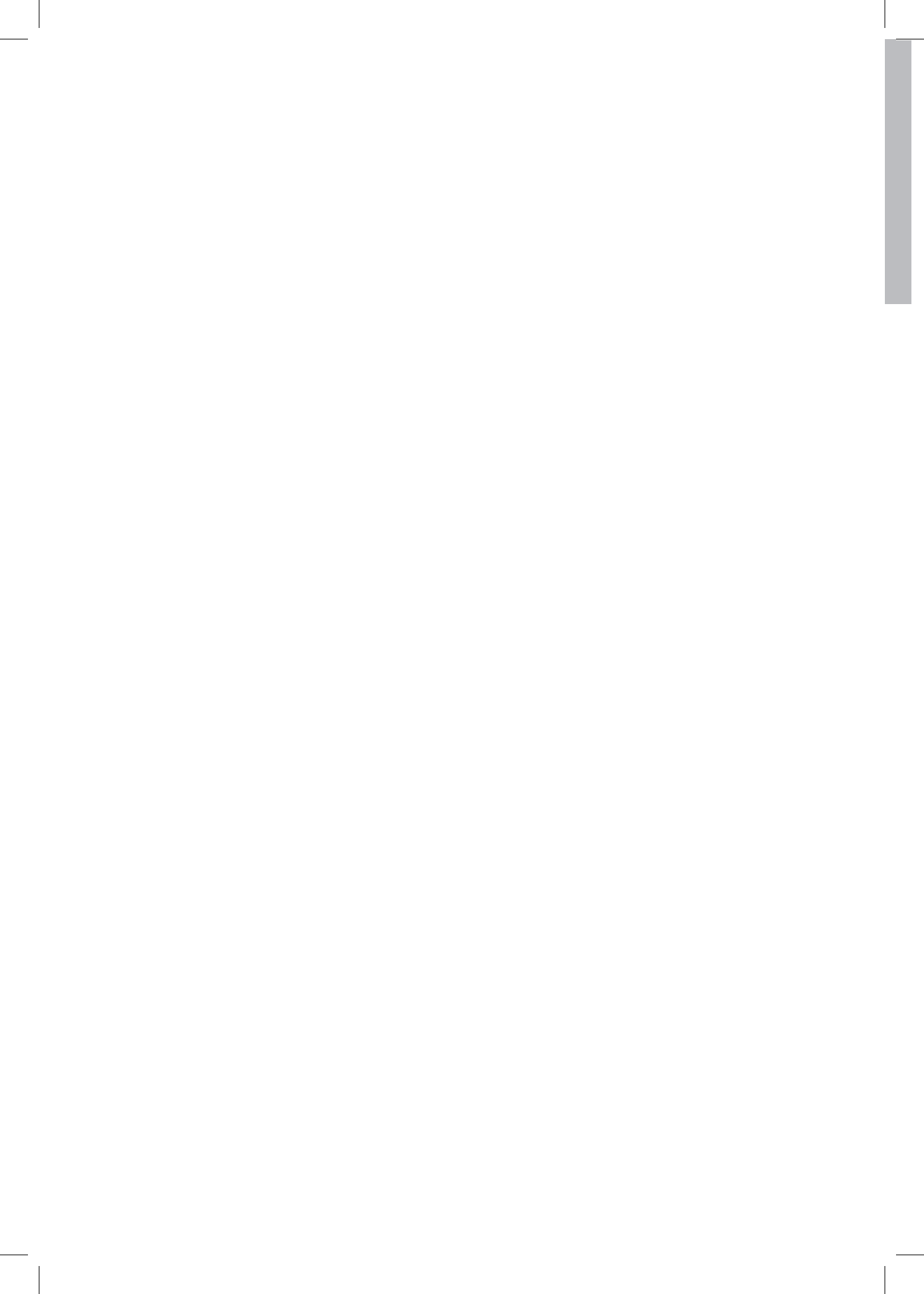
A análise de representações concomitantes e, por vezes, contraditórias, revelou o amplo mercado criado no campo do yoga brasileiro. Diferentes representações destinadas a públicos distintos produzem diferentes práticas que, por sua vez, corroboram e geram outras representações. Não obstante tantas representações distintas, por trás dessa diversidade existiam dois discursos correntes que, muitas vezes, se afrontavam, mas também se complementavam para dar sentido e caracterizar o yoga brasileiro. O primeiro diz respeito à necessidade de resgate e de preservação do yoga em sua forma mais tradicional. Tal discurso estava pautado na crítica aos tipos de yoga que foram adaptados ao contexto brasileiro e hibridizados com outros elementos culturais, bem como de representá-lo apenas como um conjunto de técnicas, dissociado de uma filosofia de vida específica. Por outro lado, existia o discurso contrário, afirmando serem benfazejas essas adaptações do yoga ao contexto e às necessidades sociais, tornando-o mais acessível às diferentes culturas.

A imprensa tem contribuído para a disseminação do yoga em vários espaços sociais e para a criação de imaginários coletivos alicerçados em suas representações. Quanto ao fato do yoga ter se popularizado no Brasil majoritariamente entre as mulheres, essas representações forjadas nas capas das edições da revista *Prana Yoga Journal* trazem indicativos da relação entre práticas e representações, mostrando a força da imprensa em inculcar valores e criar representações baseadas em tendências sociais já existentes.

O fenômeno de categorizar o yoga por meio do conhecimento científico criou no Ocidente novas representações a respeito de suas técnicas e da tradição que o envolve. A preocupação enfática em provar cientificamente os benefícios de cada técnica geraram matérias jornalísticas, trabalhos acadêmicos, imaginários e demandas sociais de pessoas dispostas a comprovar em si mesmas a eficácia dessas técnicas milenares. Da obtenção do corpo ideal à cura da depressão, os benefícios

do yoga foram vendidos e veiculados no Ocidente com a chancela das comprovações científicas.

O mercado do yoga no Brasil está bastante amplo, com propostas e abordagens distintas para atender um público diversificado. Há yoga para nervosos, para idosos, para jovens, para cristãos, para naturalistas e nudistas. Há yoga como prática devocional, como prática física, como prática terapêutica, como prática laboral e como prática de autoconhecimento. As representações forjadas nas últimas décadas, construídas em meio aos embates discursivos, indicaram que a diversificação e a fragmentação em modalidades, rotulando e especificando cada prática, buscou atender as demandas do mercado e os diferentes públicos consumidores, fazendo do yoga mais um produto disponível nas prateleiras do autoconhecimento, da saúde, da estética e da salvação.



BIBLIOGRAFIA

- ALCÂNTARA, Maria de Lourdes de. Um olhar sobre o estudo das manifestações religiosas. **Imaginário**. São Paulo, USP, n. 8, p. 29-34. 2002.
- ALIANÇA DO YOGA. **Yoga, Ltda. ou Yoga Livre?** 2002. Disponível em: <<http://www.aliancadoyoga.com.br/noticia/44>>. Acesso em: 3 dez. 2013.
- ALIANÇA DO YOGA. **Dia Nacional do Yoga**. 2003. Disponível em: <<http://www.aliancadoyoga.com.br/noticia/26/dia-nacional-do-yoga.html>>. Acesso em: 12 dez. 2013.
- ALMEIDA, J. R. S. de. **O oriente que há em nós: o centro Nori – um estudo de caso da prática de Yoga em Portugal**. 2003. 198 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação)–Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Portugal, Lisboa. 2003.
- APOLLONI, R. W. Entre a Cruz e o Asana: respostas cristãs à popularização do Yoga no Ocidente. **Rever**: Revista de Estudos da Religião, n. 3, p. 50-73, 2004.
- ARIEIRA, G. **O que é Vedanta?** Formação em Yoga: módulo Yoga. Florianópolis: Gita. 2013, p. 8-12.
- ARORA, A. Yoga na prática. **Cadernos de yoga**. Florianópolis, ano IX, ed. 35, p. 71-78, 2012.
- BARBOSA, C. E. **Os Yogasutras de Patañjali**. Traduzidos do sânscrito e comentado. São Paulo, 1999.
- BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOA FORMA. **Comprovado: ioga emagrece**. Disponível em: <<http://boaforma.abril.com.br/fitness/body-mind/ioga-emagrece-comprovado-500243.shtml>>. Acesso em: 05 dez. 2011.
- BOURDIEU, P. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: BOURDIEU, P. MICELI, S. (Orgs.). **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004a.
- _____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2004b.
- _____. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- _____. **O poder simbólico**. 13. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.
- BRASIL. Câmara dos Deputados do Brasil. Projeto de Lei nº 3210/2004, de 18 de março de 2004. **Institui o Dia do Yôga**. Deputado Marcelo Castro. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=157371>>. Acesso em: 17 jan. 2014.
- _____. **Constituição Federal**. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso: 17 jan. 2013.
- BURKE, P. **A escrita da História: novas perspectivas**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2001.

CABRAL, M.; REIF, R. A velha-guarda do yoga I. **Prana Yoga Journal**, ed. 08, p. 50-63, São Paulo: Iguana sports, 2007a.

_____. A velha-guarda do yoga II. **Prana Yoga Journal**, ed. 09, p. 59-65. São Paulo: Iguana sports, 2007b.

CADERNOS DE YOGA. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/cadernosdeyoga/about/>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

CADERNOS DE YOGA, n. 1, Florianópolis: Cadernos de Yoga, 2004.

CADERNOS DE YOGA, n. 2, Florianópolis: Cadernos de Yoga, 2004.

CADERNOS DE YOGA, n. 4, Florianópolis: Cadernos de Yoga, 2004.

CADERNOS DE YOGA, n. 7, Florianópolis: Cadernos de Yoga, 2005.

CADERNOS DE YOGA, n. 26, Florianópolis: Cadernos de Yoga, 2010.

CADERNOS DE YOGA, n. 29, Florianópolis: Cadernos de Yoga, 2011.

CADERNOS DE YOGA. n. 41, Florianópolis: Cadernos de Yoga, 2014.

CAES, A. L. A orientalização do ocidente: elementos reflexivos para a compreensão da interação e integração dos valores religiosos orientais e ocidentais. **Revista Mosaico**, v. 2, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2009.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: USP, 1998.

CARDOSO, C. F. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARUSO, V. A História do Yoga no Brasil. **Cadernos de Yoga**. ed. 26, ano VII, p. 48-52, 2010.

_____. **Professor Hermógenes: vida, yoga, fé e amor**. São Francisco de Paula: Bodigaya, 2012.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

CHARTIER, R. **À beira falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

COLEGIADO DE YOGA DO BRASIL – Dharmaparishad. **Manifesto**. 2002. Disponível em: <http://www.colegiadodharmaparishad.net.br/?page_id=209>. Acesso em: 03 dez. 2013.

CORDEIRO, M. Sementes do bem: buscando a história do yoga no Brasil. **Sadhana yoga Itinerante**, 09 out. 2013. Disponível em: <<http://yoga-itinerante.blogspot.com.br/2013/10/sementes-do-bem-buscando-historia-do.html>>. Acesso em: 03 mar. 2014.

CORDEIRO, T. Meditação ganha, enfim, aval científico. **Revista Veja**. 07 jul. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/meditacao-ganha-enfim-aval-cientifico>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

DAS, J.; MAHESHWARA, S. S. **A História do Yoga no Brasil: Yoga Integral**, São Paulo. Sociedade Brasileira de Yoga Integral – Yoga Integral. 2000. Disponível em: <<http://yogaintegralsaopaulo.com.br/web/sobre/historia-do-yoga-no-brasil/>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

DEROSE, L. S. A. **Yôga: mitos e verdades**. São Paulo: UniYôga, 1996.

_____. **Tratado de Yôga**. São Paulo: Nobel, 2007.

_____. **Cultura e entretenimento, tudo sobre yoga.** *Uni-Yôga*. 2010a. Disponível em: <<http://www.uni-yoga.org/cultura-e-entretenimento/tudo-sobre-yoga/#iten7>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

_____. **Método DeRose.** 2010b. Disponível em: <http://www.metododerose.org/index_novo.php>. Acesso em: 13 jun. 2012.

_____. **Quem somos.** 2010c. Disponível em: <<http://www.metododerose.org/quem-somos/>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

DE ROSE, A. **Quem trouxe o yoga para o Brasil.** Pequena Índia, 2011. Disponível em: <<http://www.yogapequenaindia.com/news/voc%C3%AA%20sabe%20quem%20trouxe%20o%20yoga%20para%20o%20brasil/>>. Acesso em: 30 mar. 2011.

_____. O Cenário do ioga no Brasil. **O Globo.** Por Ronald Villardo em 14 jul. 2012, atualizado em 15 set. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/o-cenario-do-ioga-no-brasil-esta-uma-bagunca-diz-andre-de-rose-5478085>>. Acesso em 15 dez. 2013.

DEVANANDA, S. V. **O livro de yoga completo e ilustrado.** Porto Alegre: International Sivananda Yoga Vedanta Centers, 2004.

ELIADE, M. **Yoga: imortalidade e liberdade.** 4. ed. São Paulo: Palas Athena, 2009.

EU MAIOR. **Entrevista com Hermógenes.** 2013. Disponível em: <<http://www.eumaior.com.br>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

FACULDADE ESPÍRITA. **Pós-graduação em Yoga.** 2010. Disponível em: <<http://www.faculdadeespirita.com.br/cursos/pos-graduacao/yoga>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

FEBVRE, L. **Combates pela história.** 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FERNANDES, E.; ROCHA, V. M. A imagem do Yoga como terapia e como ginástica: uma construção ocidental. **Vivência Artigos.** Rio Grande do Norte, n. 29, p. 311-326, 2005.

FEUERSTEIN, G. **A tradição do Yoga.** São Paulo: Pensamento, 2006.

_____. Estilos contemporâneos de Hatha Yoga. **Cadernos de Yoga.** Florianópolis, ed. 37, ano X, 2013.

FRENTE UNIDA PELA AUTONOMIA PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO E DAS TRADIÇÕES CULTURAIS. **Manifesto.** Rio de Janeiro. 2002. Disponível em: <<http://www.exneef.libertar.org/wp-content/uploads/2011/09/manifesto-da-Frente-Unida-pela-autonomia-profissional-e-das-tradi%C3%A7%C3%B5es-culturais.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

GNERRE, M. L. Identidades e paradoxos do yoga no Brasil: caminho espiritual, prática de relaxamento ou atividade física? **Fronteiras.** Dourados: UFGD, v. 12, n. 21, p. 247-270, jan./jun. 2010.

_____. História do Yoga e das religiões orientais no Brasil: uma abordagem de 1950 aos dias atuais. Relatório de pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Desenvolvimento Científico Regional/CNPq/Fapesq, 2011.

_____; SCHENKEL, K. M. Passatempo relaxante, caminho espiritual ou esporte radical? Algumas representações discursivas do Yoga no Ocidente. **Religare.** João Pessoa: UFPB/PB, v. 8, n. 1, p. 23-34, 2011.

GULMINI, L. C. **O Yogasutra, de Patañjali: tradução e análise da obra, à luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e lingüísticos.** 2002. 455 p. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HERMÓGENES, J. **Yoga para nervosos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1969.

- _____. **Convite à não-violência**. Rio de Janeiro: Record, 1974.
- _____. **Yoga, caminho para Deus**. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- _____. **Canção universal**. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- _____. **Deus investe em você**. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- _____. **O essencial da vida**. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- _____. **Saúde plena**: Yogaterapia. Rio de Janeiro: Nova Era, 1992.
- _____. **Saúde na terceira idade**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1996.
- _____. **Autoperfeição com Hatha Yoga**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2010.
- HERMÓGENES o filme. Direção: Bárbara Tavares. Rio de Janeiro: Bodhgaya films, 2015. Disponível em: <<http://www.hermogenesofilme.com/>>. Acesso em: 13 jan. 2016.
- HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- IGREJA EXPECTANTE. **Galeria de patriarcas**. 1978. Disponível em: <http://www.igrejaexpectante.org/igreja_patriarcas.htm>. Acesso em: 6 fev. 2013.
- _____. **A Sucessão Apostólica da Igreja Expectante**. 1990. Disponível em: <http://www.igrejaexpectante.org/not_20080404_sucessao.htm>. Acesso em: 19 nov. 2014.
- _____. **Galeria de patriarcas – Sri Sevânanda Swami**. Out./nov. 1991. Disponível em: <http://www.igrejaexpectante.org/patriarcas_sevananda.htm>. Acesso em: 19 de fev. 2014.
- IYENGAR, B. K. S. **Luz na vida**: a jornada da ioga para a totalidade, a paz interior e a liberdade suprema. São Paulo: Summus, 2007.
- KALYAMA, A. **Yoga**: repensando a tradição. São Paulo: Ibrasa, 2003.
- KUPFER, P. **História do yoga**. 2. ed. Florianópolis: Fundação Dharma, 2000.
- _____. **Yoga prático**. Florianópolis: Fundação Dharma, 2001.
- _____. **Perigos do yoga vira-latas**. Super Interessante. Seção Saúde, 31 maio 2004. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/saude/perigos-yoga-vira-latas-444521.shtml>>. Acesso em: 4 abr. 2014.
- _____. **Shiva Samhita**: coleção de ensinamentos de Shiva. Yoga.pro.br, 2005. Disponível em: <<http://www.yoga.pro.br/artigos/449/3018/shiva-samhita-colecao-de-ensinamentos-de-shiva>>. Acesso em: 05 de ago. 2013.
- _____. Patañjali, o tântrico. In: MASETTI, J. (Org.). **Fundamentos do yoga**. Rio de Janeiro: Vidya Mandir, 2013. p. 113-119.
- LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LEITE, R. **Yoga Brasil**. 2002. Disponível em: <<https://www.mail-archive.com/yogabrasil@yahoogrupos.com.br/msg00032.html>>. Acesso em: 3 abr. 2014.
- MACIEL, L. Benefícios da meditação. **Revista Viva Saúde**, São Paulo, ed. 107, 13 maio 2013. Disponível em: <<http://revistavivasaude.uol.com.br/bem-estar/beneficios-da-meditacao/556/>>. Acesso em: 28 dez. 2013.
- MASETTI, J. **Fundamentos do yoga**. Rio de Janeiro: Vidya-Mandir, 2013.

MELO, C. Dakshinamurti, ensinamentos através da sua metodologia. In: MASETTI, J. (Org.). **Fundamentos do yoga**. Rio de Janeiro: Vidya-Mandir, 2013. p. 151-154.

MIRANDA, C. **Só envelhece quem quer**. São Paulo: Freitas Bastos, 1960.

_____. **Assim ouvi do mestre**. São Paulo: Freitas Bastos, 1961.

_____. **A libertação pelo yoga**. 3. ed. São Paulo: Freitas Bastos, 1963.

_____. **Hatha-yóga: a ciência da saúde perfeita**. 2. ed. São Paulo: Freitas Bastos, 1966.

_____. **A grande chama**. São Paulo: Freitas Bastos, 1968.

_____. **Ajude a curar sua neurose** (Laya-yóga). São Paulo: Freitas Bastos, 1969a.

_____. **Hatha o ABC do Yoga**. São Paulo: Edições de Ouro, 1969b.

MIRANDA, L.; MIRANDA, L. **A chama do coração: uma releitura das obras de Caio Miranda**. São Paulo: Caravansaraí, 2013.

MONTEIRO, K. **Respira fundo: entrevista com professor Hermógenes**. 2007. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/152/negras/home.htm>>. Acesso em: 15 de jan. de 2013.

NUNES, T. **Do corpo, a consciência; do corpo à consciência: o significado da experiência corporal em praticantes de Yoga**. 2008. 166 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. A saúde na perspectiva do Yoga. **Cadernos de Yoga**. Florianópolis, ano VIII, ed. 32, p. 58-81, 2011a.

_____. **O Yoga nos Shastras**. Vida de Yoga, 2011b. Disponível em: <<http://www.vidadeyoga.com.br/?p=1953>>. Acesso em: 03 jun. 2011.

_____. Os tratados clássicos de Hatha Yoga. **Formação em Yoga: módulo Yoga**. Florianópolis: Gita, 2013a, p. 21-29.

_____. Simbolismo Védico. **Formação em Yoga: módulo Yoga**. Florianópolis: Gita, 2013b, p. 120-152.

OLIVEIRA, P. A. R. de. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, F. (Org.). **Sociologia da Religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

O MARTINISMO NO BRASIL. 2000. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/Athens/Stage/4223/martbrasil.html>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

ORTEGA, R. **Yoga Brasil**. 2010. Disponível em: <<https://www.mail-archive.com/yogabrasil@yahoogroups.com.br/msg00032.html>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

PEREIRA, C.; TARANTINO, M. Todo o poder da ioga. **Revista Isto É**. São Paulo, n. 2.169. Publicado em 04 jun. 2011. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/140391_TODO+O+PODER+DA+IOGA>. Acesso em: 20 maio 2014.

PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf>.

REVISTA BOA FORMA. São Paulo: Editora Abril, 2011.

REVISTA ISTO É. São Paulo: Editora Três, jun. 2011.

- REVISTA PRANA YOGA JOURNAL, São Paulo: Iguana Sports, dez. 2006.
- REVISTA PRANA YOGA JOURNAL, São Paulo: Iguana Sports, fev. 2007.
- REVISTA PRANA YOGA JOURNAL, São Paulo: Iguana Sports, maio 2007.
- REVISTA PRANA YOGA JOURNAL, São Paulo: Iguana Sports, jul. 2007.
- REVISTA PRANA YOGA JOURNAL, São Paulo: Iguana Sports, maio 2010.
- REVISTA PRANA YOGA JOURNAL, São Paulo: Iguana Sports, mar. 2007.
- REVISTA PRANA YOGA JOURNAL, São Paulo: Iguana Sports, dez. 2010/jan. 2011.
- REVISTA PRANA YOGA JOURNAL, São Paulo: Iguana Sports, mar. 2008.
- REVISTA PRANA YOGA JOURNAL, São Paulo: Iguana Sports, mar. 2010.
- REVISTA QUEM, Rio de Janeiro: Editora Globo, set. 2005.
- REVISTA VEJA, São Paulo: Editora Abril, nov. 2003.
- RIBEIRO, P. A Velha-Guarda do Yoga III. **Prana Yoga Journal**. 10 ed., São Paulo: Iguana Sports, p. 79-83, 2007.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.
- SAID, E. W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANTOS, S. **Escala evolutiva**: sistema de avaliação e hierarquia da Universidade de Yoga. São Paulo: Martin Claret, 1999.
- SARVANANDA, S. (Georg Kritikos). **Memórias**: 1922-1960. Belo Horizonte: Edifratr, 2000.
- SARVAS ANANDA. **Sobre os Sarvas Ananda**. 2009. Disponível em: <<http://sarvasananda.com.br/?op=conteudo&id=126&menuId=156>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- SEVANANDA, S. **O homem, esse conhecido**. Belo Horizonte: Vinte e Dois, 1986.
- SILVA, A. C. T. da. **O tempo e as imagens de mídia**: capas de revistas como signos de um olhar contemporâneo. Maringá: EdUEM, 2011.
- SILVA, R. V. C. da S. **Aprendendo a ficar em paz**: estudo do Swásthya Yôga no campo das iogas. Rio de Janeiro: UFRJ, IFCS, PPGSA, 2010. 269p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas)–Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2010.
- SIMÕES, R. S. **O papel dos klesas no contexto moderno do ioga no Brasil**: uma investigação sobre os possíveis deslocamentos da causa do mal e da produção de novos bens de salvação por meio da fisiologia biomédica ocidental. 175 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SOUZA, R. Tantra sankhya yoga: também conhecido como Upanishads. In: MASETTI, J. (Org.). **Fundamentos do Yoga**. Rio de Janeiro: Vidya Mandir, 2013. p. 122-127.
- STRAUSS, S. **Re-Orienting Yoga**: transnational flows from an Indian Center. 1997. Tese (Doutorado em Antropologia)–Universidade da Pensilvânia, EUA. 1997.

TACCOLINI, M. **Yoga Brasil**. Resposta do Marcos Taccolini ao DeRose. 16 ago. 2006. Disponível em: <<https://www.mail-archive.com/yogabrasil@yahoo grupos.com.br/msg00032.html>>. Acesso em: 3 abr. 2014.

TODOROV, T. **Nós e os outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

_____. **A conquista da América**: a questão do outro. 3. ed. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

USARSKI, F. A retórica de aniquilação: uma reflexão paradigmática sobre recursos de rejeição a alternativas religiosas. **Revista estudos da Religião**. São Paulo. PUC/SP. n. 1, p. 91-111, 2001.

YOGANANDA, P. **Autobiografia de um iogi**. São Paulo: Self-realization, 2002.

_____. **A yoga de Jesus**. São Paulo: Sel-Realizarion, 2013.





Diagramação, Impressão e Acabamento



Assis - SP
Fone: (18) 3322-5775
Fone/Fax: (18) 3324-3614
vendas@graficatriunfal.com.br
www.graficatriunfal.com.br